

**PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
AÇÃO EDUCATIVA**

**PEDAGOGIA DA TERRA – UMA AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
(RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA)**

Coordenação: Dr Erineu Foerste

Vitória/ES - Março de 2004

SUMÁRIO

1. **Introdução**, p. 1
 2. **Metodologia**, p. 3
 3. **Antecedentes da Criação do Curso Pedagogia da Terra/ES**, p. 5
 4. **Marco Histórico do Objeto de Estudo**, p. 8
 5. **Formação de professores de Assentamentos: Uma Parceria entre o INCRA, MST e UFES na Construção Coletiva de uma Educação no/do Campo**, p. 10
 - 5.1. **Das competências das instituições conveniadas**, p. 14
 - 5.2. **Avaliando aspectos da parceria**, p. 12
 6. **O Curso em Foco**, p. 18
 - 6.1. **Projeto político-pedagógico do curso**, p. 19
 - 6.2. **Do corpo discente do Curso Pedagogia da Terra/ES**, p. 21
 - 6.3. **Do corpo docente do Curso Pedagogia da Terra/ES**, p. 26
 - 6.4. **Do espaço físico**, p. 30
 7. **Avaliando o Curso Pedagogia da Terra/ES**, p. 32
 8. **Considerações Finais**, p. 37
 9. **Referências Bibliográficas**, p. 38
- Lista de Anexos**, p 42

PEDAGOGIA DA TERRA: UMA AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO¹

Erineu Foerste/UFES²

“Resumindo, o que eu queria dizer é que a Universidade não é de uma cor, ela tem que ser de todas as cores: branco, preto, amarelo, vermelho. E se ela não tiver possibilidade de pintar a cara do povo, que o povo mesmo a pinte.” (Cícera, aluna da Segunda Turma de Pedagogia da Terra/ES).

1. Introdução

O presente estudo vincula-se ao projeto de pesquisa: *Avaliação do Programa de Educação na Reforma Agrária* desenvolvido pela parceria do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – INCRA/PRONERA com a Ação Educativa. A partir de convênios firmados entre o INCRA, MST e Universidade, no momento estão sendo oferecidos cursos de Pedagogia a professores de assentamentos em vários Estados do país (RS, MS, MT, RO, PA, ES, RN).

Experiências acumuladas em programas de formação de professores de assentamentos,³ em nível de terceiro grau, demandam pesquisas acadêmicas, com objetivos de avaliar o alcance de metas, emprego de recursos materiais e humanos. Para o PRONERA interessa basicamente fundamentar discussões para a implementação de políticas públicas que consolidem uma proposta de educação no/do campo.

Como se pode resgatar através dos quatro volumes da coleção de cadernos *Por uma Educação do Campo*, o projeto de educação do MST é uma bandeira importante nas lutas dos Sem Terra, adquirindo impulso nos últimos anos para a implementação de políticas públicas na formação dos trabalhadores rurais de renda familiar (Kolling *et al.*, 1999; Arroyo e Fernandes, 1999; Benjamin e Caldart, 2000; Kolling *et al.*, 2002). Em julho de 1997, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST realizou em

¹ Participaram como equipe de apoio nesta pesquisa, os seguintes mestrandos do PA DE Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo - PPGE/UFES Andreia B. Locatelli, Charles Moretto, Elieser T. Zen e Marinete S. M. Martins.

² Professor da Universidade Federal do Espírito Santo, com doutorado em educação. Faz parte do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/UFES. E-mail: foerste@npd.ufes.br

³ Desde sua fundação, o MST tem como uma de suas bandeiras a educação. A formação e certificação de professores de assentamentos iniciou-se em 1990, com o Curso Normal de Nível Médio, na *Fundação de Desenvolvimento e Pesquisa da Região – FUNDEP*. Desde 1997, a coordenação desses projetos ficou ao encargo do *Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária – ITERRA*, em Veranópolis/RS.

Brasília/DF o *I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária – ENERA* (em parceria com a Universidade de Brasília – UnB, Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB). Os trabalhos tiveram continuidade, culminando com a realização em julho de 1998 em Luziânia – GO, da *I Conferência Nacional: Por uma Educação Básica do Campo*. Mais uma vez percebeu-se que os debates precisavam ser aprofundados através do *Seminário Nacional por uma Educação do Campo*, que ocorreu em novembro de 2002 em Brasília/DF. Este seminário constitui-se como um marco histórico nas lutas dos trabalhadores rurais sem terra, pois, a partir dele o MST adotou uma concepção de educação que vai para “além do final do Ensino Médio e também dos limites da escola formal” (Kolling *et al.*, 2002, p. 7). O MST e movimentos sociais do campo organizados mobilizam esforços coletivos de reflexão e de mobilização pela construção de um projeto educativo que valorize as especificidades do campo.

Através de pesquisas busca-se aprofundar gradativamente um levantamento sistemático e longitudinal de dados, que permitam iniciar avaliações quantitativas e qualitativas de possíveis impactos das parcerias educacionais firmadas entre diferentes instituições, por meio de programas de formação, em desenvolvimento atualmente pelo INCRA, nos assentamentos da reforma agrária.

Um olhar inicial sobre a educação em assentamentos da reforma agrária no ES permite identificar um quadro que aponta para a necessidade de políticas públicas de educação no/do campo. Nos 70 assentamentos existentes conforme o INCRA, foram assentadas 3.373 famílias, totalizando 8.943 pessoas. Há apenas 11 indivíduos com formação completa de nível superior e 14 incompleta, em diferentes áreas do conhecimento humano. Identificaram-se 852 analfabetos (INCRA (2000a e 200b). Se os assentamentos, em dados disponíveis na Secretaria do MST/ES em agosto de 2003 (*apud* Pereira, 2003), contam com um número total de 141 professores,⁴ logo há uma demanda significativa de docentes que necessita de formação em nível de terceiro grau nos assentamentos do Estado do Espírito Santo atualmente.

⁴ O termo *professor* foi utilizado neste relatório de pesquisa intencionalmente. Está referido às discussões acumuladas nas lutas do magistério pelo resgate da profissão do professor, vinculando-se a uma referencial teórico baseado em pesquisas acadêmicas sobre o processo de profissionalização docente (Foerste, 2002). Vale ressaltar que no âmbito desse debate, o professor dispõe de saberes profissionais, construídos na interface entre a prática docente e o conhecimento acadêmico. Todavia, nas relações sociais todo indivíduo pode exercer em alguma medida papel de educador, mas o professor é qualificado e socialmente legitimado para o trabalho docente na escola.

Sem dúvida essa situação coloca a necessidade de concentração de esforços para explicitar melhor essa situação concreta de escolarização precária dos trabalhadores rurais de assentamentos. Cabe questionar, como pano de fundo no cenário desta pesquisa, qual tem sido o papel instituído e legitimado dos órgãos governamentais nas diferentes esferas do poder público em nosso país, para assegurar uma educação no/do campo com qualidade, como um direito dos cidadãos e dever do Estado? Em vários momentos, essa problemática veio à tona nos depoimentos dos sujeitos envolvidos no processo de coleta de dados. Tanto os estudantes entrevistados da Primeira Turma como da Segunda Turma do Curso Pedagogia da Terra/ES falam indignados a respeito da precariedade do funcionamento das escolas nos assentamentos, os quais não dispõem de condições básicas de infra-estrutura. O professor se sente sobrecarregado, porque se vê forçado a acumular funções de direção, secretaria, coordenação, servente, entre outras, além de seu vínculo empregatício ser de caráter temporário (apenas três professores são efetivos). Como não se conta ainda com professores formados em nível superior nas diferentes licenciaturas, o docente acaba acumulando atribuições para as quais nem sempre se está qualificado profissionalmente. Essa situação se arrasta há anos no contexto da educação básica no ES, sem perspectiva de mudança em curto prazo.

Em face disso, cabe ressaltar que as investigações sobre o Curso de Pedagogia da Terra/ES, neste momento, focalizaram basicamente a avaliação que fazem do curso os sujeitos nele envolvidos (estudantes, professores, coordenadores, lideranças de assentamentos, entre outros). Buscou-se captar aspectos relacionados ao processo de planejamento, implementação e avaliação do curso em suas diferentes fases. Que fatores sociais e institucionais favorecem ou dificultam o cumprimento de metas e sua sustentabilidade? Quais são os avanços, inovações e valores agregados, bem como problemas, dificuldade e impasses principais? Já se podem identificar inovações pedagógicas significativas nas lutas pela construção de uma educação no/do campo?

2. Metodologia

A metodologia adotada neste estudo de caso sobre o curso *Pedagogia da Terra*, da Universidade Federal do Espírito Santo segue os princípios avaliativos da *interatividade*, *multiplicação* e *participação* adotados pelo PRONERA. Combinaram procedimentos quantitativos e qualitativos de investigação.

A coleta dos dados centrou-se na análise documental e na percepção dos educadores e alunos sobre o curso. Procedeu-se, inicialmente, ao levantamento criterioso de documentos relativos à estruturação da proposta do curso para as duas turmas especiais (a Primeira Turma, concluída, a Segunda Turma em andamento). Foram catalogados projetos, relatórios elaborados pelos segmentos institucionais participantes do curso (Universidade, MST/INCRA); atas de reuniões, planos de curso e avaliações etc.).

A coleta de dados realizou-se *in loco* durante quatro dias intensivos de permanência no Pólo Universitário de São Mateus – ES (200 Km distante de Vitória, ao norte do ES), no mês de fevereiro. Na ocasião desenvolviam-se atividades relativas à terceira etapa (período da Segunda Turma) do curso. A etapa havia iniciado em cinco de janeiro com finalização prevista para o dia 13 de fevereiro. No período de coleta de dados *in loco*, foram realizadas observações diretas em sala de aula, acompanhadas dinâmicas cotidianas da organização do espaço-tempo do grupo em atividades de ensino-pensagem; diagnosticadas condições de infra-estrutura física e acadêmica do ambiente em que se realiza o curso, desde a Primeira Turma.

A percepção de professores e alunos sobre o curso em seu processo de criação, gestão e desenvolvimento foi buscada através de questionários aplicados a 58 dos alunos da Segunda Turma (01 estudante não respondeu o questionário); de entrevistas semi-estruturadas gravadas e não-gravadas, realizadas com alunos da Segunda Turma (grupos focais e entrevistas individuais) Também foram entrevistados alunos da Primeira Turma do curso (um grupo focal e entrevistas individuais).

Também foram realizadas entrevistas gravadas e não-gravadas com professores da Universidade, que ministraram atividades ao longo do curso para a Primeira Turma e Segunda Turma., a coordenadora do curso na UFES, os coordenadores do curso no MST e asseguradora do INCRA. As entrevistas gravadas foram transcritas. Adotou-se o caderno de campo, onde cada pesquisador foi registrando impressões pessoais e dados que julgava pertinentes aos objetivos dos estudos. Algumas atividades foram filmadas e/ou fotografadas.

Foi realizada uma visita ao assentamento Palmeira, no Km 41 da Rodovia São Mateus a Nova Venécia, a fim de diagnosticar preliminarmente possíveis mudanças/contribuições e/ou entraves provocados pela introdução de novos saberes construídos na interação dos educadores do assentamento com a academia. A visita realizou-se durante um dia, com acompanhamento de uma aluna da Segunda Turma e

um ex-aluno do curso, em seus contextos de trabalho e família. A atividade estendeu-se ao longo de um dia de Domingo, em que se tomou parte de uma celebração religiosa. Além das observações feitas no campo, realizaram-se entrevista gravadas e não-gravadas, com uma professora que reside no assentamento, bem como com uma senhora do assentamento com o coordenador do assentamento, em grupo e individualmente. Foram feitas fotografias e filmagens.

Vale registrar que em todos os momentos reinou na relação entre os pesquisadores e os sujeitos envolvidos na parceria. INCRA/MST/UFES, um espírito de colaboração e de diálogo. Sem dúvida isso favoreceu coleta do maior número possível de dados quantitativos e qualitativos sobre o objeto em estudo, em suas múltiplas interfaces.

3. Antecedentes da Criação do Curso Pedagogia da Terra/ES

O *Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia para Educadores e Educadoras da Reforma Agrária* (Pedagogia da Terra) no Estado do Espírito Santo⁵ foi criado no final de 1999 pela parceria entre o Movimento Sem Terra/Centro Integrado de Desenvolvimento dos Assentados e Pequenos Agricultores do Espírito Santo – MST/CIDAP,⁶ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – INCRA/PRONERA e Universidade Federal do Espírito Santo - UFES.⁷

⁵ Um breve resgate de aspectos da história do Curso de Pedagogia/UFES remete a 1972, ao Departamento de Pedagogia do Centro de Estudos Gerais (grosso modo, este equivalia às Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras do período anterior à Reforma Universitário - Lei de nº 5.540/68). Em 1975 foi criado o Centro Pedagógico, tendo o Curso de Pedagogia habilitações, como: Supervisão, Administração Escolar, Orientação. A partir de 1990, foram feitas reformas curriculares dando ênfase na formação de Professores de 1ª à 4ª Séries e Educação Infantil. Atualmente o Centro de Educação/UFES oferece um Curso de Especialização *lato sensu* em Pedagogia, qualificando especialistas de educação para exercerem funções de Orientação, Supervisão, Administração Escolar.

⁶ O *Centro Integrado de Desenvolvimento dos Assentados e Pequenos Agricultores/ES* foi fundado em dezembro de 1987. Caracteriza-se como uma associação sem fins lucrativos, objetivando negociar projetos e programas para assentamentos. Tem um caráter jurídico para representar o MST. Hoje conta com uma sede construída numa área de 10 hectares (doada pelo Assentamento de Juerana) localizada no Km 44 da Rodovia São Mateus - Nova Venécia. O CIDAP vem cumprindo um papel significativo enquanto Centro de Formação do MST.

⁷ Conforme depoimentos da professora Julieta Ida Dallapione (2002), durante a realização da *II Conferência Estadual por uma Educação Básica do Campo*, realizada em Porto Alegre/RS, no mês de abril de 2002, em 1997 a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/UNIJUI iniciou, através de convênio entre o INCRA/MST/UNIJUI, a primeira turma de formação de professores de assentamentos do MST em nível superior, por meio do *Curso de Pedagogia para Formação de Professores do Ensino Fundamental e Coordenadores da Escolarização dos Assentamentos de Reforma Agrária*, cujo curso logo passou a ser chamado de *Pedagogia da Terra*.

A organização do Movimento Sem Terra no Estado do Espírito Santo, assim como no Brasil, remete às Comunidades Eclesiais de Base – CEBs (e Comissão Pastoral da Terra – CPT, criada em Goiânia em 1975 e no ES no ano seguinte), com significativo impulso a partir da década de 1970, auge da Ditadura Militar.⁸ Os trabalhadores rurais sem terra e agricultores de renda familiar organizaram-se para partilhar problemas e encaminhar possíveis lutas pela conquista de condições dignas de vida, da cidadania. Isso possibilitou uma pedagogia popular que favoreceu discussões a partir de problemas concretos vividos pelo homem oprimido do campo, estimulando processos de reflexão individuais e coletivos. A ênfase dos trabalhos desenvolvidos desde então passou a recair sobre a conscientização no sentido sistematizado por Paulo Freire, formação de lideranças e animação de grupos.

Os trabalhadores rurais Sem Terra organizaram o MST no ES em 1983, em São Mateus – ES. O primeiro assentamento ocorreu no município de Jaguaré – ES, em 13 de setembro de 1983. Ficou conhecido como *Assentamento Córrego de Areia*, beneficiando um total de 31 famílias de trabalhadores rurais desempregados em São Mateus.

As lutas pela terra no Estado do Espírito Santo, conforme análises feitas por Pizzeta (1999), podem ser agrupadas em cinco períodos fundamentais, a saber: Primeiro período (a terra negociada – 1983 a 1984); segundo período (esgotamento da estratégia anterior e implantação do MST/ES – 1985 a 1988); terceiro período (imprevisto: conflito, repressão e refluxo – 1989 a 1991); quarto período (resistindo à violência: novos aliados/novas lutas – 1992 a 1994); quinto período (consolidação e expansão do MST – a partir de 1995).

As organizações dos trabalhadores rurais Sem-Terra pela conquista de um pedaço de chão, para garantir a subsistência familiar, no Estado Espírito Santo ampliaram-se significativamente desde 1983, em cujo movimento a bandeira da educação como um direito fundamental dos Sem-Terra sempre se faz presente. O ocorre que os altos índices de analfabetismo nesse segmento social, a necessidade de garantir às crianças que acompanham seus pais na luta pela terra o direito de escolarização e, sobretudo, o fato dos trabalhadores rurais sem terra defenderem em suas lutas a relevância da educação formal e informal como meio que pode favorecer o processo de transformações sociais, vem mobilizando o MST e diferentes grupos da sociedade civil

⁸ Na época, o êxodo rural no ES registrou um total de 146.930 trabalhadores rurais. Um total de 11.294 propriedade de renda familiar foram extintas. O aumento populacional nas cidade nesta época atingiu um total de 79,15%.

para garantir o direito dos trabalhadores rurais a uma escola voltada para as necessidades do homem do campo.

O MST instituiu em 1984 a primeira escola de assentamento no ES, assessorado por uma equipe de professores da *Escola Família Agrícola* de Jaguaré (pedagogia da alternância). Muitas lutas foram travadas para que o governo estadual e prefeituras municipais se responsabilizassem por oferecer infra-estrutura das escolas, aceitassem critérios colocados pelo movimento para seleção de professores em escolas de assentamentos, garantissem pagamento em dia de salários da equipe escolar, oferecessem material didático e dessem reconhecimento oficial e legal do projeto educativo construído coletivamente pelos Sem-Terra.

Em 1987 organizou-se o *I Seminário Nacional de Educação em Assentamentos*, realizado em São Mateus nos dias 27 a 30 de julho. Houve participação de comitivas de treze estados do país. Das discussões acumuladas nas múltiplas frentes de luta do MST por uma educação no/do campo, criou-se o *Coletivo Nacional de Educação do MST* neste mesmo ano. Desde então encontra destaque na pauta das lutas por uma educação diferenciada, a necessidade de programas institucionalizados de formação política e pedagógica dos professores de assentamento.

Foi partindo disso que em 1989 o MST, através do Centro Integrado de Desenvolvimento dos Assentados e Pequenos Agricultores do Estado do Espírito Santo – CIDAP inaugura sua primeira parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo através de cursos de extensão nas áreas de Pedagogia, Administração e Agronomia. Em Pedagogia foram oferecidos até 1992 cursos nas diferentes áreas do conhecimento buscando qualificar professores de séries iniciais do ensino fundamental em escolas de assentamento.

Em 30 de maio de 1994 o Setor de Educação do MST/ES, após negociação com a UFES, encaminha pedido à Coordenação Universitária do Norte do Espírito Santo – CEUNES (campus avançado da UFES em São Mateus) solicitando uma nova parceria entre a UFES, Secretaria de Estado de Educação do Espírito Santo – SEDU e MST para a criação do *Curso de Habilitação para o Magistério*. Reivindicava-se uma formação que atendesse às especificidades da educação em assentamentos. Em face das dificuldades legais encontradas, firmou-se finalmente convênio entre o MST/CIDAP e a Escola de I e II Graus *Santo Antônio*, localizada em São Mateus. O curso foi iniciado em julho de 1995, no Centro de Formação do CIDAP. Os estudantes da primeira turma,

tão logo concluíram seus estudos, mobilizaram-se para iniciar negociações com a UFES, através do Setor de Educação do MST. Assim tiveram início negociações entre lideranças do Setor de Educação do MST e Universidade para a construção de um programa interinstitucional que concretizasse a oferta do Curso de Pedagogia da Terra no ES.

4. Marco Histórico do Objeto de Estudo

A parceria entre o Movimento Sem Terra/Centro Integrado de Desenvolvimento dos Assentados e Pequenos Agricultores do Espírito Santo – MST/CIDAP, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – INCRA/PRONERA e Universidade Federal do Espírito Santo – UFES foi firmada em 1999. A oferta do total de 60 vagas do *Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia para Educadoras e Educadores da Reforma Agrária MST/ES* tornou-se realidade com a assinatura do Convênio de nº 2001/1999, publicado no Diário Oficial da União - DOU em 08 de novembro de 1999.

A Segunda Turma do Curso de Pedagogia da Terra passou a ser oferecida pela Universidade Federal do Espírito Santo, a partir da assinatura do Convênio de nº 11.000/2002, em dezembro de 2002, com publicação no DOU em 26 de dezembro de 2002, entre o INCRA, CIDAP/MST e UFES.

Os valores em reais orçados para oferta de cada uma das turmas não foram atualizados desde 1999. O montante total por turma atinge a soma de R\$ 780.540,00 (setecentos e oitenta mil e quinhentos e quarenta reais), sendo R\$ 432.000,00 (quatrocentos e trinta e dois mil reais) da competência do INCRA e R\$ 348.540,00 (trezentos e quarenta e mil e quinhentos e quarenta reais) do CIDAP.

Segundo dados apresentados no projeto de curso vigente - *Turma Especial de Pedagogia para Educadoras e Educadores das Escolas de Assentamento de Trabalhadores Rurais do Brasil* (Segunda Turma Pedagogia da Terra/ES) -, o Estado do Espírito Santo conta com 38 núcleos de assentamentos e 10 acampamentos. Estão cadastradas um total aproximado de 2.100 famílias. Encontram em funcionamento em assentamentos e acampamentos no ES 34 escolas, para atender a uma demanda aproximada de 2000 alunos.⁹

⁹ Estes mesmos dados aparecem citados no projeto de curso da Primeira Turma. Em seu estudo, Carvalho (2002) aponta que o ES tinha em 2001 57 assentamentos (2.834 famílias) e 5 acampamentos (700 famílias)

Pereira (2003) utiliza em suas análises recentes sobre educação no MST no ES dados publicados em agosto de 2003, conforme mostram tabelas a seguir:

Tabela nº 1 - Situação dos assentamentos e acampamentos no ES em 2003

Assentamentos	
nº de municípios.....	29
nº de assentamentos.....	59
nº de famílias.....	3.010
Acampamentos	
nº de município.....	7
nº de acampamentos.....	12
nº de famílias.....	1.254

Fonte: Secretaria do MST/ES, agosto de 2003¹⁰

Tabela nº 2 - Situação da educação dos assentamentos no ES em 2003

nº de Escolas Atendidas	
Educação Infantil.....	16
De 1ª à 4ª.....	36
De 5ª à 8ª.....	8
Ensino Médio.....	-
Educação de Jovens e Adultos ¹¹	45
nº total de unidades escolares ¹²	37
nº de Educandos	2.428
nº de Educadores	141

Fonte: Secretaria do MST/ES, agosto de 2003¹³

A demanda total atendida pela Segunda Turma do Curso Pedagogia da Terra soma 59 professores, que atuam em escolas de assentamentos e/ou outros movimentos organizados do campo. Dos matriculados, 43 são do ES, 14 da BA e 2 do RJ.¹⁴ Nesta turma o MST destinou quatro vagas a professores que trabalham em escolas e/ou atividades educativas do Movimento de Pequenos Agricultores – MPA (02 vagas), da Escola Família

¹⁰ Citado por Pereira (2003, p. 85).

¹¹ A Educação de Jovens de Adultos está com trabalho organizado em assentamentos e acampamentos.

¹² Como registra Pereira (2003), esse número de estabelecimentos escolares corresponde à totalidade de educandários em funcionamento atualmente nos assentamentos no Estado do ES. Observa-se que em algumas escolas oferta-se Educação Infantil, Séries Iniciais do Ensino Fundamental e EJA. Até o momento registrou-se apenas o funcionamento da segunda fase do Ensino Fundamental (5ª à 8ª séries) em apenas uma escola de assentamento.

¹³ Citado por Pereira (2003, p. 86),

¹⁴ Ver Gráfico 2 no anexo de nº 04.

Agrícola – EFA (01 vaga) e das Escolas Comunitárias Rurais – ECR (01 vaga), conforme se pode observar na tabela nº 03.

Tabela nº 3 – Assentamentos e professores atendidos

22 de Julho	1
27 de Outubro	1
Bela Vista	4
Boa Esperança	1
Campo Alegre	1
Castro Alves	3
Chico Mendes	1
Conquista do Rio Pardo	1
Escola Comunitária Rural/ECR	1
Escola Família Agrícola/EFA	1
Florestan Fernandes	2
Francisco Domingos Ramos	1
Movimento dos Pequenos Agricultores/MPA	2
Nova Esperança	1
Nova Vitória	2
Olinda II	1
Otaviano de Carvalho – Itamira	1
Paulo Vinhas	2
Pip-Nuck	4
Piranema	3
Primeiro de Abril	1
Riacho do Palmeira	1
Rosa do Prado	1
Terra Nova	1
Thomazini	2
Três Irmãos	4
Valdício Barbosa dos Santos	2
Vale da Vitória	1
Vale Ouro	2
13 de Maio	1
13 de Setembro	2
17 de Abril	3
Zumbi	1
Zumbi dos Palmares	2
Total de alunos	58

5. Formação de Professores de Assentamentos: Uma Parceria entre o INCRA, MST e UFES na Construção Coletiva de uma Educação no/do Campo

Para os sujeitos envolvidos no processo, sobretudo os alunos do curso, professores e coordenadores (MST e Universidade), a parceria entre as diferentes instituições constitui-se como uma prática articuladora indispensável para a oferta do curso. Entende-se que dificilmente seriam alcançados os bons resultados obtidos até o momento na formação em nível superior de professores de assentamentos se instituições

como o INCRA, MST/CIDAP e UFES não se unissem para somar esforços no sentido de garantir algumas condições básicas para o funcionamento do curso.

Tanto estudantes, como professores e coordenadores frisaram a importância do convênio para o êxito do Curso Pedagogia da Terra/ES. Os professores de assentamentos percebem que, a partir do curso, estão encontrando condições concretas que lhes oportunizam um desenvolvimento profissional sem precedentes na história dos trabalhadores rurais sem terra. Acreditam que a qualidade da educação nos assentamentos beneficiados pelo Curso Pedagogia da Terra/ES é um dos ganhos mais destacados na luta por uma educação voltada para a realidade do campo.

5.1. Das competências das instituições conveniadas

Quanto ao INCRA, destacam-se as seguintes competências:

- a) acompanhar e orientar os trabalhos conveniados, através de técnicos devidamente habilitados, verificando a exata aplicação dos recursos do convênio e avaliando os resultados, em conjunto com a Coordenação Nacional do PRONERA;*
- b) prestar, ao CIDAP e à Universidade, orientações técnicas e informações que detenham por força do exercício de suas atribuições e competências, nos assuntos relativos às atividades previstas no convênio;*
- c) prover o CIDAP, nas épocas próprias, dos recursos financeiros, nos termos do Cronograma de Desembolso, constante no Plano de Trabalho;*
- d) analisar a prestação de contas apresentadas pelo CIDAP, aprovando-a quando a mesma não contrariar a legislação pertinente;*
- e) analisar, em conjunto com a Coordenação Nacional do PRONERA, os relatórios parciais e final de atividades;*
- f) fornecer ao CIDAP, normas e instruções para a prestação de contas dos recursos financeiros a ele transferidas;*
- g) encaminhar à Coordenação Nacional do PRONERA para análise e parecer, toda solicitação do CIDAP ou da Universidade quanto às alterações na execução do projeto” (Minuta de Convênio, 2002, p. 2 e 3)*

Quanto ao CIDAP, destacam-se as seguintes competências:

- a) executar as atividades previstas na Cláusula Primeira deste Convênio;¹⁵*
- b) responsabilizar-se por todo o pessoal empregado na execução dos serviços compreendidos na Cláusula Primeira, quando, em hipótese alguma, terão vínculo empregatício com o INCRA;*
- c) garantir os recursos humanos indispensáveis à execução das atividades previstas neste Convênio;*
- d) prestar contas ao INCRA, dos recursos orçamentários e financeiros, na forma e condições determinadas em normas e instruções vigentes, emanadas*

¹⁵ Na Cláusula Primeira define-se que o objetivo do convênio é a formação de 60 professores de assentamentos no Curso de Pedagogia para as séries iniciais do ensino fundamental.

do INCRA, da Secretaria do Tesouro Nacional (STN) e do Tribunal de contas da União (TCU);

e) encaminhar ao INCRA, em conjunto com a Universidade, relatórios trimestrais da execução física das atividades previstas neste Convênio, para análise e parecer;

f) levar imediatamente ao conhecimento do INCRA e da UFES qualquer fato extraordinário ou anormal que ocorra na execução do objeto deste Convênio.” (Idem, *ibidem*, p. 3)

Quanto à Universidade, destacam-se as seguintes competências:

“a) garantir o espaço físico da CEUNES – São Mateus, durante os períodos de recesso escolar da UFES, em perfeitas condições de funcionamento;

b) garantir corpo docente com professores indicados pelos Departamentos envolvidos no Curso, para condução das disciplinas e atividades previstas na grade curricular;

c) participar, com o INCRA e o CIDAP, dos processos de avaliação do projeto;

d) garantir a certificação àqueles que concluírem o curso;

e) levar, imediatamente, ao conhecimento do INCRA e do CIDAP qualquer fato extraordinário ou normal que ocorra na execução do objeto deste convênio” (Idem, *ibidem*, p. 3 e 4).

5.2. Avaliando aspectos da parceria

Na avaliação global dos alunos do Curso Pedagogia da Terra/ES em relação à estrutura e gestão da parceria, as equipes que estão à frente da coordenação do projeto trabalham de forma integrada. Segundo eles isso favoreceu até agora o bom andamento das atividades propostas. Observam como bastante positivo a participação dos próprios estudantes na comissão de coordenação local, uma vez que se fazem presentes nos mais diversos encaminhamentos feitos ao longo do processo.

Especificamente referindo-se ao INCRA, alunos e coordenadores explicitam o empenho dos asseguradores para que os recursos previstos no convênio estejam disponíveis a tempo, proporcionando algumas das principais condições de funcionamento das diferentes etapas propostas pelo curso. Houve todavia momentos de tensão em determinadas etapas do curso, na medida em que os recursos não chegaram na proporção das necessidades para o pleno desenvolvimento do projeto. Vale ressaltar que o fato do projeto orçamentário da Segunda Turma não ter sido devidamente reajustado gerou dificuldades de ordem financeira nas etapas já ministradas do curso, dificultando a gestão financeira do curso. Há problemas com relação à alimentação, recursos para viagens, aquisição de material didático etc. Os alunos, juntamente com os coordenadores da educação do MST estão apreensivos quanto às novas etapas do curso

se os respectivos orçamentos não forem reajustados. Acredita-se que é preciso elaborar um termo aditivo ao convênio para que o PRONERA possa fazer os devidos encaminhamentos junto ao INCRA para sanear o problema identificado.

As lideranças locais, enquanto as negociações avançam entre os parceiros envolvidos no projeto, estão estabelecendo negociações com fornecedores de São Mateus (supermercados, açougues, papelarias etc.) para garantir algumas condições mínimas de funcionamento do curso, como: alimentação e material didático etc.. Essa prática criou, sobretudo a partir das etapas finais da Primeira Turma do curso, um novo tipo de parceria do MST com os comerciantes, que se mostraram mais sensíveis e abertos às necessidades criadas para toda a equipe envolvida no curso.

Apesar de imprevistos que escapam do controle dos asseguradores do INCRA no ES, os estudantes e coordenadores do curso garantem que o diálogo com o órgão é franqueado e sempre que solicitaram esclarecimentos a respeito do curso foram prontamente atendidos, demonstrando uma postura de respeito do INCRA em relação aos membros do MST envolvidos no curso.

É recorrente na fala dos parceiros envolvidos no processo de que esta abertura com este órgão governamental está favorecendo algumas condições estruturais importantes da parceria Universidade e MST para a construção de um projeto educacional do e no campo. Atribuem esses avanços principalmente à presença e atuação da equipe do PRONERA em Brasília. Destacam que o MST tem se beneficiado dessa parceria tão logo foi criada, haja vista os programas de formação continuada de professores em andamento, os diferentes cursos de Educação de Jovens e Adultos em todo país, bem como programas na qualificação de técnicos em agricultura etc.

Para muitos alunos, que atuam como professores em escolas de assentamentos, surge uma dificuldade que ainda não foi sanada a contento. No período de janeiro e fevereiro, as escolas realizam atividades que acabam exigindo dos professores sua presença na escola, conflitando com a programação do curso. Ocorrem momentos de muita angústia para boa parte dos estudantes, uma vez que assumiram o compromisso (que levam à risca) de priorizarem a dedicação às etapas presenciais; por outro lado, correm o risco de perderem o contrato com a SEDU e/ou secretarias municipais de educação. Essa dificuldade decorrente de uma aparente inadequação de horários e calendário, explicita um problema que remete ao debate de uma política

interinstitucional de profissionalização do magistério.¹⁶ Isso significa dizer que universidade, SEDU, secretaria municipais de educação, sindicatos e movimentos sociais organizados, como é o caso do MST, através de parcerias, unir esforços para garantir algumas condições básicas ao processo de socialização profissional do magistério, em cuja dinâmica a formação inicial e continuada constituem-se como eixos articuladores e indissociáveis entre si.

Nos contatos preliminares com a Universidade, para a construção do projeto de parceria na oferta do Curso Pedagogia da Terra, observaram-se dificuldades de natureza ideológica, conforme relatam coordenadores do projeto. Os debates nas instâncias administrativas da UFES (conselhos, procuradoria) centravam-se muito mais na falta de consenso a respeito do caráter especial da demanda ao curso em questão do que nos benefícios acadêmicos bilaterais proporcionados pela dinâmica da parceria. Os embates provocaram inclusive a alteração do nome do projeto, que inicialmente definia-se como “Curso de Licenciatura em Pedagogia para Educadores e Educadoras da Reforma Agrária MST/ES”, passando a partir da Segunda Turma a denominar-se “Turma Especial de Pedagogia para Educadoras e Educadores das Escolas de Assentamento de Trabalhadores Rurais do Brasil”

De outro lado, a abertura da Universidade para a efetivação do trabalho com o MST introduz uma forma de trabalho diferenciada na academia. A esse respeito, depoimentos de professores da UFES indicam benefícios do trabalho integrado da Universidade com o MST para reflexões sobre o papel da academia na formação de profissionais do ensino.

“[...] A gente percebe que o curso de Pedagogia da Terra na UFES guardou características que outras experiências de formação de professores em nossa universidade não conseguiram manter. Neste curso há uma vinculação com o aluno sem descaracterizá-lo de sua comunidade, de sua concepção de vida, do próprio MST. Essa experiência nos faz refletir, inserindo-a de alguma maneira no contexto da vida acadêmica da UFES. É uma coisa que eu pude perceber como diferente de outros locais, onde me parece que o curso acabou acontecendo como um apêndice da universidade, porque tem ocorrido em

¹⁶ A idéia de profissionalização do professor, utilizada nesta pesquisa, remete aos estudos que buscam resgatar a profissão docente. Conforme mostram as pesquisas de Foerster (2002), os órgãos de governo, na lógica do neoliberalismo (desregulamentação do Estado), adotam de forma recorrente o discurso da profissionalização do magistério. Observa-se, no entanto, que as reformas educacionais recentes caminham na contra-mão das lutas coletivas dos profissionais do ensino por uma política interinstitucional do resgate da qualidade da educação pública em todos os níveis. A produção acadêmica acumulada sobre profissionalização do professor desvelam o discurso oficial, explicitando que os profissionais do ensino constroem saberes profissionais próprios do trabalho na escola, em cujo processo a relação dialética entre teoria (saberes acadêmicos) e prática docente (saberes da experiência) é uma dimensão articuladora da identidade e autonomia profissional do professorado.

extensão ou... de qualquer maneira como um apêndice onde as pessoas acabam não sendo consideradas em sua singularidade. No caso da Pedagogia da Terra até um acampamento foi montado, uma prática rotineira nos acampamentos dos Sem Terra pelo país afora. Ali a gente podia perceber que todo o cotidiano do movimento era mantido, desde a partilha das tarefas, à maneira como eles viviam, muito simples, sem fugir da luta da vida dura. Quer dizer, as camas, por exemplo, eram verdadeiros caixotes com colchonetes; o alojamento, de início feito de lona preta, ficava embaixo de mangueiras... Depois foram feitos aqueles alojamentos que hoje estão lá [debaixo das mangueiras]; as frutas caíam sobre o telhado de eternit que quebrava, caíam sobre as pessoas, abrindo caminho para a chuva entrar; o banheiro era comum; as refeições muito simples... e os outros alunos [dos outros cursos da CEUNES] tinham uma relação de reconhecimento de que eles pertenciam a uma outra dimensão, vamos dizer, estranha à vida deles, mas com um olhar de carinho e de respeito. Os nossos professores da mesma maneira, buscando conviver na intimidade com aquele estilo, aquele momento de vida ali. Os professores de assentamentos demonstraram enquanto alunos do curso de Pedagogia da Terra muita força de vontade, trabalhando intensamente para realizar bem as tarefas, surpreendendo a todos, pela disciplina e seriedade”

No âmbito da parceria, a Universidade tem um papel importante a cumprir, uma vez que cabe a ela oferecer a formação em nível superior a professores de assentamentos. Isso significa dizer que o currículo do Curso Pedagogia da Terra não deve descuidar de nenhuma das dimensões inerentes a esse trabalho, cabendo à academia zelar pela articulação entre atividades de ensino, pesquisa e extensão, sem sobrepor-las ou minimizá-las, a partir da realidade dos professores assentamentos.

Acredita-se que a renovação do convênio para uma Segunda Turma de Pedagogia da Terra/ES colocou em evidência uma nova fase de relações interinstitucionais entre os órgãos do governo e o Movimento Sem Terra. Acredita-se que existem avanços bastante palpáveis para se ampliar os programas desenvolvidos no INCRA atualmente no que se refere à educação no/do campo. A ampliação de possibilidades de formação de professores deve ser uma das metas centrais do PRONERA, uma vez que a grande maioria dos profissionais do ensino de assentamentos não contam ainda com todas as condições requeridas de acesso a um curso de terceiro grau em uma Universidade pública.

“Nós estamos cada vez mais conscientes da importância do acesso dos assentados a todos níveis de escolarização. As demandas para ensino superior crescem dia-a-dia nos assentamentos, na medida em que os trabalhadores percebem que a educação é um direito de todos, na cidade e no campo. Os pais estão percebendo que a educação de seus filhos está melhorando, porque os professores estão podendo estudar na Universidade, frequentando um Curso de Pedagogia. Mais do que isso, os professores estão trazendo

contribuições para os assentamentos que vão para além da escola de cada assentamento” (Coordenador do Curso do MST).

Uma aluna da Segunda Turma diz que agora está tendo oportunidade de refletir melhor sobre seu trabalho como professora. Ela percebe que as crianças aprendem melhor sob determinadas condições organizativas do trabalho pedagógica que até então tentava proporcionar mais força de processos intuitivos do que por competência profissional. “Estou tendo oportunidades de leitura sobre muitos assuntos e autores que ainda não tinha tido chance de conhecer, relacionados ao meu trabalho na escola. Os temas são discutidos coletivamente durante as etapas e a gente pode levantar questões para o professor (da Universidade) que vem ministrar as disciplinas. Além disso, o desafio de fazer a monografia final desafia a cada um de nós para pesquisar a nossa prática como educadores nos assentamentos”.

Nesse contexto, vale lembrar que a única universidade pública federal do Estado do Espírito Santo continua ainda desenvolvendo preferencialmente suas atividades no campus de Vitória. Faz-se exceção à Coordenação Universitária do Norte do Espírito Santo - CEUNES, mas não se pode perder de vista que também este que é o único pólo da UFES em funcionamento hoje no interior do ES, assim mesmo passando por grandes dificuldades, correndo até o risco de ser fechado a qualquer momento.¹⁷ As demandas para os cursos da UFES acabam sendo forçadas a se deslocar do interior para a capital, gerando com isso uma espécie de fluxo migratório do interior para a metrópole. As comunidades locais (muitas centradas essencialmente na economia rural) sofrem muitos transtornos em função disso, na medida em que seus filhos vão para a cidade grande e não voltam mais. Há de fato nessa política educacional uma forte tendência de estímulo aos jovens para deslocarem-se do campo para a cidade, cujo caminho de volta nem sempre é favorecido.

Os professores assentados mostram-se indignados com essa situação. Para eles mesmos não restam muitas oportunidades, pois reconhecem não dispor de condições econômicas para bancar as elevadas mensalidades de um curso em uma Instituição de Ensino Superior privada nas cidades mais próximas aos seus assentamentos. “Para o

¹⁷ Nos anos 70/80 fizeram-se tentativas de interiorização da UFES por intermédio de cursos na formação de professores. Em 1991 realizou-se o primeiro vestibular da CEUNES para cursos de Licenciatura em Educação Física (*campi* de Nova Venécia), Pedagogia, Matemática e Ciências Biológicas (*campi* de São Mateus). A partir de 200, numa nova lógica de interiorização, a Universidade passou a oferecer a Licenciatura Plena em Educação Básica: Séries Iniciais do Ensino Fundamental na modalidade Educação Aberta e a Distância, a partir de Centros Regionais de Educação Aberta e a Distância – CREADs. Consultar: Foerste (2002).

MST este curso é uma oportunidade singular de acesso ao ensino superior público, com tentativas de atender às especificidades da educação nos assentamentos” (aluno da Primeira Turma Destacam com muitas reservas que talvez o curso de Licenciatura em Pedagogia na Modalidade Aberta e a Distância da UFES fosse mais uma possibilidade concreta para realizar estudos de nível superior por parte dos professores das escolas de assentamento. Entretanto relatam com veemência que encontram acesso vedado a este programa de formação de profissionais do ensino no ES, pois são professores DTs (Designação Temporária), contratados pela SEDU. Os convênios do Núcleo de Educação Aberta e a Distância carecem ainda de um fortalecimento de políticas interinstitucionais de profissionalização docente. As parcerias entre o NEAD/UFES e órgãos educacionais do governo estadual apresentam fragilidades que dificultam aos diferentes movimentos sociais, como o MST, por exemplo, beneficiar-se desse programa em desenvolvimento hoje no ES. Sendo assim, os professores do MST questionam-se a respeito da necessidade da renovação do convênio que tem viabilizado até o momento o Curso Pedagogia da Terra/ES, uma vez que há demandas concretas para a oferta de outras turmas, seja em nível de graduação ou pós-graduação..

Nesse âmbito há uma avaliação bastante positiva em relação às experiências do curso, na medida em que as turmas foram constituídas por professores de diferentes assentamentos no ES. Compreende-se que todos os alunos do curso acumularam saberes da prática em suas escolas e que a participação no curso favorece uma ampla troca de experiências entre os próprios professores dos assentamentos, bem como com as equipes da universidade. Esse processo dinâmico de socialização ao longo de todas as etapas do curso constituíram-se em importante momento de formação, pois favoreciam a aproximação entre diferentes saberes e culturas de pontos diversos do país. O curso proporciona oportunidades singulares de convívio com professores de assentamentos de outros Estados, além do ES, como RJ, MG, BA, AL, SE, PE, RN, estimulando discussões a respeito de especificidades locais e temas que se articulam numa perspectiva mais ampliada em âmbito nacional, nas lutas coletivas dos trabalhadores do campo e da cidade.

As equipes da Universidade preocuparam-se com as condições precárias e de improviso dos alojamentos e refeitório. Reconhecem que os estudantes vêm demonstrando garra e ousadia próprias dos trabalhadores rurais sem terra, para superarem dificuldades. Em nenhuma das etapas da Primeira Turma (concluída em 2002) e da Segunda Turma (iniciada em 2003), apesar das distâncias que separam os

assentamentos da CEUNES, foram registradas ausências que não fossem justificadas e/ou fundamentadas (atestado médico, documento legal etc.).

Os estudantes dedicam-se integralmente ao curso, dentro do calendário planejado coletivamente. Porém o fato do curso ser ofertado durante o período de recesso da Universidade (nos meses de janeiro, fevereiro e julho) tem gerado alguns problemas para os estudantes, embora reconheçam ser importante que esse calendário é o que melhor lhes atende em suas necessidades, visto que lecionam nos demais meses do ano em suas respectivas escolas nos assentamentos. Ocorre que a biblioteca da CEUNES funciona precariamente, fora do período regular do calendário da UFES. Recursos como computadores, TV e vídeo utilizados no Centro Regional de Educação Aberta e a Distância – CREAD/NEAD/UFES, que funciona na CEUNES, não foram ainda disponibilizados pela Universidade para utilização por estudantes e professores do Curso Pedagogia da Terra/ES. Isso tem gerado insatisfação e muitos questionamentos tanto pelos coordenadores, alunos e professores do curso. Constatase uma falta de articulação entre os programas desenvolvidos pela Universidade, numa mesma área, como é o caso da formação de professores para as séries iniciais do ensino fundamental, ressalvadas todas as especificidades que apresenta a formação de professores do MST, para atuarem nesse nível de escolarização nos assentamentos.

Na perspectiva da construção coletiva de uma nova profissionalidade docente, que critérios a Universidade tem adotado para cercear aos professores de assentamentos - não cumprindo plenamente suas competências previstas no convênio INCRA/CIDAP/UFES - pelo menos durante o momento em que estão frequentando o Curso Pedagogia da Terra/ES, em suas diversas etapas na CEUNES, o livre acesso a toda infra-estrutura disponível neste campi?

6. O Curso em Foco

As análises a seguir objetivam inicialmente situar em linhas gerais o desenvolvimento do curso no que se refere a aspectos centrais do projeto do curso, seu currículo prescrito e vivido. Posteriormente, discutir alguns dos aspectos centrais levantados a partir de dados coletados junto a professores alunos a respeito da percepção que têm em relação ao Curso Pedagogia da Terra/ES. Finalmente, analisar aspectos relacionados à disponibilidade e adequação das instalações e equipamentos, no espaço físico em que o curso se desenvolve.

6.1. Projeto político-pedagógico do curso

O Curso Pedagogia da Terra/ES foi ofertado para a Primeira Turma a partir de setembro de 1999, culminando com as defesas de monografia no mês de julho de 2002. A Segunda Turma iniciou a primeira etapa do Curso em janeiro de 2003. O currículo para ambas as turmas é constituído da mesma grade de disciplinas, organizadas num total de oito períodos de 300 horas cada, mais 120 horas de monografia no último período.¹⁸

Para agilizar os trâmites legais do projeto de curso, considerou-se prudente adotar a mesma proposta curricular do curso de Pedagogia oferecido no campus da UFES em Vitória e na CEUNES. “O curso tem estrutura curricular equivalente ao Curso de Pedagogia ministrado no Centro Pedagógico da UFES, aprovado pelo CNE, através do parecer nº 923/89 de 9.11.89” (UFES/CP: 2002, p. 8). Todavia, o MST iniciou diálogo com equipes do Centro de Educação para introduzir na grade curricular disciplinas específicas de interesse do Setor de Educação do MST, sobre a educação no/do campo, a saber: Alternativas da Educação no Campo; A Questão Agrária no Brasil; Educação para o Cooperativismo no Campo e Trabalho de Conclusão de Curso.

Uma leitura dos gráficos de nº 9, 12, 13, 18 e 34¹⁹ permite observar um grau elevado de satisfação dos estudantes da Segunda Turma em relação ao currículo do curs. Análises mais apuradas dos programas das disciplinas indicadas pela Universidade ajudariam a perceber se elas de fato direcionam objetivos, conteúdos, métodos e avaliação para as especificidades da educação nos assentamentos. Em que medida o curso no seu todo vem contemplando as necessidades dos professores de assentamento?

Para os estudantes, grande parte dos professores indicados pela UFES acabam redimensionando seus planejamentos na medida em que interagem com a turma e diagnosticam as necessidades dos professores do MST. Possivelmente pesquisas com objetivos voltados a essa questão poderão captar melhor aspectos sobre essa problemática em particular. Por outro lado, mereceria maior atenção em termos de análise as disciplinas sugeridas pelo MST no Curso, se garantem as peculiaridades a que estamos nos referindo. De que maneira estas disciplinas dinamizam o currículo na perspectiva da educação proposta pelo MST? Como elas contribuem com as demais disciplinas e, por sua vez, como se beneficiam delas? Também não se deveria descuidar da necessidade de se explicitar melhor como os conteúdos do conjunto de disciplinas do

¹⁸ Ver Anexo nº 02: Grade Curricular.

¹⁹ Consultar anexo nº 04.

curso em seu todo se articulam e de que maneira elas convergem para atividades de extensão e, ao mesmo tempo, para o processo de produção e sistematização do conhecimento educacional nos assentamentos.

Ainda que o Curso de Pedagogia regular de Vitória não tenha como exigência a monografia no final do curso, o coletivo da educação do MST encaminhou discussões junto à Universidade, destacando relevância e necessidade para a construção coletiva de uma alternativa de educação no/do campo através de pesquisas para elaboração de monografia. A proposta de inclusão das disciplinas ligadas à realidade dos assentados deu-se no sentido de garantir que, na formação de professores de assentamentos, estivessem presentes a cultura, os valores e a identidade dos trabalhadores rurais. Assim incluíram mais 120 horas no curso para o “Trabalho de Conclusão de Curso”.²⁰ Desse modo a carga horária total do curso é de 2.520 horas. “Ao MST interessa fundamentalmente a produção de conhecimentos a partir de práticas educativas nos assentamentos. A pesquisa para monografia é uma alternativa concreta que encontramos para fazer encaminhamentos nesse sentido” (Coordenador do Curso no MST).

Como não foram identificados projetos institucionais de pesquisa e iniciação científica, envolvendo docentes e discentes do curso, caberia desenvolver investigações específicas que contribuíssem para dimensionar a concepção de pesquisa e extensão no Curso Pedagogia da Terra/ES. Até que ponto a exigência da monografia de final de curso garante efetivamente a introdução de práticas investigativas tematizando questões da educação no/do campo em assentamentos?

No que se refere à adequação dos horários buscou-se construir uma proposta que atendesse às necessidades dos professores de assentamentos que freqüentam o curso. Desse modo definiu-se que os oito semestres, cada um com cinco disciplinas de 60 horas, totalizando 300 horas cada, seriam distribuídos em oito etapas intensivas nos meses de janeiro e/fevereiro e julho (período de férias no ensino básico e recesso das atividades de ensino na UFES). Na oitava etapa é ministrada somente a disciplina de Estágio Supervisionado de 300 horas. Por interesse do MST, nesta última etapa os estudantes devem concluir a monografia final do curso, que conta 120 horas.

Em cada etapa, as atividades estão se centrando na oferta de disciplinas previstas na grade curricular, ministradas por docentes especialistas da UFES, com

²⁰ Houve uma variedade significativa de temas ligados à realidade dos assentamentos, abordados nas monografias. Consultar: UFES. **Resumos das monografias dos alunos da pedagogia da terra; primeira turma.** Vitória: UFES, 2003.

orientação de estudos, discussão e formulação e reformulação de trabalhos, realização de seminários, programação de estudos orientados semi-presenciais, enfim, na realização de atividades teóricas e práticas pertinentes à formação de professores para as séries iniciais do ensino fundamental. “Desde a Primeira Turma muitos professores do Centro de Educação/UFES (e outros centros da Universidade), com mestrado e doutorado, têm se interessado pelo nosso Curso Pedagogia da Terra, manifestando interesse para trabalhar nele. Isso representa um ganho importante para os estudantes” (Coordenação do Curso na UFES).

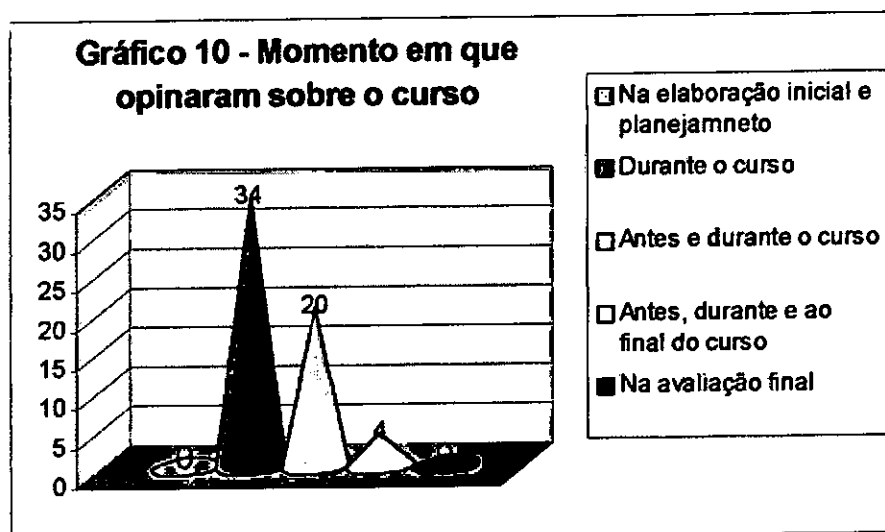
Entre uma etapa e outra, os estudantes recebem trabalhos orientados em cada uma das disciplinas desenvolvidas na etapa anterior, correspondendo a uma carga horária total de 25%, isto é, 15 horas para cada uma das disciplinas. Na dinâmica de funcionamento do curso, entende-se que a alternância entre períodos de atividades teóricas na Universidade e de atividades práticas no campo, desenvolvem-se habilidades de reflexão a partir de estudos dirigidos e da realização de pesquisas.

Quando os estudantes e coordenadores do MST são perguntados sobre as demandas de educação nos assentamentos e o projeto do curso de Pedagogia, surgem muitos questionamentos. De um modo geral, os coordenadores locais e estudantes reconhecem que o curso, em suas linhas basilares, não está ainda imbuído na sua essência por pressupostos teórico-práticos voltados para a formação de professores de assentamentos propriamente, na perspectiva dos debates coletivos sobre educação do MST. Observa-se a falta de uma maior intencionalidade orgânica e articuladora do currículo com as questões que emergem das experiências dos professores de assentamentos. No gráfico de nº 24, os dados quantitativos, a respeito de uma valorização por parte do currículo do curso dos conhecimentos anteriores dos estudantes, apontam que essa questão é contemplada.²¹

De fato, estudantes, coordenadores e professores do curso reconhecem que o *projeto curricular prescrito* nem sempre é levado pelos sujeitos do processo às últimas conseqüências, na prática, uma vez que a dinâmica cotidiana do curso possibilita múltiplas alternativas reflexivas que colocam saberes acadêmicos valorizados pela Universidade e saberes da prática dos professores de assentamento em diálogo, abrindo alternativas para a construção coletiva de um novo *projeto curricular vivido*, marcado pelas condições concretas de vida dos sujeitos envolvidos no processo e mobilizados por utopias, esperanças, compromissos políticos em favor de lutas pela transformação

da sociedade de classes. O gráfico 10 mostra que um número significativo de alunos não teve uma participação efetiva na construção do projeto de curso já na fase que antecede o ingresso na Universidade como estudante do Curso de Pedagogia da Terra/ES. Este mesmo gráfico, todavia, possibilita inferir que todos admitem participar da construção do currículo do curso a partir do momento que passaram a tomar parte dele como estudantes.²²

Se de início há um sentimento de que as coisas chegam prontas da Universidade, na medida em que sujeitos históricos colocam-se em movimento interativo, com suas múltiplas identidades e inserções na sociedade, abrem-se possibilidades objetivas para a construção coletiva de um outro projeto educacional que tanto fertiliza debates no contexto tradicional da Universidade como estimula a sistematização de uma outra alternativa de educação no/do campo, mais voltada para as necessidades cotidianas dos trabalhadores rurais assentados pela reforma agrária.

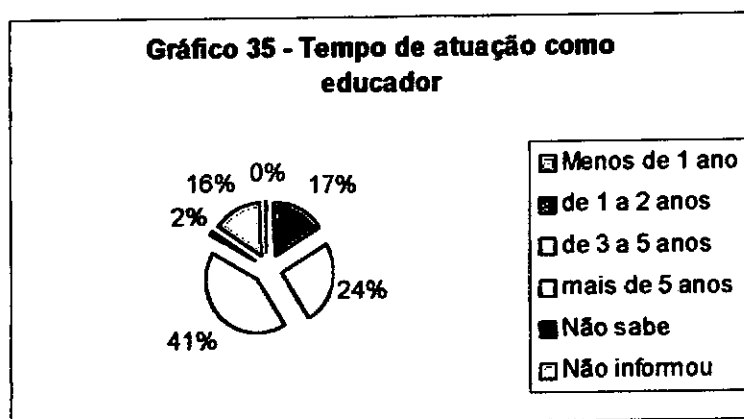


Tal dinâmica pressupõe disciplina dos sujeitos envolvidos. Muitas vezes a urgência do cotidiano cria empecilhos, com procedimentos e posturas, que acabam inviabilizando uma aproximação mais efetiva entre diferentes culturas institucionais, como é o caso aqui dos saberes acadêmicos e os saberes construídos pelo Setor de Educação do MST. Paradoxalmente, a Universidade valoriza a teoria, mas no caso do curso de Pedagogia ainda não coloca a monografia de final de curso como um momento importante de articulação da teoria e a prática através de pesquisas sistemáticas e metodologicamente rigorosas. O MST, dada a urgência da construção coletiva de uma

²¹ Ver anexo de nº 04..

epistemologia da educação no/do campo, não prescinde de uma formação academicamente rigorosa de seus professores, o que pressupõe a realização de pesquisas no sentido mais valorizado pela academia. O embate nesse sentido entre setores da academia e o MST pode levar à construção de uma nova visão no processo de formação de profissionais do ensino na Universidade, na medida em que o movimento explicita a relevância da formação do pesquisador no profissional do ensino, que seja capaz de refletir com rigor sobre a prática e compreender suas mazelas e contradições, com vistas à construção de um novo projeto educacional para o país, não importando se é na cidade ou se é no campo a inserção profissional do professor..

6.2. Do corpo discente do Curso Pedagogia da Terra/ES



A demanda atendida no começo pelo Curso Pedagogia da Terra/ES na Primeira Turma foi de 64 alunos (houve desistência de dois alunos). Na Segunda Turma estão matriculados regularmente 59 estudantes, estavam previstas 60 vagas de início (houve desistência de um estudante). Os alunos inscritos na Primeira Turma ficaram assim distribuídos por Estados da União: 37 do ES, 06 de MG, 10 da BA, 02 do MA, 03 SE, 02 AL, 02 do RN, 01 de AL e 03 PE – Total: 64 alunos. Quanto ao gênero, os estudantes ficaram agrupados em 46 do sexo feminino e 16 do sexo masculino. Já os alunos inscritos na Segunda Turma somam um total de 59, sendo distribuídos da seguinte forma por Estado: 43 do ES, 14 da BA e 02 RJ – Total: 59 alunos, dos quais 45 são do sexo feminino e 14 do sexo masculino.²³ Um total de 24 estudantes atua há pelo menos cinco anos como professor, conforme mostra o gráfico nº 35, acima.

²² Ver gráfico 10 no anexo nº 4

²³ Os dados referentes à Primeira Turma foram concedidos pela Coordenação do Curso na UFES. Ver também as tabelas do anexo nº 03, sobre idade, formação anterior etc. dos alunos da Primeira Turma,

A dinâmica do cotidiano dos estudantes é planejada coletivamente desde o início da primeira etapa, para possibilitar um trabalho mais efetivo e organizado de professores e alunos, em todos os turnos de cada dia. Os estudantes da Segunda Turma organizaram-se em 8 “núcleos”: Núcleo Esperança; Núcleo Sementes de Esperança; Núcleo Oziel; Núcleo Flamboyant; Núcleo Ciclo da Vida; Núcleo Amor à Causa; Núcleo Liberdade; Núcleo Desafiadores. Para cada dia da semana, as tarefas ficam sob responsabilidade de execução dos membros de um dos núcleos, abarcando limpeza e organização do alojamento, do banheiro, do pátio, do refeitório, da cozinha, da sala de aula, coordenação da mística diária. Diariamente são feitos registros no “Livro de Memórias da Segunda Turma de Pedagogia da Terra/ES”, das principais atividades e fatos ocorridos no curso.

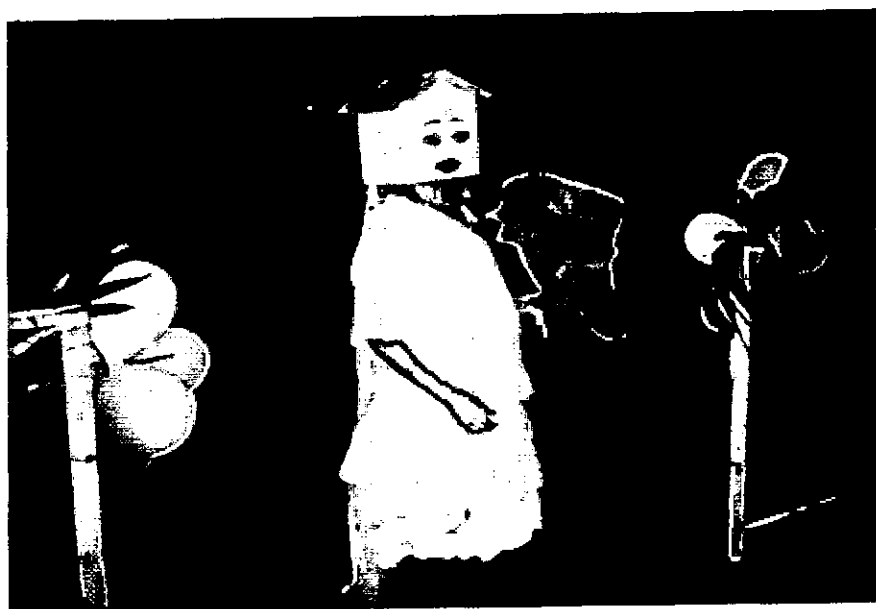
“Embora as condições aqui na CEUNES não sejam as mais favoráveis para fazermos bem o nosso curso de pedagogia, não podemos ficar parados, esperando. Isso aprendemos nos acampamentos e assentamentos do MST, que a gente só conquista direitos lutando mesmo, de forma organizada, para superar nossas dificuldades. Por isso muitos, que chegam de outros contextos, se surpreendem com a nossa disciplina e força de vontade. Para nós não há nada de anormal ou fora de série, na verdade. Tudo isso faz parte das nossas lutas, da nossa identidade Sem Terra” (Aluna da Segunda Turma).



Todo professor, quando inicia a jornada de sua disciplina com a turma, é informado preliminarmente a respeito da maneira como os estudantes se organizam

apresentados na monografia de final de curso da aluna Berenice M. Rodrigues dos Santos (2002). Os dados referentes à Segunda Turma foram levantados pela presente pesquisa, conforme mostram os gráficos de nº 1, 2, 3 e 4 do anexo de nº 04, os quais informam, respectivamente, municípios e Estados de origem dos entrevistados, sexo e idade.

internamente, desde o amanhecer até o horário de se recolher para o descanso noturno, sendo convidado a tomar parte das refeições, das celebrações da mística, das atividades culturais, seminários etc. Os trabalhos começam geralmente antes das 6 horas da manhã e terminam por volta das 22 horas, com intervalos de uma a duas horas no máximo, após o almoço e jantar. Os finais de semana estão programados para muito trabalho, com realização de seminários, reuniões de planejamento e avaliação, palestras, estudo em grupo, organizados pelos Coordenadores do Curso do MST e/ou pelos estudantes. Estas atividades centram-se no aprofundamento de aspectos teórico-práticos de interesse dos professores de assentamentos do MST.



Os alunos do Curso Pedagogia da Terra/ES afirmam que sua oferta pela UFES a professores de assentamentos está sendo uma conquista importante para a construção coletiva por parte do MST de um projeto de educação no/do campo. Reconhecem que uma formação de terceiro grau dos professores que trabalham em escolas de assentamentos possibilita trocas importantes de experiências entre os profissionais do ensino da academia e do Setor de Educação do MST, através da parceria entre a Universidade e o INCRA/PRONERA. Muitos deles destacam que seria praticamente impossível a eles ingressar em um curso de nível superior de uma Universidade pública federal do porte da UFES, sem o convênio firmado entre o INCRA/CIDAP/UFES. Há muitas dificuldades para os professores de assentamentos frequentar cursos de licenciatura nas faculdades isoladas particulares do interior dos Estados em que vivem, sobretudo de nível financeiro “Sabemos que é preciso nós trabalhadores rurais

fortalecermos um posicionamento claro a partir da conquista do Curso Pedagogia da Terra, que hoje já está sendo oferecido também no Pará, em Rondônia, no Mato Grosso, no Mato Grosso do Sul, no Rio Grande do Sul, no Rio Grande do Norte. A formação em nível superior dos profissionais do ensino da cidade e do campo é um direito dos professores e da sociedade, sendo um dever do Estado prover todas as condições necessárias para concretizar e implementar políticas públicas nesse sentido. Só assim avançaremos em nossas lutas por uma maior valorização profissional de todos aqueles que atuam na formação humana, desde a educação infantil à pós-graduação” (Aluno da Primeira Turma).

Quanto às críticas ao curso propriamente, destacam a necessidade de implementar pesquisas que garantam discussões coletivas com os professores de assentamentos no sentido de definir uma política de formação de docentes para os assentamentos, a partir das especificidades da educação no/do campo. Acreditam que esta será uma conquista que já está em construção coletiva, nos vinte anos de história do MST. Percebem que uma significativa parcela dos pesquisadores da Universidade envolvidos com o Setor de Educação do MST está sensível às demandas educacionais nos assentamentos a partir da perspectiva dos trabalhadores rurais. Trata-se de um processo que não se esgotará na oferta do Curso Pedagogia da Terra tão-somente. “Seria interessante que os cursos superiores dedicados à educação dos assentados não se limitassem à formação de educadores e sim fossem estendidos às diferentes áreas do conhecimento humano e necessidades dos assentamentos. Pensamos que são necessários cursos também na área de agricultura, de saúde, de economia, de direito...” (Aluno da Primeira Turma). Assim as demandas de formação de terceiro grau nos assentamentos se renova a cada dia que passa, devendo abranger as diferentes modalidades dos saberes construídos pelo ser humano, objetivando o fortalecimento da educação no/do campo, na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável.

6.3. Do corpo docente do Curso Pedagogia da Terra/ES

O corpo docente envolvido no Curso de Pedagogia da UFES está distribuído em três departamentos do Centro de Educação, contando com a colaboração de professores pesquisadores de áreas afins, como os cursos de Letras, Artes, Letras, Geografia, Matemática, Sociologia, Psicologia etc.

Para o Curso Pedagogia da Terra/ES os professores são convidados a ministrar disciplinas de acordo com as especificidades das pesquisas que têm desenvolvido e/ou

identificação com as lutas dos trabalhadores rurais sem terra.²⁴ No caso do Centro de Educação, cada departamento avalia a solicitação feita pela Coordenação Pedagógica do curso, tomando as providências para a liberação do docente para trabalhar na respectiva etapa do curso para a qual é solicitado. Na prática ocorre com frequência de professores se colocarem à disposição do trabalho no Curso Pedagogia da Terra por simpatia ao MST, porque acreditam na relevância social do projeto.

O Setor de Educação do MST tem indicado nomes de pesquisadores²⁵ de outras Universidades ou instituições de ensino e pesquisa para ministrar algumas disciplinas, sobretudo aquelas que tratam das questões do campo (A Questão Agrária no Brasil, A Educação para o Cooperativismo no Campo; Alternativas de Educação do Campo; Trabalho de Conclusão de Curso). No processo de planejamento e avaliação das diferentes etapas, o Setor de Educação do MST tem reivindicado a presença de alguns professores de fora dos quadros da Universidade (ligados a movimentos sociais), mas os departamentos responsáveis pelas disciplinas na UFES argumentam que disponibilizam de docentes qualificados e interessados para assumirem e coordenar as atividades programadas no currículo.

Essa situação gera um certo desconforto entre os alunos e alguns professores no início de cada disciplina. Na maior parte dos casos, os problemas acabam sendo superados, na medida em que a relação professor-aluno desencadeia processos interativos pautados em práticas dialógicas e de colaboração, inerente ao trabalho coletivo, no respeito às diferenças, na vivência e exercício permanente da solidariedade.²⁶

Entretanto há que se questionar em que medida o convênio entre a Universidade e o MST tem colocado como uma das dimensões teórico-práticas importantes e articuladoras do projeto de formação de professores de assentamentos os saberes produzidos coletivamente nas lutas dos trabalhadores rurais Sem Terra. Inegavelmente os saberes sistematizados pela academia constituem um aporte teórico indispensável na formação da identidade profissional do magistério, independente do campo social em que atua o professor. Negar-lhe o acesso a esse saber seria arremessar

²⁴ Atuaram na Primeira Turma do curso um total de 34 professores, contados aqueles que foram indicados pela UFES e pelo MST. Nesse total, não foram computados os professores convidados para participar das defesas de monografia em julho de 2002. Para verificar a composição das bancas, consultar: UFES. **Resumos das monografias dos alunos da pedagogia da terra; primeira turma.** Vitória: UFES, 2003.

²⁵ Entre estes pesquisadores, podem ser destacados, entre outros: Bernardo Mançano Fernandes, João Pedro Stedille, Roseli Salete Caldart, Isabela Camini.

de vez o trabalho docente no improviso, cujas conseqüências teriam reflexos desastrosos no resgate da cidadania do trabalhador do campo. Mas sobrepor os saberes valorizados pela Universidade aos saberes da experiência de professores assentados, quando negociações coletivas do MST avançam no sentido de garantir a seus professores o direito a um curso superior em uma Universidade pública, é uma prática que precisa ser questionada e repensada com radicalidade, no sentido de uma superação da racionalidade que legitima essa postura de cunho autoritário.

Os professores da UFES reconhecem que trabalhar no Curso Pedagogia da Terra implica desafios teórico-práticos que sugerem uma abertura para o trabalho coletivo, motivado por lutas históricas de significativas parcelas oprimidas da sociedade de classes por uma vida digna para todas as pessoas, sem distinção étnica, religiosa e de gênero. Isso supõe embates políticos dos empobrecidos pelos direitos à educação, terra, moradia, saneamento básico, saúde, transporte coletivo. Uma questão que muitos professores levantam é o exemplo de garra, persistência e disciplina dos alunos do curso. Um deles afirma:

“Eles nos ensinam uma jeito especial de ser professor, em tudo que fazem. A forma como se organizam para trabalhar, seja individualmente ou no coletivo, está pautada no respeito ao outro, no direito à palavra de cada um. Mostram-nos uma maneira diferente de se posicionar frente aos desafios e problemas da vida. Revoltam-se, mas se solidarizam; calam-se, para ensinar com gestos lições simples da vida. Seu espírito de solidariedade e trabalho coletivo é imensurável, para tornar cada uma das etapas do curso mais proveitosa possível às necessidades colocadas pelo Setor da Educação do Movimento Sem Terra.”

Referindo ao *jeito de ser professor no MST* e suas lições para as demais licenciaturas, uma professora da UFES diz:

“Este professor do MST, ele me chama a atenção inicialmente pelo seu desejo mais profundo e evidente de crescer, de aprender e de se envolver com um sistema de formação sistemática, que lhe permita transitar da condição de vida, de sua concepção mesmo de vida, vamos dizer assim, “mstniana” se posso estar me referindo à vida deles com esta palavra para um mundo mais digno para todos [...]. Eles me motivaram provocativamente para reflexões na tentativa de entender como isto se dava de fato. Eu acho que esta seria a grande mola que poderia fazer detonar este mesmo desejo, esta disciplina, esta força em alunos de cursos regulares [na UFES, em Vitória]. Considere se não é intrigante mulheres professoras, como algumas que (não vou citar nomes) acolhem em seu colo um companheiro ferido de bala e faca ou foice, no confronto armado por conta de suas convicções de conquista e

²⁶ Consultar gráfico 17 do anexo de nº —, que capta em dados quantitativos aspectos sobre a relação dos professores do curso com os alunos.

democratização da terra... São mulheres valentes, que encontram forças para arrastar companheiros feridos no meio da mata, da fazenda até um ponto em que possam salvá-los... Elas têm a doçura de acolher uma criança e a encanta como projeto de futuro. Eu fico me perguntando: como o MST, com toda a força da sua linha de trabalho... se por traz disso não vem uma concepção verdadeira do que seja a educação. E me parece que estes professores nascem exatamente do encontro destas duas coisas: do desejo de modificar o mundo e do desejo de sua participação dentro do movimento. Ai falta muita coisa: você perceber que a escrita [dos professores de assentamentos, que são alunos do Curso Pedagogia da Terra/ES] é muito falha, a leitura tem dificuldades. Às vezes me assombrava muito que eles conheciam textos literalmente de autores da educação e os citavam com muita facilidade. Acho que faziam isso até como reforço e refúgio, para garantir as suas concepções de mundo e paradoxalmente sentiam uma dificuldade enorme de estar compreendendo outros textos, às vezes até mais simples [na visão da Universidade], que deveriam orientá-los em seu fazer pedagógico, no planejamento, na seqüência didática, numa orientação de avaliação. E a gente fica se perguntando como é isso, o que falta na Universidade, na academia, nos cursos de formação ditos regulares... se conseguíssemos imprimir nesses alunos dos cursos regulares da Universidade esta mesma gana, esta mesma força, esta mesma vontade, esta mesma disciplina de acordar às 5 horas da manhã, varrer o quintal, lavar o banheiro, deixar o alojamento em ordem, fazer café. 15 para as 7, estar cantando o hino, já tendo tomado um café frugal, que era pão, leite e café e após entoado o hino fazer a mística do dia..."



Nos depoimentos dos docentes da UFES, foi praticamente unânime a idéia de que trabalhar com os professores dos assentamentos significa colocar-se num movimento pela desconstrução da racionalidade técnica²⁷ que permeia o processo de

²⁷ Conforme discussões feitas por Foerste (2002), o resgate da profissão docente em nossa época implica debates que possibilitem a construção coletiva de políticas públicas interinstitucionais de profissionalização do professor. A hipertrofia da dimensão teórica na Universidade, gerada pelo

formação de profissionais do ensino na Universidade. Ocorre que a prática social do MST constrói-se e reconstrói-se na compreensão de que as lutas coletivas pela superação das desigualdades sociais da sociedade capitalista constituem-se como fundamento básico, alicerce mesmo, do movimento coletivo dos trabalhadores rurais Sem Terra. Tal concepção está presente em todas as esferas da vida e organização do MST, traduzido em gestos e olhares, palavras e silêncios, na medida em que sua dinâmica e pulsação é materializada como prática educativa permanente dos sem terra, desde os primeiros passos para organização e lutas pela conquista da terra. A educação nesse sentido não é uma prática dissociada da vida dos sujeitos históricos do MST. Por isso ela não se restringe exclusivamente ao espaço institucionalizado da escola. A educação é uma conquista diária de cada um dos assentados e do coletivo, na produção da subsistência de todos. A conquista da terra não significa somente posse de um bem material, que possibilita concretizar a produção da subsistência material dos assentados em seu *lato sensu*; ela fortalece e faz reviver em todos necessidades por bens simbólicos, sem os quais o processo de humanização do homem se empobrecido.

6.4. Do espaço físico

O Curso vem sendo ministrado sempre no período de janeiro e fevereiro e no mês de julho, nas dependências da CEUNES – São Mateus/ES. Para isso a UFES reservou uma sala de aula (aproximadamente 50 metros quadrados) específica para as atividades serem desenvolvidas. Trata-se de um ambiente com iluminação e ventilação natural bastante boas (janelas grandes), contando com ventiladores de teto e lâmpadas fluorescentes. Porém a incidência do sol da tarde eleva a temperatura. O número ideal de alunos para o tamanho da sala seria de 30 a 35 estudantes. Como são 60, o espaço para trabalho coletivo fica muito restrito. A sala, infelizmente, serve também de depósito de instrumentos utilizados no Curso de Educação Física, limitando ainda mais a plena utilização do espaço físico. No verão as temperaturas são elevadas, tornando frequentemente as condições de trabalho bastante árduas. Nem por isso o grupo deixa o desânimo e cansaço reduzir a produtividade. Por falta de espaço, as atividades de grupo

engessamento das disciplinas e territorialização do conhecimento, despreza a dinâmica e contribuições dos saberes da experiência na qualificação de profissionais capazes de produzir transformações significativas no contexto social. Somente um currículo construído a partir de pressupostos da práxis pode levar a uma nova postura dos indivíduos, favorecendo mudanças necessárias, fundamentadas em uma nova postura profissional face às contradições da sociedade de classes. A formação de professores, nesse sentido, não prescinde do trabalho coletivo e de uma cultura da colaboração e solidariedade.

são realizadas em mesas externas fixas distribuídas sob as mangueiras, castanheiras e flamboyants do pátio amplo da CEUNES.

Próximo à casa dos estudantes (que dispõe de alguns quartos para alojar docentes da UFES, que ministram disciplinas nos cursos regulares da CEUNES), foi construído um alojamento de madeirite e eternit, uma secretaria, uma cozinha com refeitório, uma creche, banheiros tanque para lavar roupa e louças. Os alojamentos e a cozinha, além de disporem de uma iluminação inadequada, são precariamente ventiladas. Quando ocorrem vendavais, as roupas e colchões acabam molhando, gerando problemas para os estudantes. O bolor e mofo prolifera rapidamente, provocando vários casos de rinite alérgica. Segundo depoimentos dos alunos da Primeira Turma, quando o curso iniciou em 1999/2000, o alojamento foi construído com lonas pretas de plástico, à semelhança dos acampamentos de trabalhadores rurais sem terra. À medida que o tempo passa, o cupim infesta o madeirite e estrutura que sustenta o telhado, colocando em risco os usuários dessas instalações físicas. Várias tentativas foram feitas no sentido de construir alojamentos de alvenaria, a exemplo da casa de estudantes da CEUNES. Os dirigentes da UFES/CEUNES alegam, no entanto, que não faz parte do convênio a problemática do alojamento e do refeitório.

Somado a esses problemas de falta de adequação das instalações, os alunos e coordenadores do da educação do MST do Curso queixam-se de conflitos existentes entre os moradores da casa de estudantes e os professores de assentamentos acampados no pátio da CEUNES. Considerando uma rotina de intensas atividades, coordenadas pelos próprios professores de assentamentos, os trabalhos iniciam muito cedo (como é costume nos assentamentos) e se encerram tarde da noite, uma vez que os grupos se reúnem para encaminhar leituras e trabalhos solicitados nas diferentes disciplinas do curso oferecidas em cada uma das etapas. A movimentação gera algum tipo de barulho que, segundo os moradores da casa de estudantes, interfere na rotina deles, que é diferente da rotina dos estudantes sem terra. Além disso, há reclamações quanto ao uso da água das caixas, que não tem sido suficiente para o total de usuários que se beneficiam dela. Partindo do fato de que na terceira etapa do curso da Segunda Turma (janeiro/fevereiro de 2004) o calendário dos cursos regulares da UFES, que são ministrados na CEUNES, adentrou os meses de janeiro e fevereiro, houve momentos em que surgiram conflitos na utilização da quadra de esportes. Após negociações coletivas entre os estudantes dos diferentes cursos hoje em andamento na CEUNES, estabeleceram-se critérios para agendamento da utilização da quadra.

Os alunos do Curso Pedagogia da Terra/ES freqüentam a biblioteca setorial da CEUNES, sempre que a mesma esteja funcionando durante as etapas do curso. O acervo disponível no campo da educação está longe de atender plenamente às necessidades das ementas e programas das diferentes disciplinas. O número de exemplares de cada obra é insignificante, restringindo-se não raramente a um livro de cada título. Quando se trata das quatro disciplinas novas do curso, não há praticamente nas estantes da biblioteca sobre os respectivos assuntos. O problema é sanado em parte com a aquisição de algumas obras por parte dos alunos e com a distribuição de textos xerocopiados pela coordenação local do curso.

Cabe destacar que a CEUNES dispõe hoje de uma razoável infraestrutura, montada com novas tecnologias para a viabilização de programas de EAD (Educação Aberta e a Distância) da UFES no campo da formação de professores. Estamos falando da instalação do Centro Regional de Educação Aberta e a Distância – CREAD em 2001, para oferecer o curso de Licenciatura em Educação Básica: Séries Iniciais do Ensino Fundamental na modalidade EAD. Esta é uma parceria da UFES com as prefeituras municipais, enquanto uma estratégia de interiorização da universidade através dos cursos na área de educação. Infelizmente, os computadores, impressoras, telefones (fax, internet), TV e vídeo etc. ainda não foram disponibilizados para utilização no Curso Pedagogia da Terra/ES.

No convênio firmado entre o INCRA/CIDAP/UFES, é tarefa da Universidade oferecer espaço físico da CEUNES – São Mateus, em perfeitas condições de funcionamento para “proporcionar a formação de 60 (sessenta) professores que atuam nas áreas de assentamentos em Licenciatura Plena de Pedagogia para atuarem nas séries iniciais do Ensino Fundamental” (INCRA/CIDAP/UFES: 2002, p. 2).

7. Avaliando o Curso Pedagogia da Terra/ES

Para o INCRA a parceria entre Universidade e MST, através do Curso de Pedagogia da Terra, constitui-se num ganho importante para consolidar o processo de assentamentos rurais no país. A educação é um dos pilares fundamentais para que os assentados se coloquem num amplo movimento pela produção da subsistência, através da agricultura familiar sustentável.

“A meu ver, o INCRA deu um passo importante com o PRONERA, porque os programas de educação desenvolvidos a partir dele já estão melhorando as condições de vida nos assentamentos. Em muitos assentamentos aqui no ES os trabalhadores rurais falam com satisfação sobre isso. Estão conscientes de

que as lutas deles pela conquista da terra não acabam quando são assentados pelo governo. Eles sabem que a educação é um direito fundamental na conquista coletiva da dignidade humana. Esta é uma luta importante para eles. Aqui no ES, a parceria com a UFES está ajudando muito para discutir questões da educação nos assentamentos. Quero destacar uma delas: Como fixar as novas gerações no campo, se os conteúdos da escola valorizam apenas a vida urbana?” (Assegurador/INCRA/ES).

Um projeto interinstitucional como este, viabilizado pelo PRONERA, inaugura uma nova fase dos trabalhos no INCRA e no MST, no que se refere à educação em assentamentos. A parceria tem possibilitado negociações que estimulam reflexões que vão além das dimensões meramente técnicas das políticas oficiais para o campo, coordenadas pelo INCRA. Ao mesmo tempo, o MST está percebendo que a implementação de políticas públicas de educação nos assentamentos implica uma abertura do Setor de Educação para dialogar e trabalhar com outros movimentos organizados do campo, como por exemplo, o *Movimento dos Pequenos Agricultores*, as *Escolas Comunitárias Rurais* e as *Escolas Família Agrícola*.

A prática da parceria mostra há necessidade de investimentos no sentido de promover cursos de extensão ou seminários que possibilitem um maior preparo de lideranças e coordenações, para que o encaminhamento das demandas concretas na execução de projetos partilhados sejam agilizadas, e possíveis erros de ordem técnica evitados. Por exemplo, uma vez constatada a necessidade de renovação do convênio para o atendimento de novas turmas e o aceno favorável do INCRA para outros financiamentos, tanto os coordenadores do Setor de Educação do MST, como as lideranças da Universidade poderiam ter adotado procedimentos técnicos que garantissem a correção de dificuldades de cunho financeiro verificados já durante a oferta do curso para a Primeira Turma.

Na perspectiva da Universidade, constatou-se que o Curso Pedagogia da Terra vem possibilitando incursões teórico-práticas na formação de profissionais do ensino para atuarem em projetos educacionais em assentamentos rurais. Até então a área de educação na UFES ainda não havia desenvolvido programas específicos de formação de professores em nível de graduação. As experiências decorrentes da parceria da Universidade com o MST alimentam discussões que podem fortalecer projetos em andamento e/ou possibilitar múltiplas e talvez inovadoras alternativas de trabalho daqui para frente, seja no âmbito do ensino, da extensão e/ou da pesquisa.

Reconhece-se que a Universidade funciona em boa parte de seus setores organizacionais a partir de uma dinâmica bastante engessada. Muitas vezes a falta de flexibilidade impossibilita avanços no campo de sua atuação, o que é interpretado por segmentos da sociedade como falta de compromisso social. Na verdade a academia valoriza uma determinada perspectiva de produção científica que hierarquiza os campos do conhecimento, colocando em desvantagem ou desprestígio determinadas áreas, como é o caso da educação (Candau, 1988; Lüdke, 1994; Gatti, 1996; INEP/ANPEd, 2002).

As dificuldades decorrentes desse processo histórico impossibilitam atender a determinadas demandas de educação no contexto social com a mesma rapidez e agilidade colocadas por setores organizados da sociedade civil, como é o caso do MST. Por outro lado, há discussões que apontam para a fragilidade teórico-prática dos cursos de formação de professores na universidade pela inexistência de uma política interinstitucional de profissionalização do magistério, construída coletivamente pelos profissionais da educação através de suas organizações profissionais, pelas secretarias estadual e municipais de educação e pela universidade (Foerste, 1998 e 2002). Falta na verdade uma abertura por parte da academia para incrementar programas de parceria que possibilitem a introdução e valorização nos cursos de licenciatura de novos sujeitos, novos saberes e novos espaços de formação, viabilizados por uma cultura de colaboração entre diferentes segmentos da sociedade interessados no professor, na valorização social do trabalho docente.

Os professores da UFES reconhecem que a parceria com o MST deve ser fortalecida, pois compreendem a institucionalização de programas juntamente com o PRONERA pode viabilizar atividades de ensino-pesquisa-extensão nos assentamentos, não só através da formação inicial de professores ou cursos de alfabetização de adultos. Mas que se busquem alternativas para um incremento de linhas de pesquisa nas diferentes áreas do conhecimento, ampliando possibilidades de formação inicial e continuada em todas áreas do conhecimento.

Nesse sentido o Curso Pedagogia da Terra favorece discussões coletivas para outros rumos nos cursos de licenciatura de um modo geral, somando esforços que há algum tempo vêm sendo empreendidos por setores da Universidade e do ensino básico, interessados no resgate da profissão docente. A cultura do trabalho coletivo, que mobiliza os professores de assentamentos para a construção de um outro projeto de educação no/do campo (Beltrame, 2002; Caldart, 2002; Molina, 2002), desafia a academia a deixar que os cursos de licenciatura se repensem na sua essência, com

introdução e valorização de novos sujeitos, novos/diferentes saberes e novos espaços no processo de socialização profissional docente. Isso significa dizer que a formação do professor não prescinde de uma relação viva com o contexto social. Que saberes os movimentos sociais estão construindo quando lutam pelo direito à educação para todos? Que contribuições os sujeitos e espaços mobilizados pelos movimentos sociais em suas lutas coletivas podem dar, a partir de seus saberes da experiência, para a academia na construção de uma política interinstitucional de profissionalização do magistério?

Compreender como os professores de assentamentos se tornam sujeitos na construção de uma identidade própria da atividade docente no MST constitui-se a partir da Pedagogia da Terra num trabalho compartilhado entre professores da Universidade e professores do Movimento. Aos poucos estabelecem-se elos na relação da Universidade com o MST que favorecem um contato mais efetivo da área de educação na academia com a cultura docente rural, construída na perspectiva das lutas dos trabalhadores rurais sem terra.

A parceria é a dimensão que impulsiona novos olhares sobre o processo de formação inicial e continuada de professores. O trabalho colaborativo mobiliza instituições e seus profissionais para uma outra política de qualificação dos trabalhadores do campo educacional, a partir da Universidade e da comunidade. O eixo articulador dessa prática concretiza articulações entre diferentes segmentos, dando condições ao diálogo a todos os sujeitos envolvidos direta ou indiretamente, para que os profissionais do ensino construam no coletivo um novo *ethos profissional docente*. Qual então o significado do compromisso social da Universidade partindo de pressupostos da parceria? Como o trabalho coletivo fertiliza atividades de ensino-pesquisa-extensão na perspectiva do compromisso social, nas lutas dos oprimidos pelo resgate da cidadania, dignidade humana, com respeito às diferenças étnicas, religiosas e de gênero?

Assim, cabe ressaltar a relevância inovadora da coordenação colegiada do Setor de Educação do MST (descentrada em um único indivíduo e todos os reversos que carrega) como um dos ganhos mais significativos na construção, implementação e avaliação do Curso Pedagogia da Terra. De que forma esse saber construído na prática pelo MST pode possibilitar uma reconstrução e redimensionamento da gestão do projeto no contexto da Universidade?

Junto a isso, a criação de um Grupo de Trabalho Interinstitucional - GTI entre o MST e a UFES poderia estimular um trabalho coletivo que frutificaria para a Universidade e para o MST. O objetivo básico desse GTI seria impulsionar a

sustentabilidade de um programa permanente de parceria entre a Universidade e o MST, tanto no que se refere a projetos de pesquisa, como de ensino e extensão..

Sem dúvida, a parceria com a Universidade representa para os trabalhadores rurais sem terra um ganho importante, a começar pelo Setor de Educação. O movimento sabe, entretanto, que existem problemas na estrutura organizacional da academia que dificultam uma aproximação efetiva entre o que é importante para ela em termos de educação e o que os trabalhadores rurais sem terra, particularmente os professores de assentamentos, entendem como um projeto educativo construído a partir dos pressupostos e lutas dos oprimidos. Conforme questionamentos do Setor de Educação do MST, como a Universidade pode abrir mão, de uma hora para outra, de seus valores tradicionais, construídos historicamente sob a égide das elites? Se ela é produto de uma racionalidade que preconiza ao longo da história do pensamento moderno o progresso, na perspectiva da sociedade de classes, como pode se identificar com os trabalhadores rurais sem terra?

Pelas lutas do MST, os trabalhadores rurais sem terra aprenderam que as mudanças não se dão de forma mágica e milagrosa. Há que se ter persistência, capacidade de diálogo e espírito de solidariedade. A Universidade não é um bloco monolítico. No seu cotidiano há brechas que possibilitam aproximar sujeitos que compartilham esperanças e sonhos. A partir desse olhar, o Curso Pedagogia da Terra favorece articulações fecundas entre a academia e movimentos sociais que aos poucos podem frutificar no sentido de unificação de lutas coletivas por uma sociedade mais humanizada, pautada na valorização do trabalho coletivo e solidariedade humana.

Avaliações preliminares do primeiro Curso Pedagogia da Terra/ES estão permitindo perceber lacunas do projeto curricular, que dificultaram em grande medida aos professores de assentamentos e docentes da Universidade sistematizar na profundidade e urgência demandada pelo MST conhecimentos sobre uma educação no/do campo para as séries iniciais do ensino fundamental. Conforme discute Molina (2002) o conhecimento acadêmico é imprescindível na formação do professor de assentamento, mas isso por si só não gera transformações no campo. Traduzir em ação o conhecimento é uma tarefa permanente, mobilizando esforços para a sistematização de novos saberes, construídos nas lutas pela conquista da terra. As mudanças requeridas desafiam a ampliação do acesso ao de todos ao conhecimento, implicando a implementação de frentes de trabalho para sua produção e circulação.

De fato o Curso Pedagogia da Terra deu início a uma nova fase nas lutas dos professores de assentamentos no sentido de colocá-los em diálogo com equipes da Universidade de forma mais institucionalizada. Ainda que instâncias da administração da UFES explicitem que se trata de um curso especial, portanto de oferta temporária, ele favorece aproximações e trocas entre profissionais do ensino da academia e dos assentamentos que certamente possibilitarão a construção coletiva de novos programas de parceria educacional entre o MST e a Universidade. Sendo estreitados laços entre professores de licenciatura da Universidade e o Setor de Educação do MST passam a ser estabelecidas trocas de saberes e fazeres que poderão desencadear discussões ampliadas, fertilizando práticas educativas, tanto de uns quanto de outros.

A profissionalidade docente que emerge desse processo colaborativo entre os professores envolvidos no Curso Pedagogia da Terra é uma questão que daqui para diante deveria se constituir como um importante objeto de investigação da Universidade em parceria com professores de assentamentos, considerando a relevância política do resgate da profissão docente a partir de um novo *ethos* profissional do magistério para o nosso tempo.

8. Considerações Finais

Esta investigação sobre o Curso Pedagogia da Terra/ES centrou-se basicamente na análise de documentos e na forma como alunos, professores, assentados, lideranças das instituições conveniadas compreendem este processo de formação de professores de assentamentos em nível superior. Dada a exigüidade do tempo (04/02/2004 a 29/02/2004) para a realização da coleta, sistematização, interpretação de dados e consolidação do relatório final, compreende-se que não houve tempo suficiente para aprofundamento de investigações aspectos que concernem aos impactos do programa em tela na educação propriamente dos assentamentos.

Os dados quantitativos e qualitativos coletados até o momento já sinalizam para a diversidade e relevância do objeto em estudo. Cabe ressaltar as análises dos mesmos não se esgotam no presente relatório, mas sugerem a continuidade de outras interpretações e olhares.

Entre os achados centrais que emergem das reflexões desenvolvidas até o presente momento, neste estudo, dois pontos merecem ser destacados. O primeiro refere-se à prática da parceria na formação de professores. Ela introduz uma dinâmica que favorece a construção coletiva de uma nova política de profissionalização do

magistério, em cuja base se evidenciam possibilidades concretas para a superação da racionalidade técnica que tem determinado a dinâmica curricular dos cursos das mais diferentes áreas do conhecimento na Universidade, entre elas, a Licenciatura. A cooperação do INCRA, do MST e da UFES favoreceu o incremento da interinstitucionalidade e a introdução de práticas dialogadas, num terreno em que a academia reconhecidamente necessita ampliar interlocuções, trabalhando através de parcerias com diferentes segmentos da organização social. Por esse tipo de trabalho interinstitucional criam-se algumas condições que, sem dúvida, possibilitam inovações, trazendo benefícios a diferentes movimentos organizados da sociedade nas lutas por uma educação pública de qualidade.

O segundo a ser destacado diz respeito ao Curso Pedagogia da Terra, à particularidade que o constitui enquanto um projeto de formação de professores de assentamentos. Criam-se algumas condições que estão favorecendo a visualização de uma outra profissionalidade docente. Trata-se de um novo *ethos profissional* do professor, fundamentado no trabalho coletivo solidário e colaborativo dos Sem Terra e dos segmentos oprimidos da sociedade, em suas lutas permanentes pela conquista da terra, moradia, saneamento básico, saúde pública, transporte etc., na perspectiva de uma agricultura sustentável.

Nesse sentido, a interação colaborativa entre equipes do Setor de Educação do MST, com equipes da Universidade, coloca o desafio da elaboração de uma prática distinta de outras vigentes até então na academia, particularmente no campo da educação. Com a introdução de novos sujeitos no meio acadêmico, como é o caso dos professores de assentamentos do MST, com uma valorização de seus saberes construídos na luta pela terra, tensionam-se práticas tradicionais e dilatam-se tempos-espacos na perspectiva da construção de novos saberes, impulsionadoras de novas práticas.

Partindo do exposto, recomenda-se a continuidade de pesquisas sobre o processo de formação de professores de assentamentos, através do Curso de Pedagogia da Terra, no contexto do Estado do Espírito Santo, tendo em vista a relevância do programa para a construção coletiva de uma política pública de educação no/do campo. Esse conhecimento pode estimular e fundamentar novas parcerias para a formação de professores para os demais níveis de educação no MST. O fortalecimento das lutas do magistério pela valorização social da profissão docente é uma das dimensões fundamentais no debate sobre o Curso Pedagogia da Terra, apresentando contribuições

para o resgate da educação pública de qualidade para todos, em todos os níveis. Possivelmente um levantamento de dados em assentamentos poderá explicitar conquistas do acesso de professores do MST a cursos de graduação, considerando as especificidades das demandas de educação formal por parte dos trabalhadores rurais. Ao mesmo tempo, poderá explicitar benefícios da Universidade ao colocar-se em diálogo com movimentos organizados da sociedade.

Há que se intensificar debates na sociedade e na academia para se encontrar caminhos que possibilitem o acesso efetivo e institucionalizado de todos os profissionais do ensino básico a projetos emanados da tríade pesquisa-ensino-extensão, na formação inicial e continuada, no âmbito da Universidade. O que se busca em síntese é uma política pública interinstitucional de profissionalização do magistério, a qual garanta o acesso aos cursos, que estejam referenciados a uma condição que supere a denominação pejorativa de “cursos especiais”. O resgate da profissão docente demanda um aprofundamento sobre o *tipo de profissional da educação* que se quer formar na Universidade, sobre a racionalidade que deve fundamentar essa política, bem como todas as condições concretas para viabilizar um projeto dessa envergadura.

9. Referências Bibliográficas

- ARROYO, Miguel e FERNANDES, Bernardo M. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília: MST/Unb/CNBB/UNICEF/UNESCO, 1999.
- BENJAMIN, César e CALDART, Roseli Salete (Orgs.). **Projeto popular e escolas do campo**. Brasília: MST/Unb/CNBB/UNICEF/UNESCO, 2001.
- BELTRAME, Sônia A. B. Formação de professores na prática política do MST: a construção da consciência orgulhosa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 2, pp. 129-144, jul./dez. 2002.
- CALDART, Roseli S. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgar *et al.* (Orgs.). **Por uma educação do campo; educação do campo – identidades e políticas públicas**. Brasília: MST/Unb/CNBB/UNICEF/UNESCO, 2002, pp. 25-36.
- CANDAU, Vera M. *et al.* **Novos rumos da licenciatura**. Rio de Janeiro: INEP/PUC-Rio (relatório de pesquisa), 1988.
- CARVALHO, Ivanete F. de. **A história do MST em Minas Gerais**. São Mateus/ES: UFES/MST, (monografia de final de curso), 2002.

- DALLAPIONE, Julieta Ida. *Pedagogia da terra (relato de experiência)*. In: **II Conferência Estadual de Educação Básica do Campo**. Porto Alegre: MST, 2002, pp. 65-67.
- FOERSTE, Erineu. **Discurso de alguns periódicos nacionais sobre formação de professores e a integração entre universidade e escola básica a partir dos anos 80**. Caxambu/MG: ANPEd/GT Formação de Professores, 1998.
- _____. **Parceria na formação de professores: do conceito à prática**. Rio de Janeiro: PUC-Rio (tese de doutorado), 2002.
- GATTI, Bernadete A. **Análises com vistas a um referencial para política de formação de professores para o ensino básico**. Brasília: CONSED, 1996.
- INCRA. **Nível de escolaridade dos beneficiários de reforma agrária no ES** (quadro estatístico). Brasília: INCRA, 2000a.
- _____. **Estrutura de apoio escolar nos projetos de reforma agrária no ES** (quadro estatístico). Brasília: INCRA, 2000b.
- INCRA/CIDAP/UFES. **Convênio: Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia**. Vitória: INCRA/CIDAP/UFES, 2002.
- INEP/ANPEd. **Formação de professores no Brasil (1990 a 1998)**. Brasília: INEP/ANPEd, 2002.
- KOLLING, Jorge Edgard *et al.* **Por uma educação básica do campo**. Brasília: MST/Unb/CNBB/UNICEF/UNESCO, 1999.
- _____. **Educação do campo: identidade e políticas pública**. Brasília: MST/Unb/CNBB/UNICEF/UNESCO, 2002.
- LÜDKE, Menga. **Avaliação institucional: formação de docentes para o ensino fundamental e médio (as licenciaturas)**. Brasília: CRUB, 1994.
- MOLINA, Mônica C. **13 desafios para os educadores e as educadoras do campo**. In: KOLLING, Edgar *et al.* (Orgs.). **Por uma educação do campo; educação do campo – identidades e políticas públicas**. Brasília: MST/Unb/CNBB/UNICEF/UNESCO, 2002, pp. 37-43.
- PEREIRA, Ireneu G. **Escola de Ensino Fundamental Assentamento União: Origem, trajetória e aspectos pedagógicos**. **Cadernos do Iterra**, Ano 3 (8): 61-89, nov. 2003.
- PIZZETA, Adelar J. **Formação e práxis dos professores de escolas de assentamentos; a experiência do MST no ES**. Vitória: PPGE/CE/UFES, 1999.

- SANTOS, Berenice Miotto R. dos **Formação universitária; estudo das percepções dos alunos di curso de Pedagogia da Terra do Espírito Santo.** São Mateus/ES: UFES/MST, (monografia de final de curso), 2002.
- UFES/CP. **Projeto: Curso de licenciatura plena em Pedagogia para educadores e educadoras da reforma agrária, MST/ES.** Vitória: UFES/CP, 1998.
- _____. **Projeto: Turma especial de pedagogia para educadoras e educadores das escolas de assentamento de trabalhadores rurais do Brasil.** Vitória: UFES/CP, 2002.
- _____. **Resumos das monografias dos alunos da pedagogia da terra; primeira turma.** Vitória: UFES, 2003.
- _____. **Relatório Turma Especial de Pedagogia para educadores e educadoras das escolas de assentamento de trabalhadores rurais do Brasil.** Vitória: UFES, 2002.
- _____. **Sistematização da 1ª Etapa –Período de 26/09 a 09/11/99.** Vitória: UFES, 1999.
- _____. **Sistematização do 3º período –03/07 a 05/08/2000.** Vitória: UFES, 2002a.
- _____. **Sistematização do 4º período –08/10 a 11/11/2000.** Vitória: UFES, 200b.
- _____. **Sistematização do 5º período –07/01 a 11/02/2001.** Vitória: UFES, 2201a.
- _____. **Sistematização do 6º período –02/07 a 04/08/2001.** Vitória: UFES, 2001b.
- _____. **Ata da Reunião de Avaliação da Turma Especial do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia para Educadoras e Educadores das Escolas de Assentamento de Trabalhadores Rurais do Brasil UFES/INCRA/MST.** Vitória: UFES, 2002.

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Lista de pessoas entrevistadas

Anexo 2 – Grade curricular do Curso pedagogia da Terra/UFES

Anexo 3 – Dados quantitativos referentes à Primeira Turma

Anexo 4 – Gráficos de dados quantitativos da Segunda Turma

**Anexo 5 – O Curso pedagogia da Terra e sua relação com os princípios da
educação do MST**

Anexo 6 – Transcrição de entrevistas

ANEXO 01**LISTA DE PESSOAS ENTREVISTAS**

- Adriana Ubaldo – Aluna Segunda Turma/Professora Assentamento Palmeira
- Ana Cristina Soprani – Aluna da Segunda Turma
- Ana Miranda Costa – aluna da Segunda Turma
- Cícera Guedes da silva – Aluna da Segunda Turma
- Delza Angélica Tognere – Aluna da Segunda Turma
- Edna Castro de Oliveira - Professora
- Eliete Rosa Fernandes – CIDAP/MST/Aluna Primeira Turma
- Fabrice Carolino da Silva – Aluna da Segunda Turma
- Hiran Pinel - Professor
- Janete Carvalha de Azevedo – INCRA
- José Odônio Cardoso de Sá Neto – aluno Primeira Turma
- Josimar Chagas – Aluno Primeira Turma/Professor Assentamento Palmeira
- Laura Maria Schneider Duarte – Coordenação UFES
- Luciana Bonfim de Miranda – Aluna da Segunda Turma
- Magda Luiz Tótola Loyola - Professor
- Magnólia de Souza Maia – CIDAP/MST
- Maria Zelinda Gusson – CIDAP/MST
- Marisa Terezinha Rosa Valadares - Professor
- Marlene de Fátima Cararo Pires – Professora
- Luiza Mitiko Yshiguro Camacho - Professora
- Orlando Barros de Souza – Aluno da Segunda Turma
- Rita de Cássia S. de Sousa – Aluna da Primeira Turma/Professora Assentamento Palmeira
- Alverinda Araújo – Membro do Conselho de Escola do Assentamento Palmeira
- Vilmar Gomes de Sousa – Membro do Núcleo de Coordenação do Assentamento Palmeira
- Rosilei Cosse Effgen – Aluno da Segunda Turma
- Valdinar dos Santos – Aluno Primeira Turma
- Valdívio José de Freitas – CIDAP/MST/Aluno Primeira Turma
- Vany dos Santos – Aluno Segunda Turma
- Welber Virgílio Grassi – Aluno da Segunda Turma
- Welson Batista de Oliveira – Aluno da Segunda Turma
- Willian Gil Fargi – Aluno da Segunda Turma

ANEXO 02
GRADE CURRICULAR DO CURSO
PEDAGOGIA DA TERRA/UFES

GRADE CURRICULAR

PERÍODO	DISCIPLINAS				
1º	Produção de Texto Científico	Introdução a Filosofia	Sociologia Geral	Introdução à Psicologia da Educação	História da Educação I
2º	Sociologia da Educação	Psicologia da Educação I	Filosofia da Educação	Introdução à Pesquisa Educacional	História da Educação II
3º	Biologia Aplicada à Educação	Psicologia da Educação II	Alternativas de Educação do Campo	Organização e Funcionamento do Ensino Fundamental	Didática
4º	Avaliação da Aprendizagem	Introdução a Educação Especial	Arte Educação I	Introdução à Educação Infantil	A questão Agrária no Brasil
5º	Alfabetização I	Educação Psicomotora na Infância	Arte Educação II	Matemática I (conteúdo e metodologia)	Realidade e Perspectivas na Educação Brasileira
6º	Alfabetização II	Ciências Físicas e Biológicas I (conteúdo e metodologia)	História (conteúdo e metodologia)	Matemática II (conteúdo e metodologia)	A Educação para o Cooperativismo no Campo
7º	Ciências Físicas e Biológicas II (conteúdo e metodologia)	Português (Conteúdo e Metodologia).	Geografia (conteúdo e metodologia)	Bases Psicossociais da Educação de Jovens e Adultos	Portadores de necessidades educativas especiais: desenvolvimento e aprendizagem
8º	Estágio I – Educação Infantil e 1ª a 4ª séries				

ANEXO 03
DADOS QUANTITATIVOS REFERENTES
À PRIMEIRA TURMA

Tabela I - Estado de procedência

Minas Gerais	05
Maranhão	02
Sergipe	01
Bahia	10
Pernambuco	03
Rio Grande do Norte	02
Espírito Santo	39

Fone: Santos (2002, p. 30).

Tabela II - Faixa etária

20 a 25	25 a 30	30 a 35	35 a 40	40 a 45	45 a 50
06	17	28	05	04	02

Fonte: Santos (2002, p. 30).

Tabela III - Formação anterior

Magistério	40
Contabilidade	12
Administração	01
Técnico-Agrícola	07
Ensino Médio	02

Fone: Santo (2002, p. 30).

Tabela IV - Tempo de trabalho no MST em anos

01 a 02	02 a 04	04 a 06	06 a 08	08 a 10	10 a 12	12 a 14	14 a 16	16 a 18
02	15	17	15	06	02	03	01	01

Fonte: Santos (2002, p. 31).

Tabela V - Série em que trabalham

Pré-escola	1ª à 4ª	5ª à 8ª	Outras Funções
04	24	22	12

Fonte: Santos (2002, p. 31)

**ANEXO 04 – GRÁFICOS DE DADOS QUANTITATIVOS
DOS ALUNOS DA SEGUNDA TURMA¹**

¹ Acessar os gráficos no arquivo excel: Gráficos Pedagogia/ES.

Gráfico I - Municípios dos Entrevistados (58 Alunos)

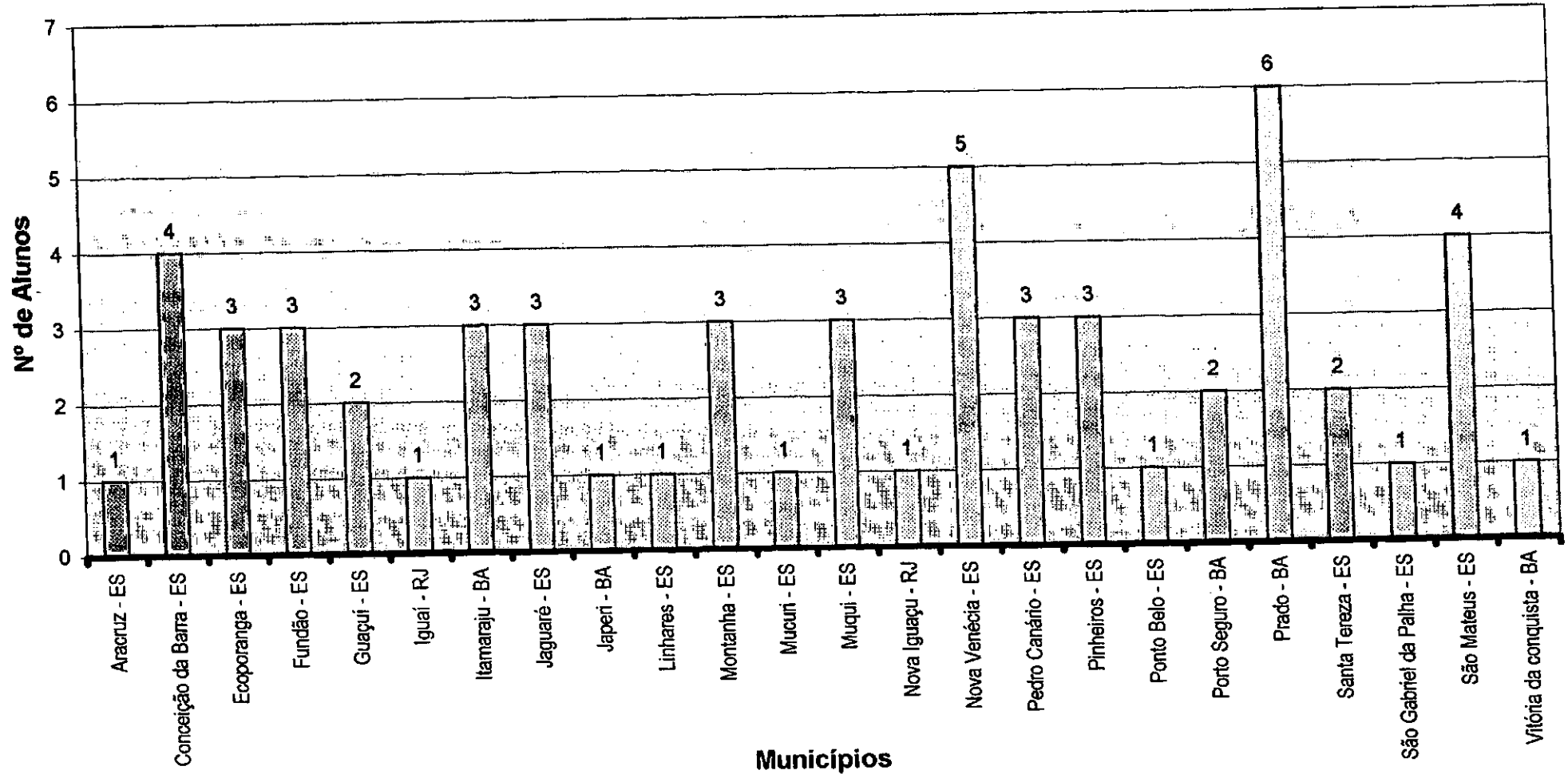
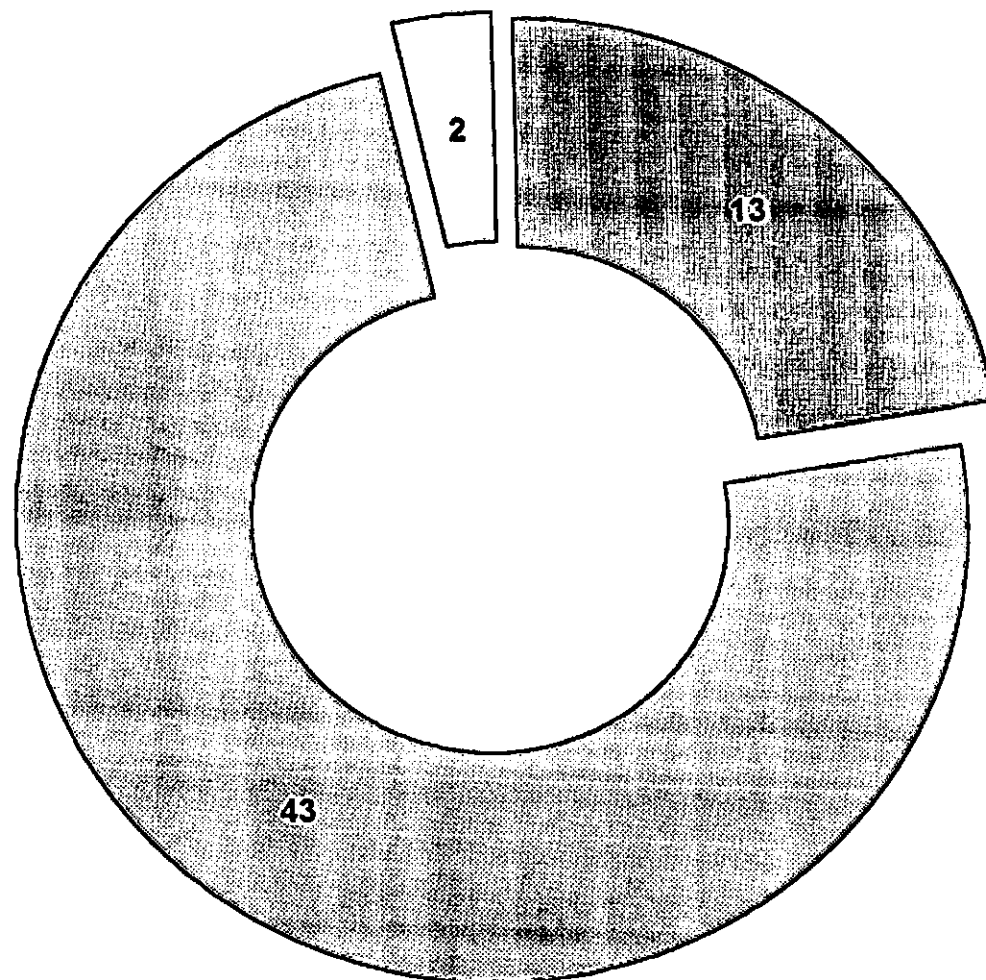


Gráfico 2 - Estado - UF (58 alunos)



- Bahia
- Espírito Santo
- Rio de Janeiro

Gráfico 3 - Sexo (58 estudantes)

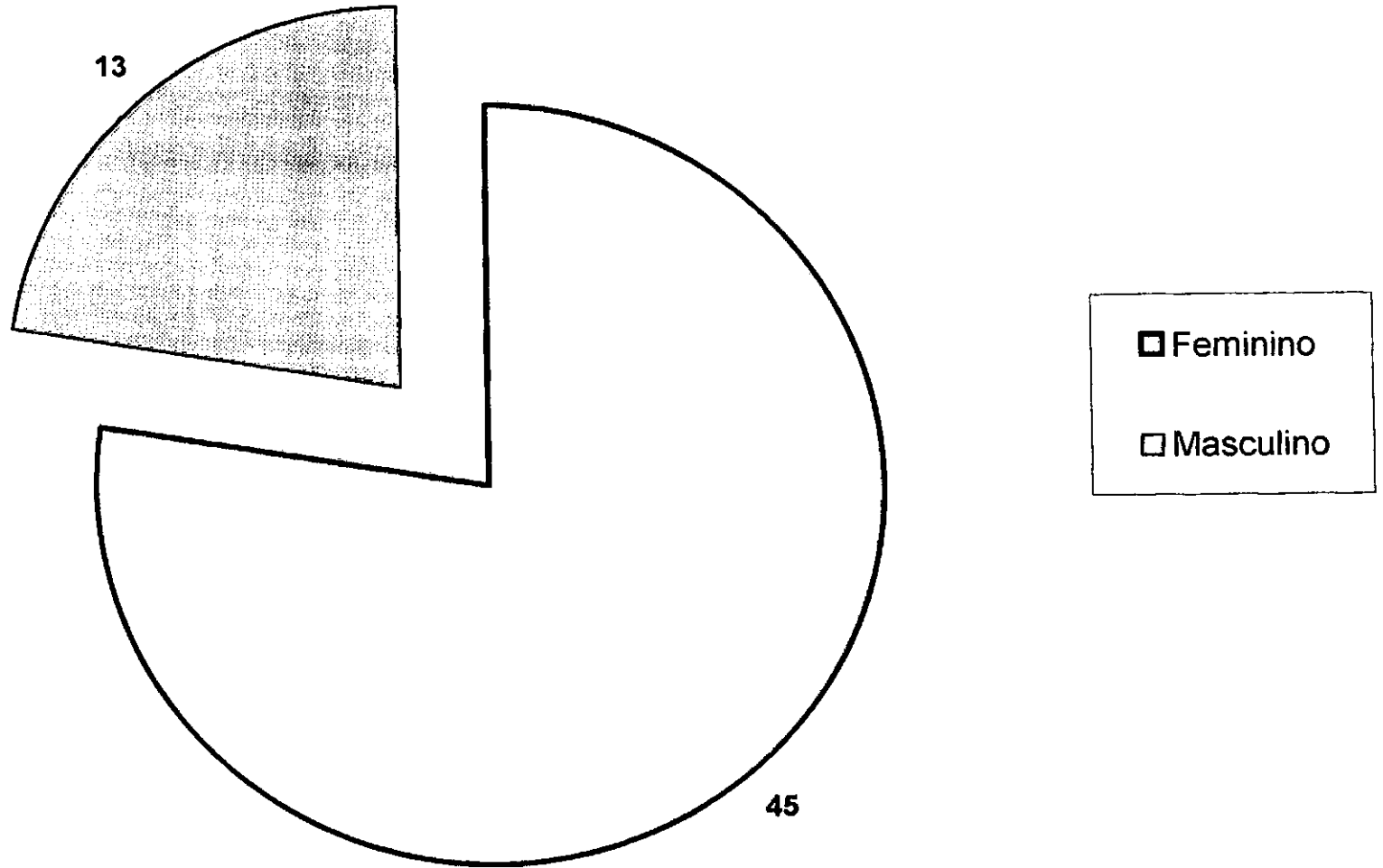


Gráfico 4 - Idade (58 alunos)

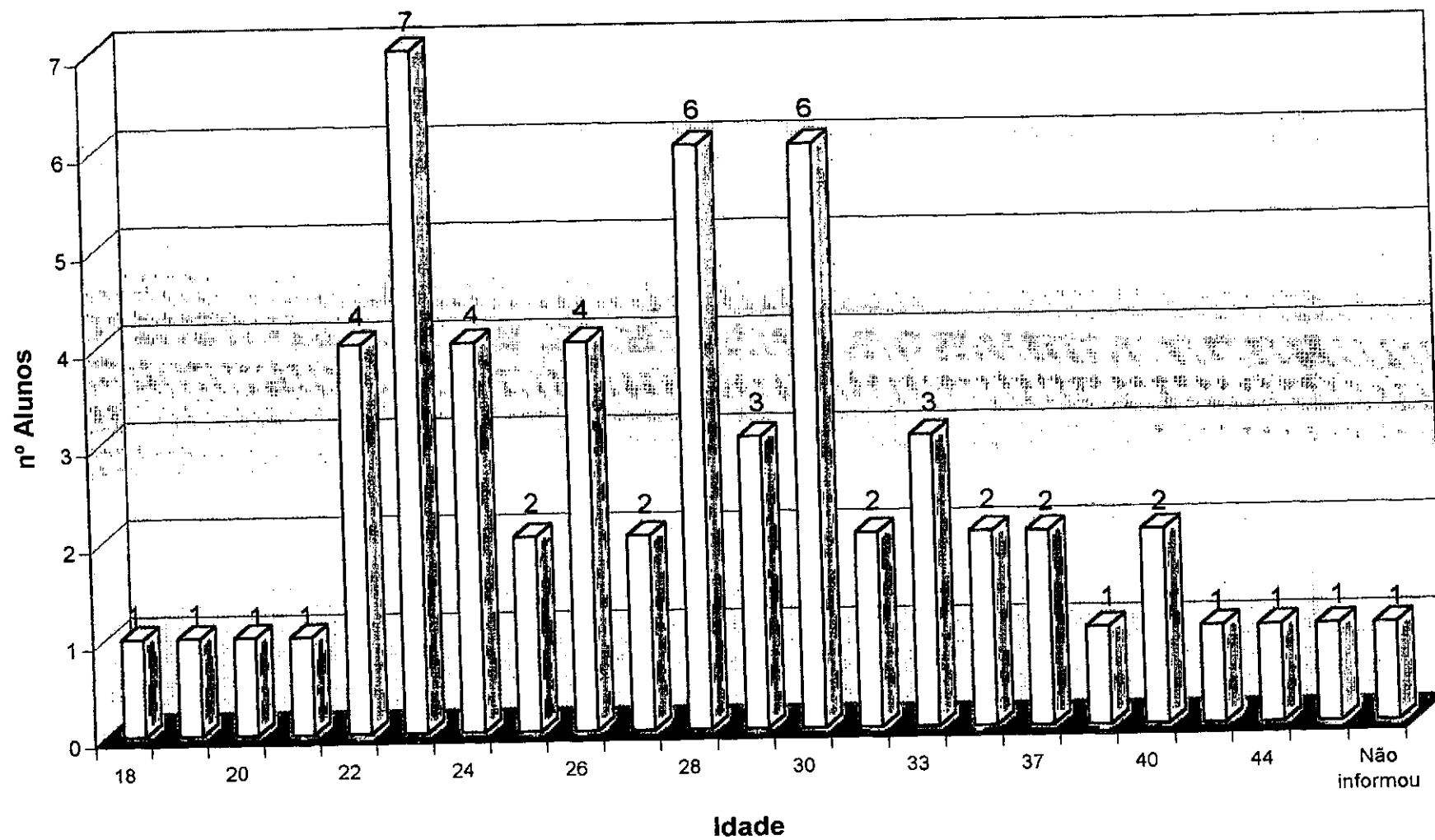


Gráfico 5 - Cor da pele (58 alunos)

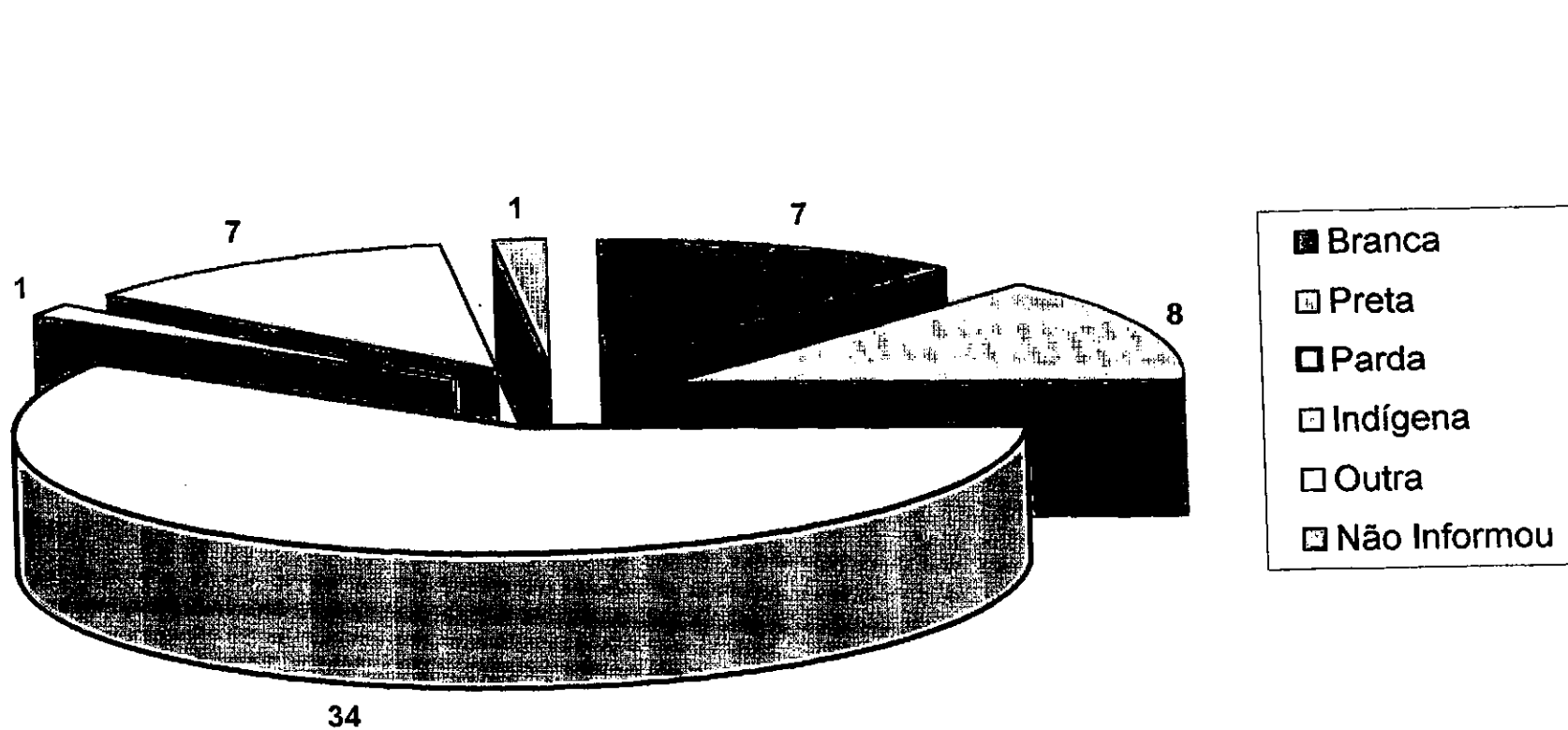


Gráfico 6 - Formação anterior ao ensino médio

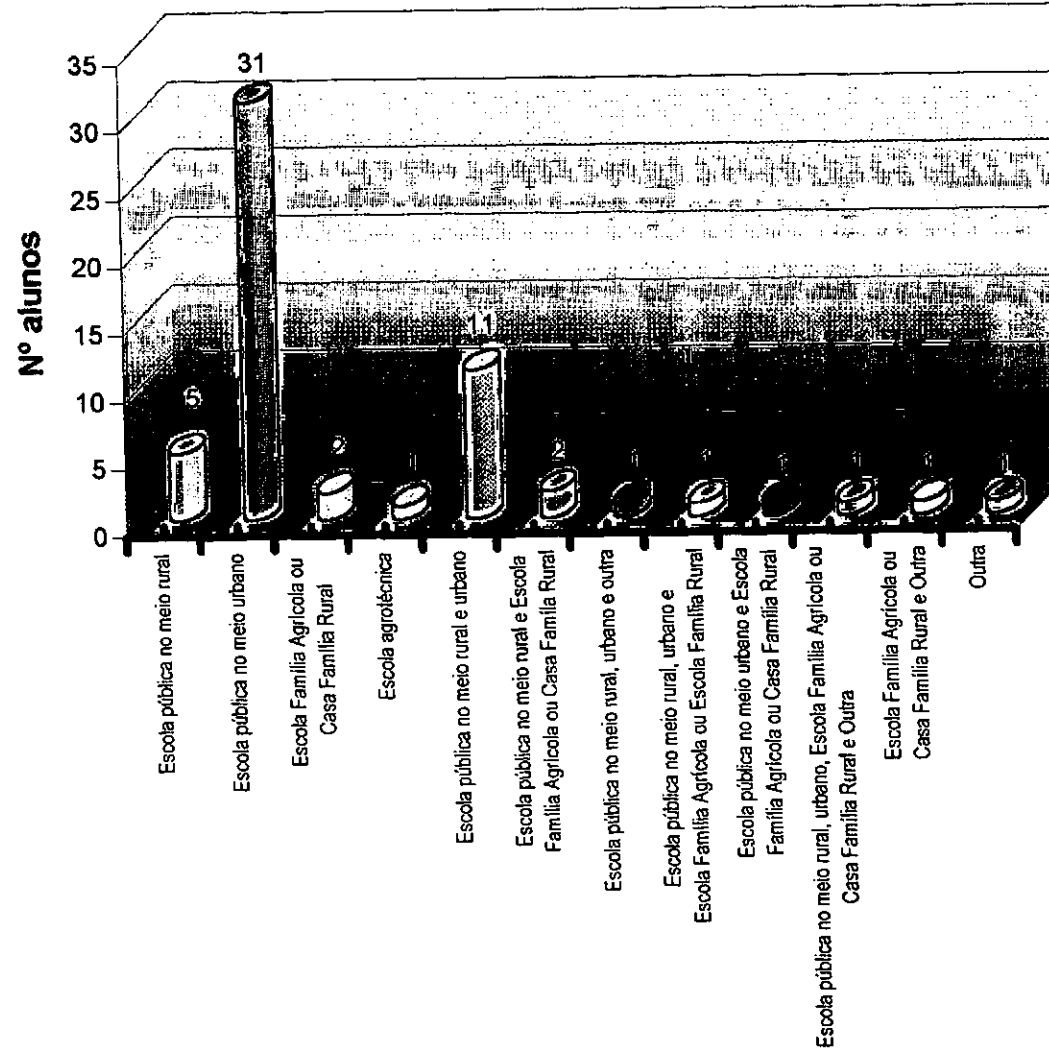


Gráfico 7 - Meio pelo qual foi informado sobre o curso

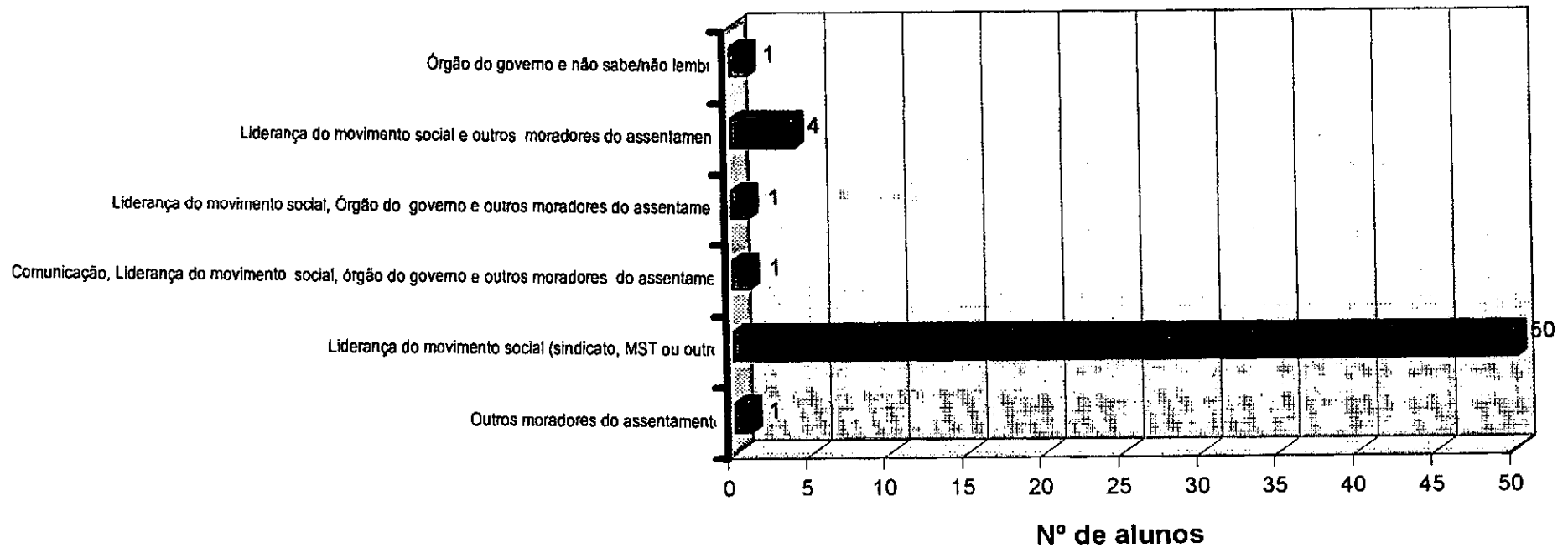
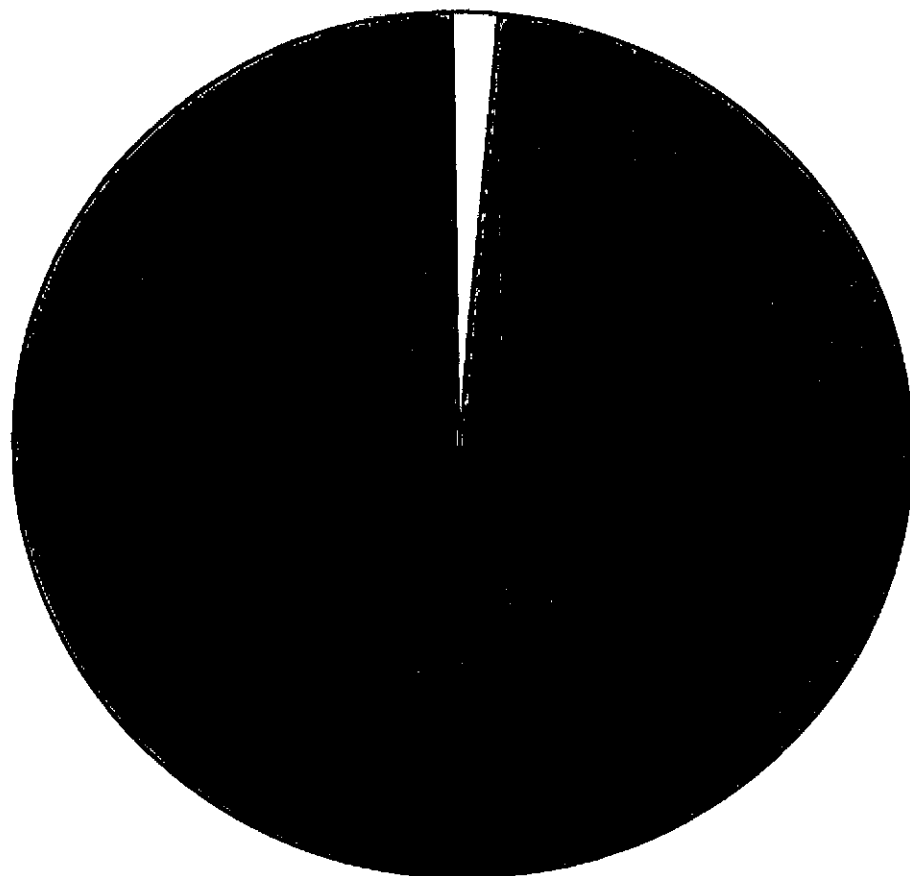


Gráfico 8 - Seleção de participantes

1



57

Indicação da liderança do movimento social

Indicação da liderança do movimento social,
inscrição e preenchimento de critérios

Gráfico 9 - Participação na formulação ou planejamento do curso

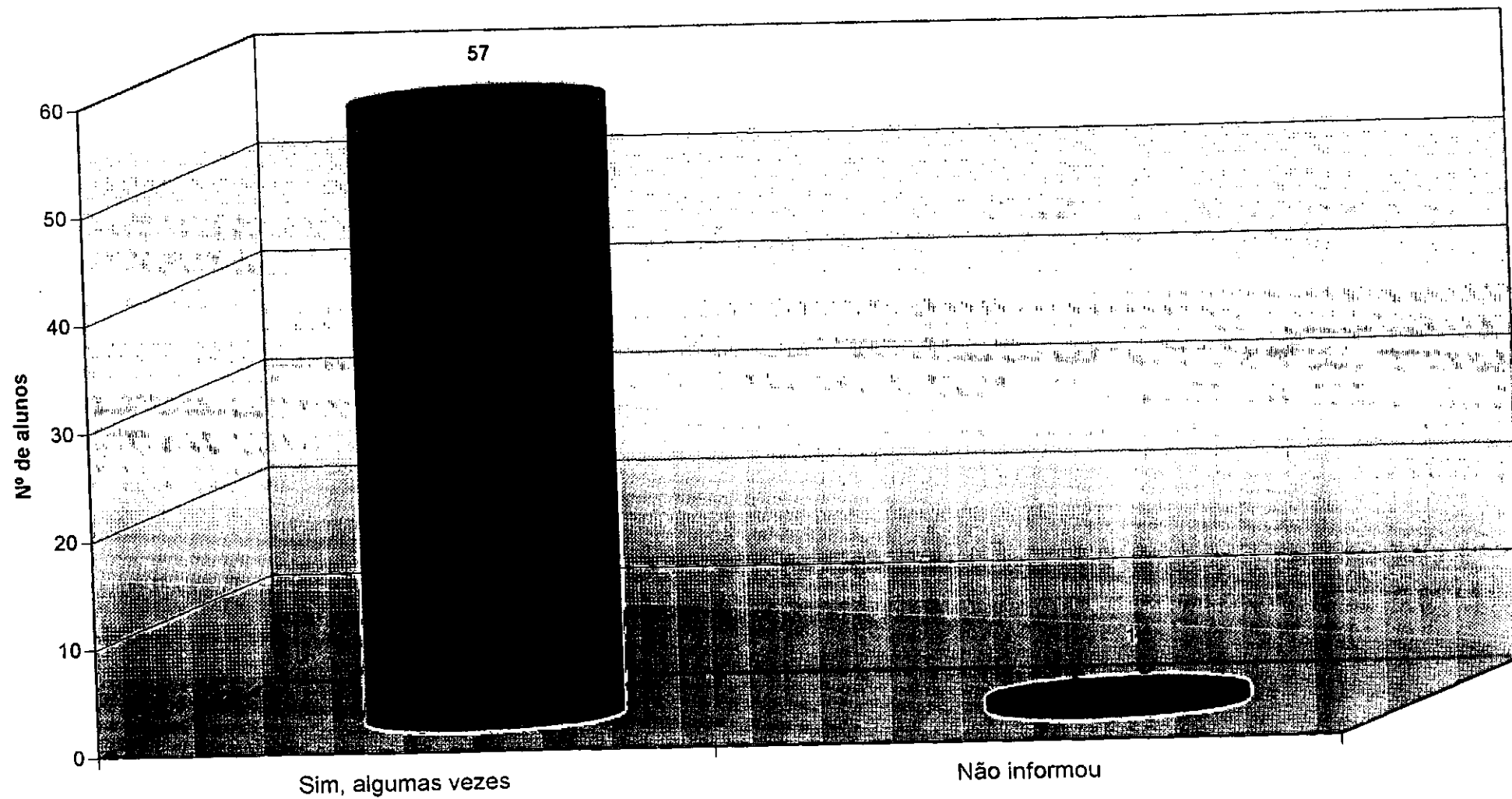


Gráfico 10 - Momento em que opinaram sobre o curso

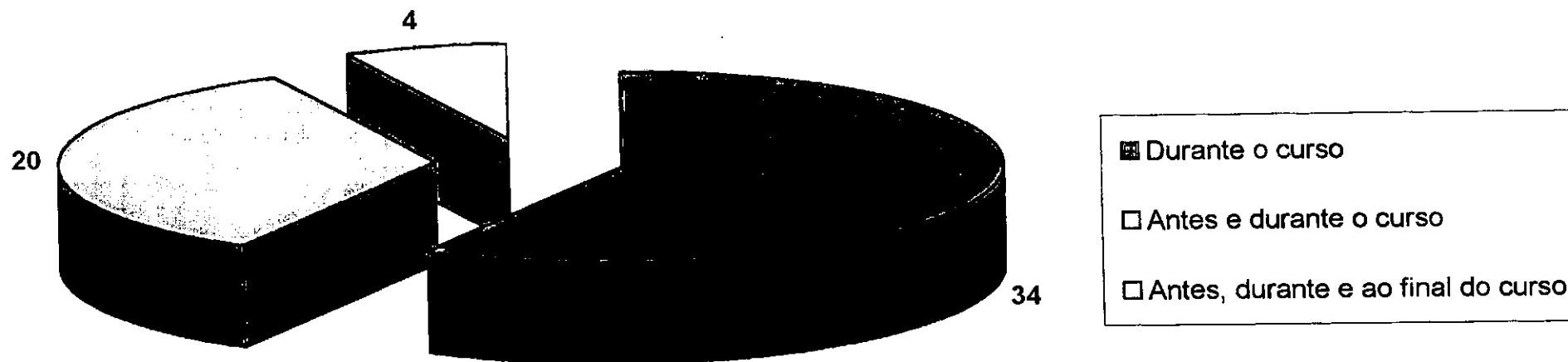
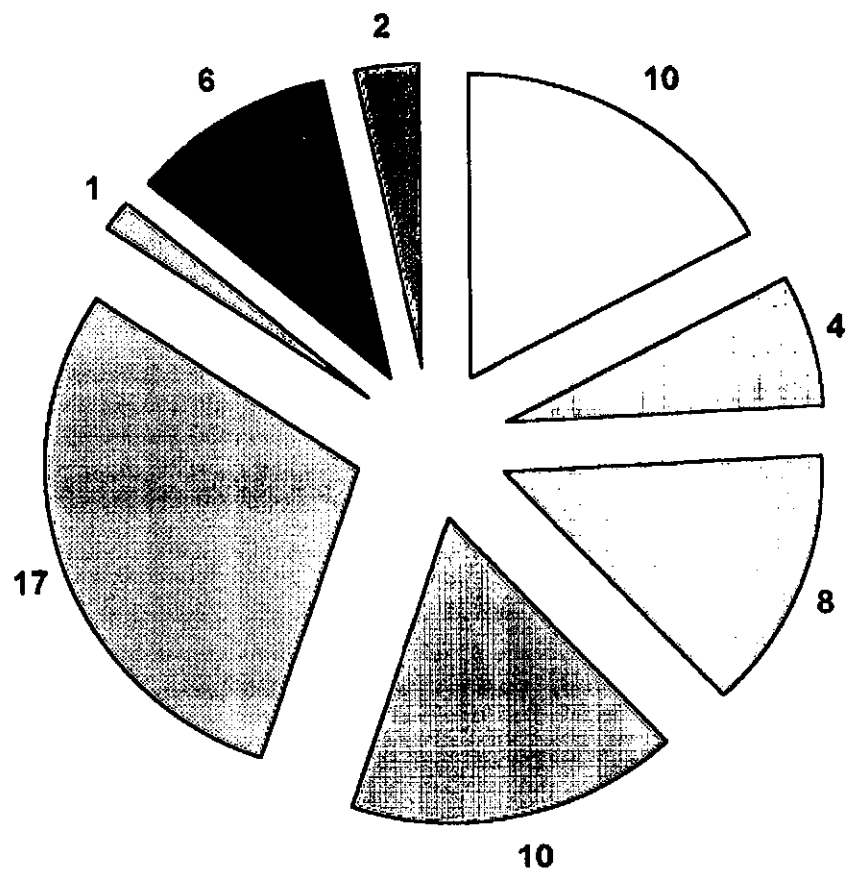


Gráfico 11 - Opinião sobre os aspectos do curso



- Organização e funcionamento
- Metodologia de ensino no curso
- Organização, funcionamento e currículo do curso
- Organização, funcionamento, currículo e metodologia do curso
- Organização, funcionamento, currículo, metodologia e corpo docente do curso
- Currículo e metodologia de ensino do curso
- Organização e metodologia de ensino do curso
- Organização e funcionamento, metodologia de ensino e corpo docente

Gráfico 12 - Avaliação do curso quanto à organização e funcionamento

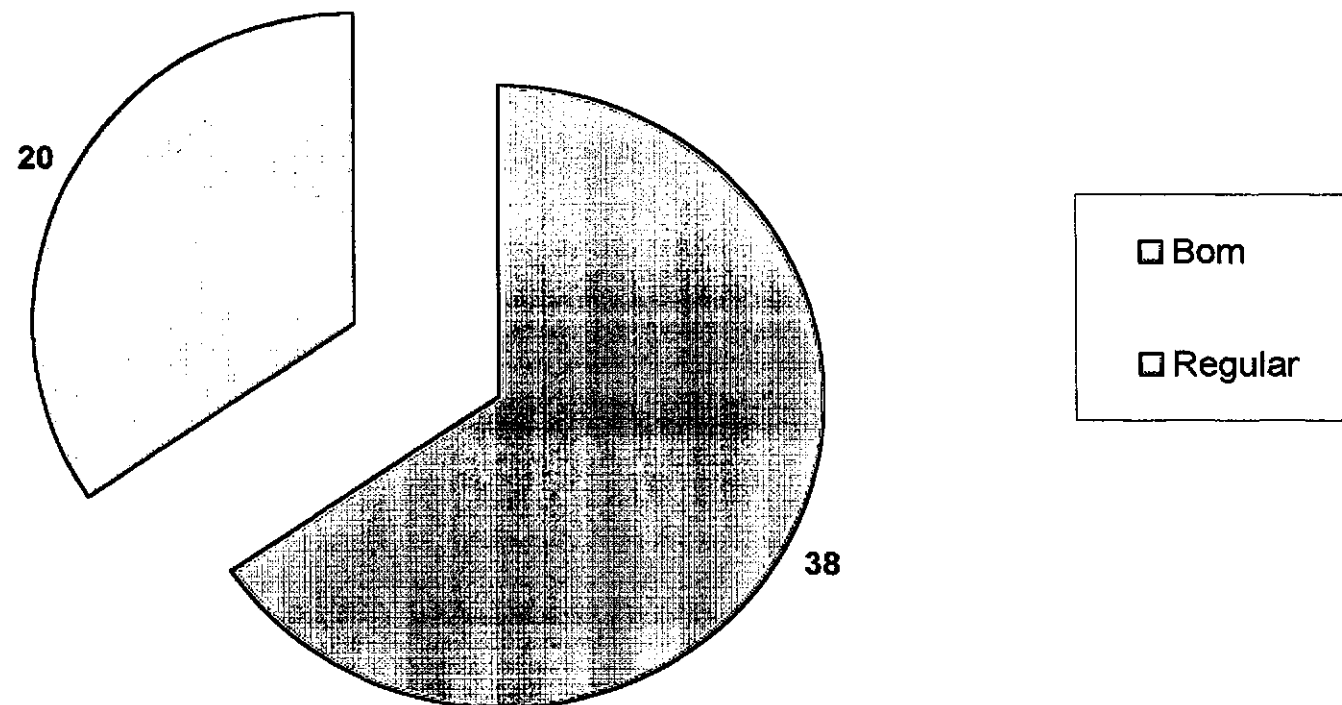


Gráfico 13 - Avaliação do curso quanto ao currículo

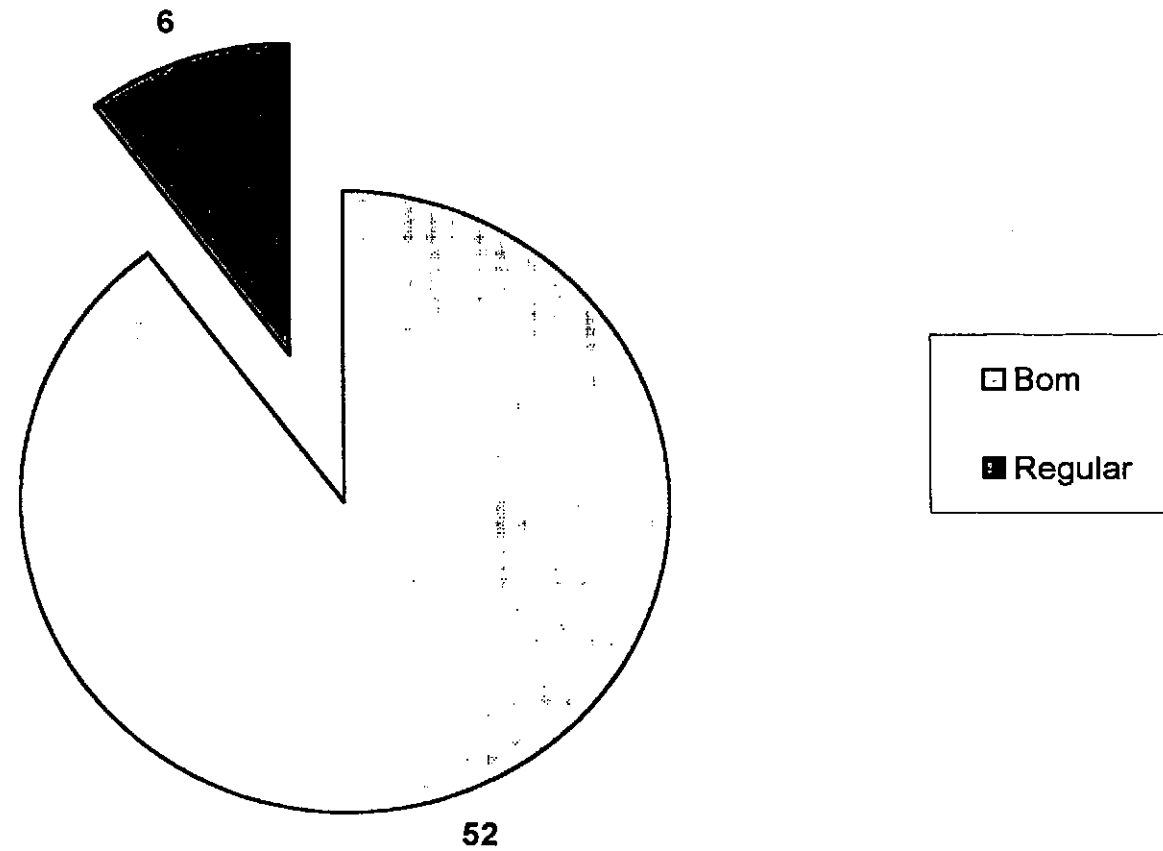


Gráfico 14 - Avaliação do curso quanto à metodologia

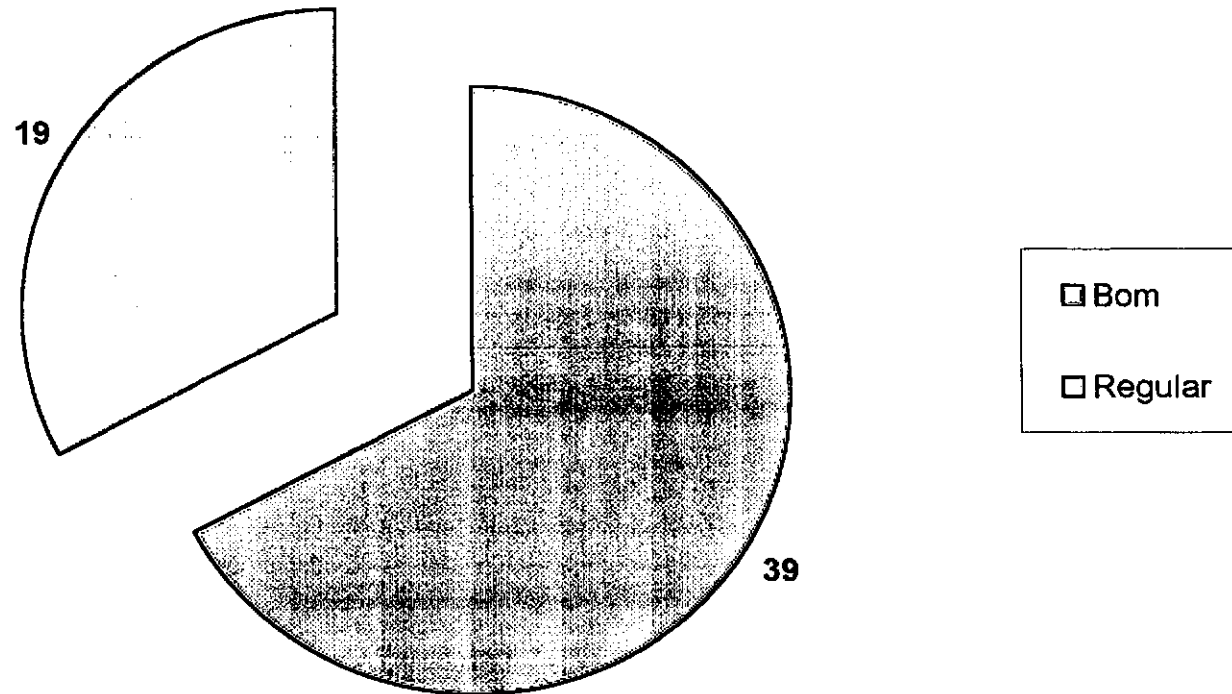


Gráfico 15 - Avaliação do curso quanto aos materiais didáticos pedagógicos

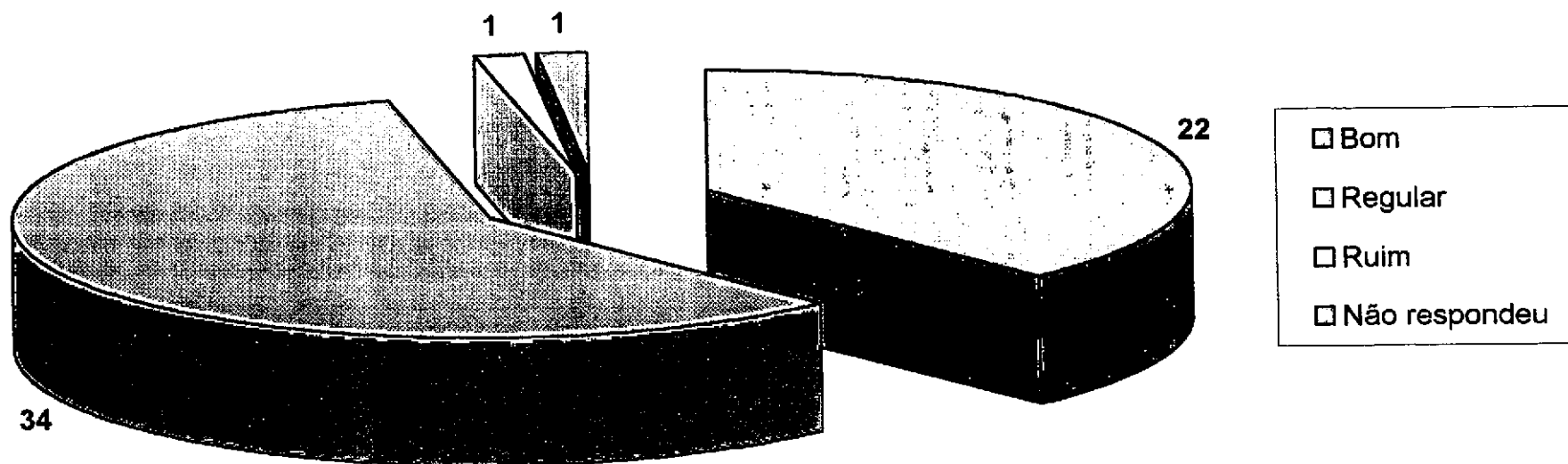


Gráfico 16 - Avaliação do curso quanto ao sistema de avaliação

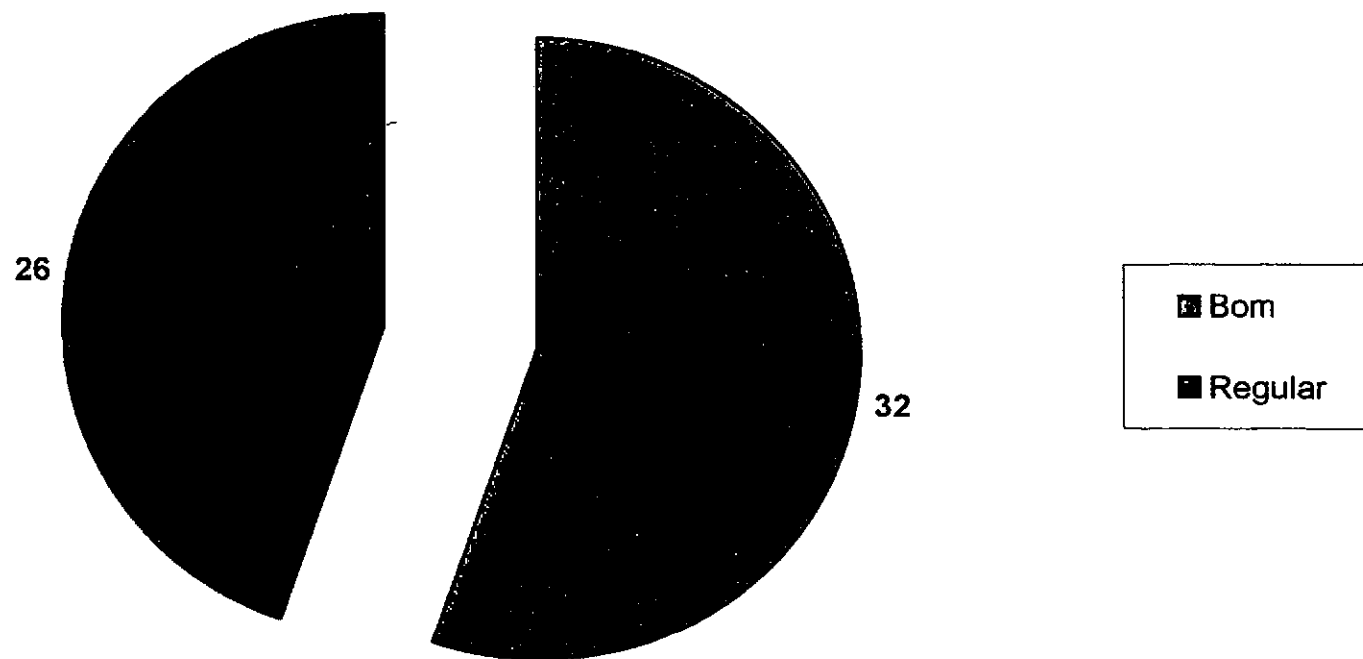


Gráfico 17 - Avaliação do curso quanto aos docentes e sua relação com o/as aluno/as

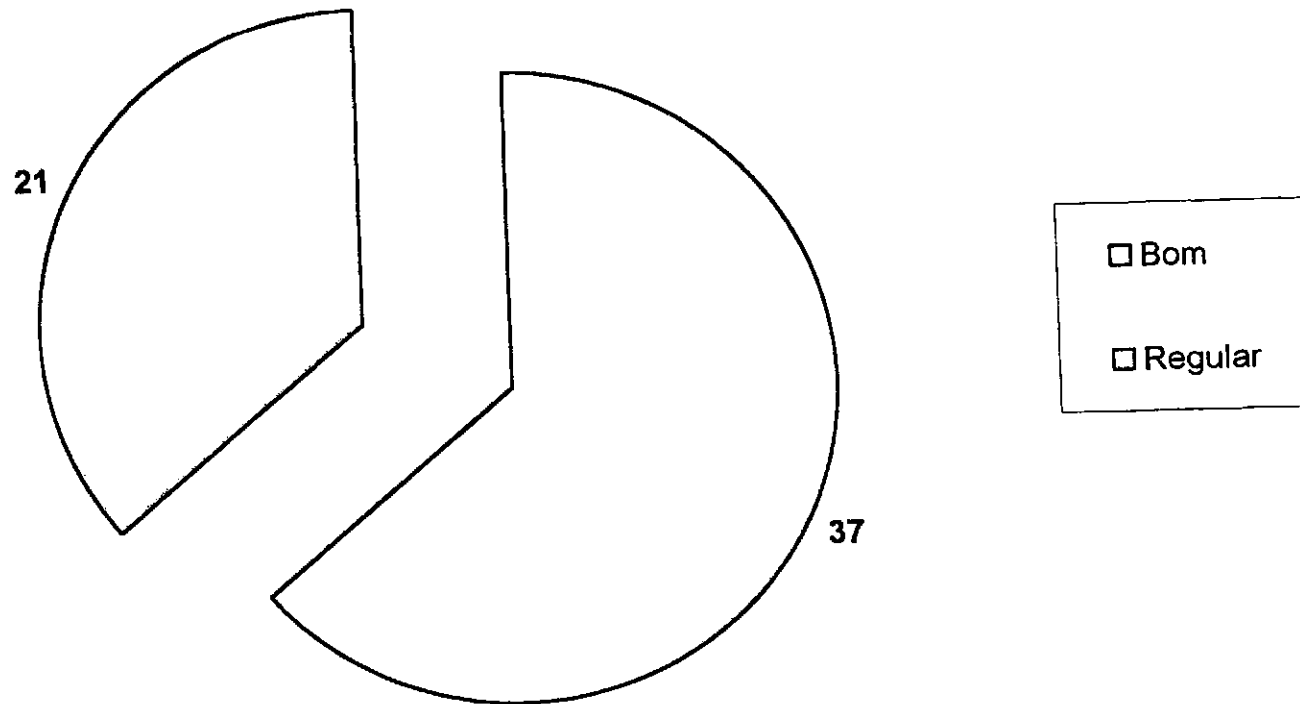


Gráfico 18 - Direcionamento do curso quanto aos conteúdos específicos para a educação do campo

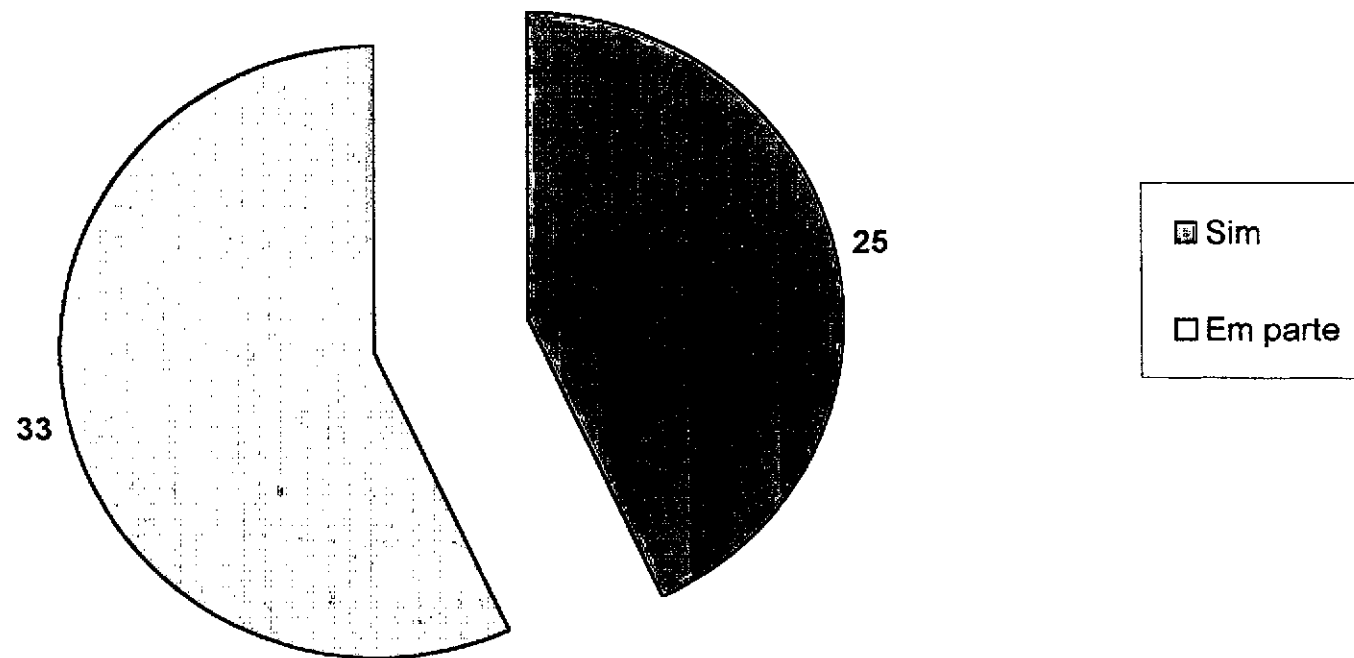


Gráfico 19 - Direcionamento do curso quanto à linguagem

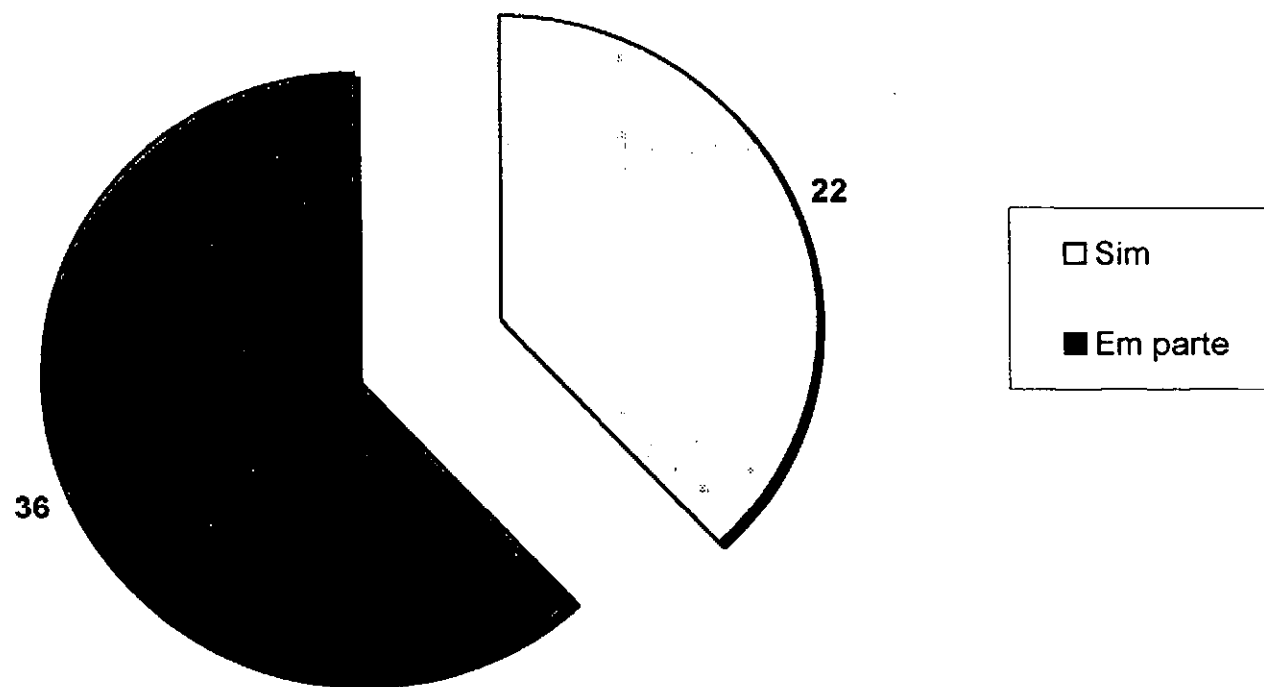


Gráfico 20 - Direcionamento do curso quanto aos materiais didáticos

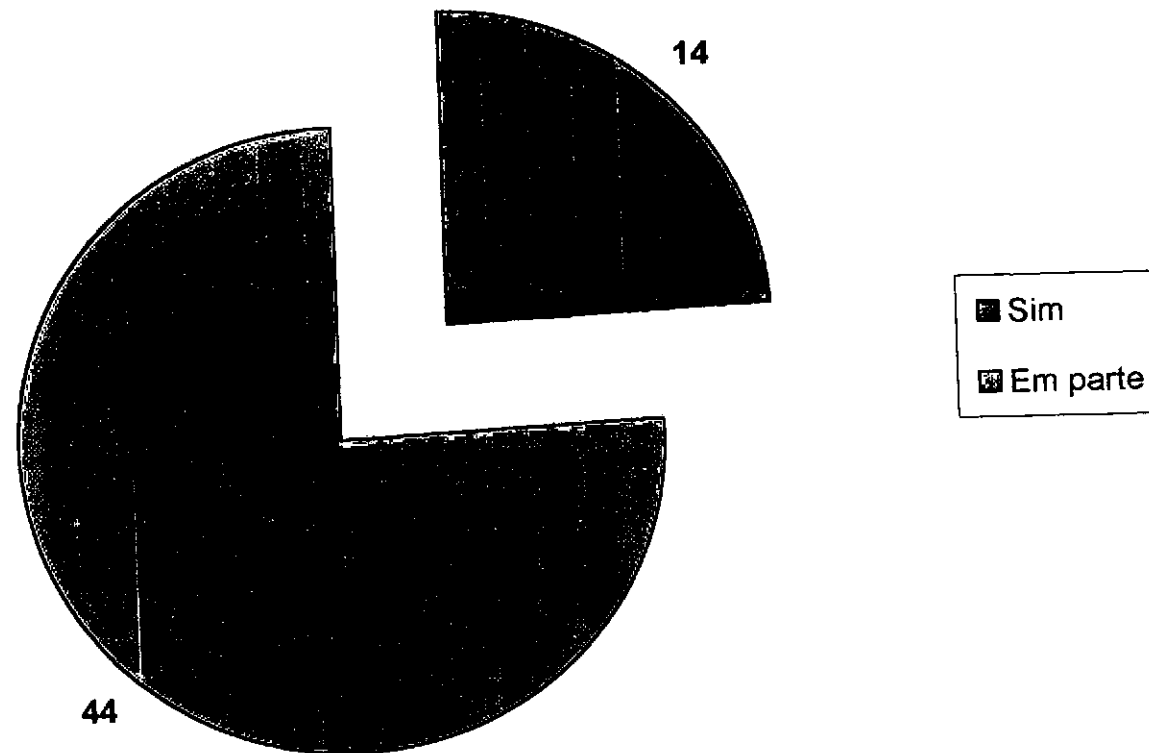


Gráfico 21 - Direcionamento do curso quanto ao calendário

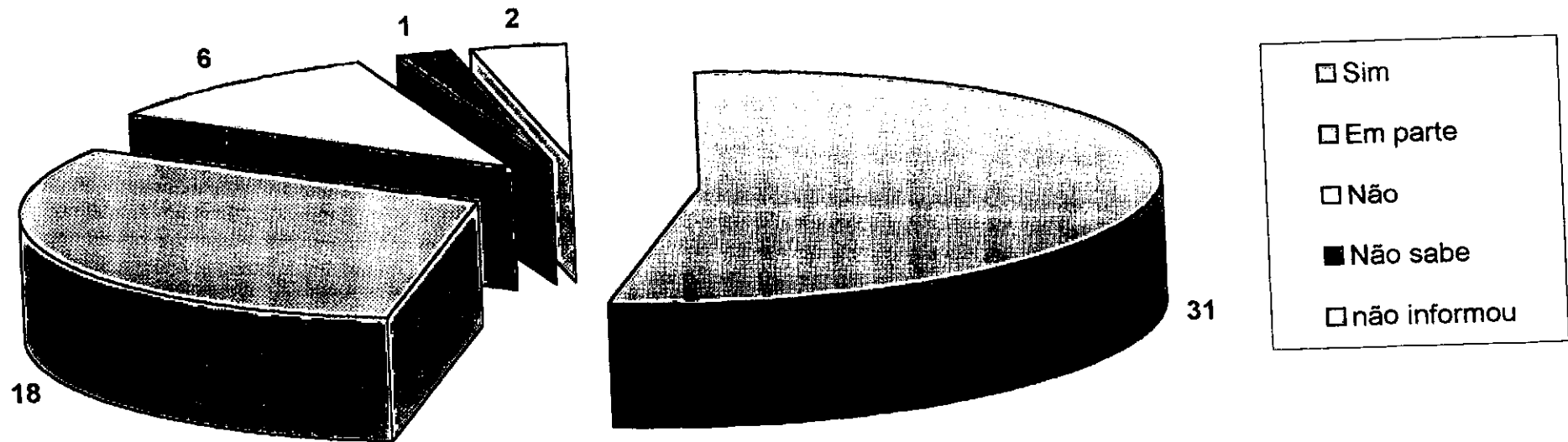


Gráfico 22 - Pretensão do/as aluno/as em continuar os estudos

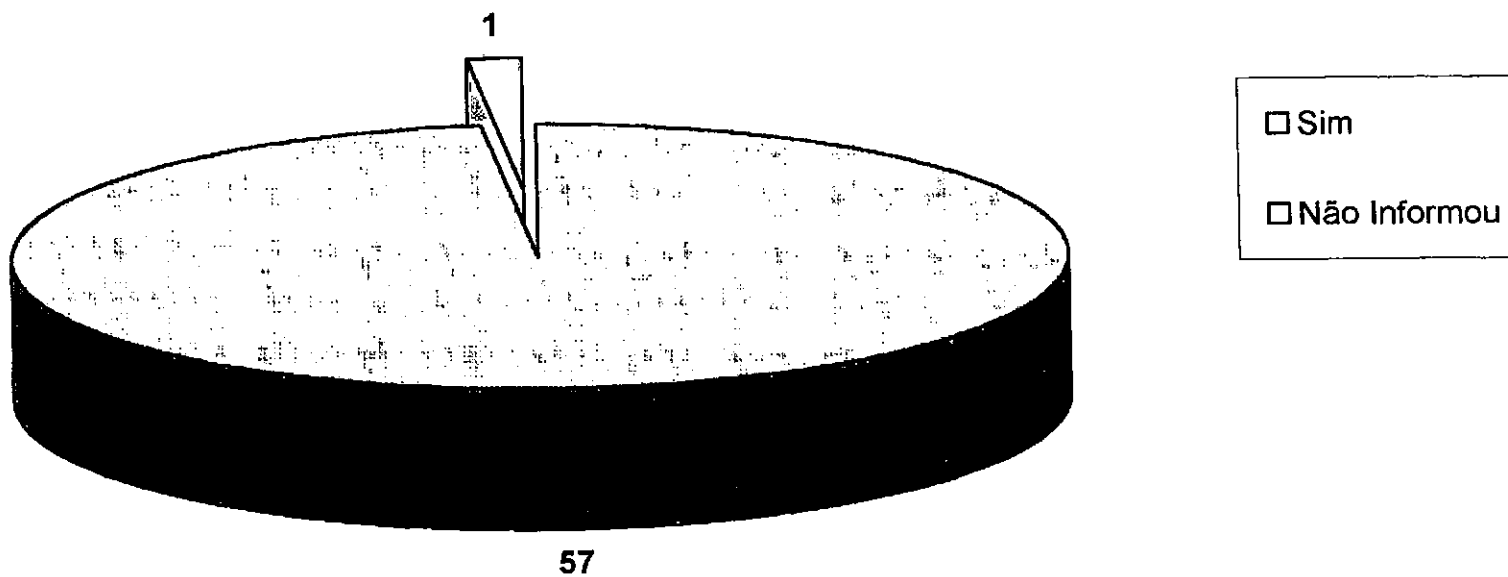
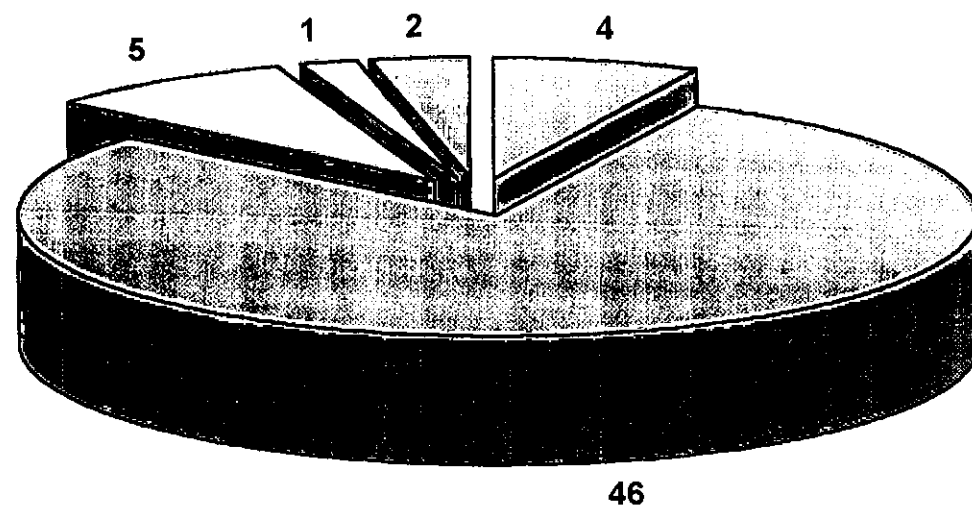


Gráfico 23 - Opção de outros cursos pelo/as aluno/as



- Outro curso superior
- Curso(s) de pós-graduação
- Outro curso superior e pós-graduação
- curso(s) de pós-graduação e outro
- Não informou

Gráfico 24 - Valorização dos conhecimentos anteriores do/as aluno/as

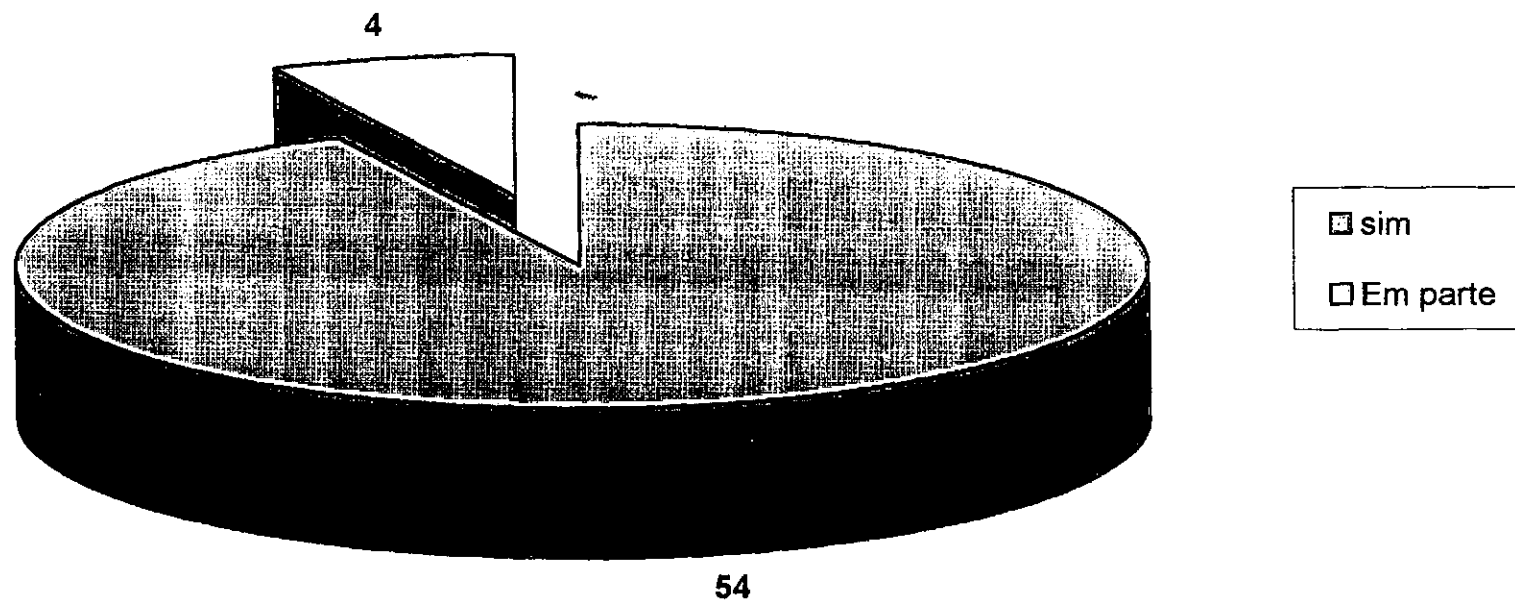


Gráfico 25 - O curso proporcionou aperfeiçoamento de habilidades de leitura, escrita e comunicação oral

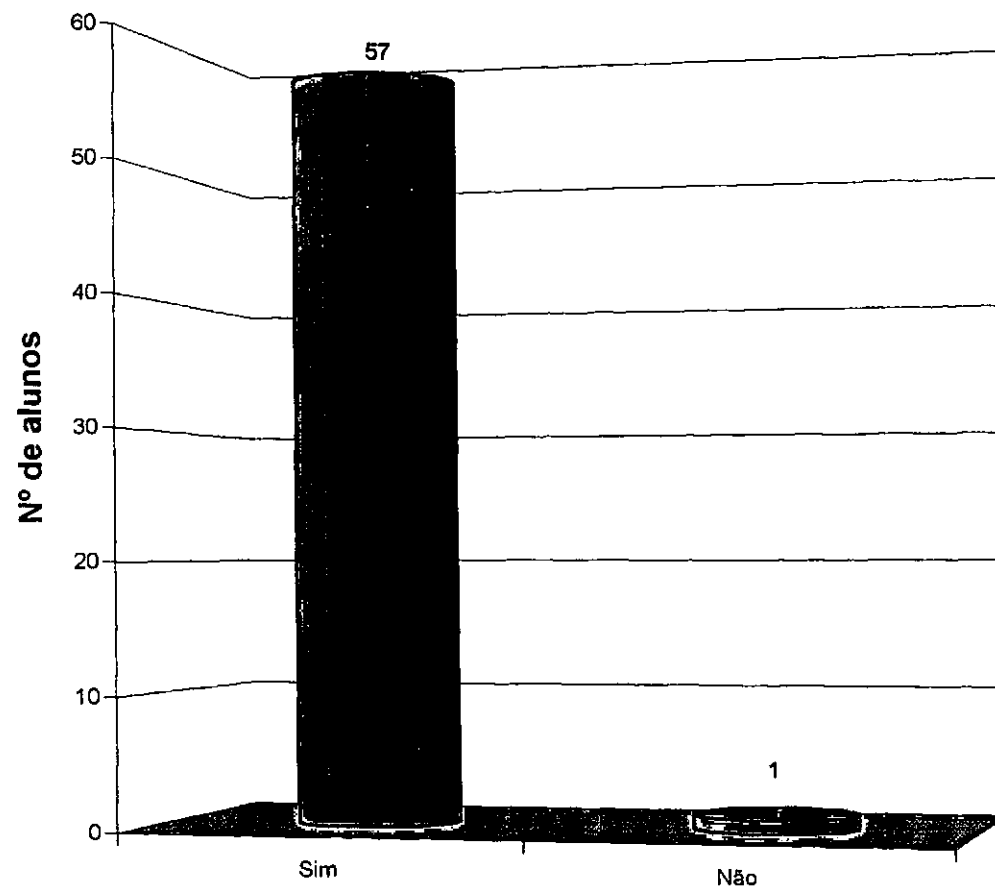


Gráfico 26 - O curso proporcionou aquisição de novos conhecimentos sobre a sociedade e a natureza

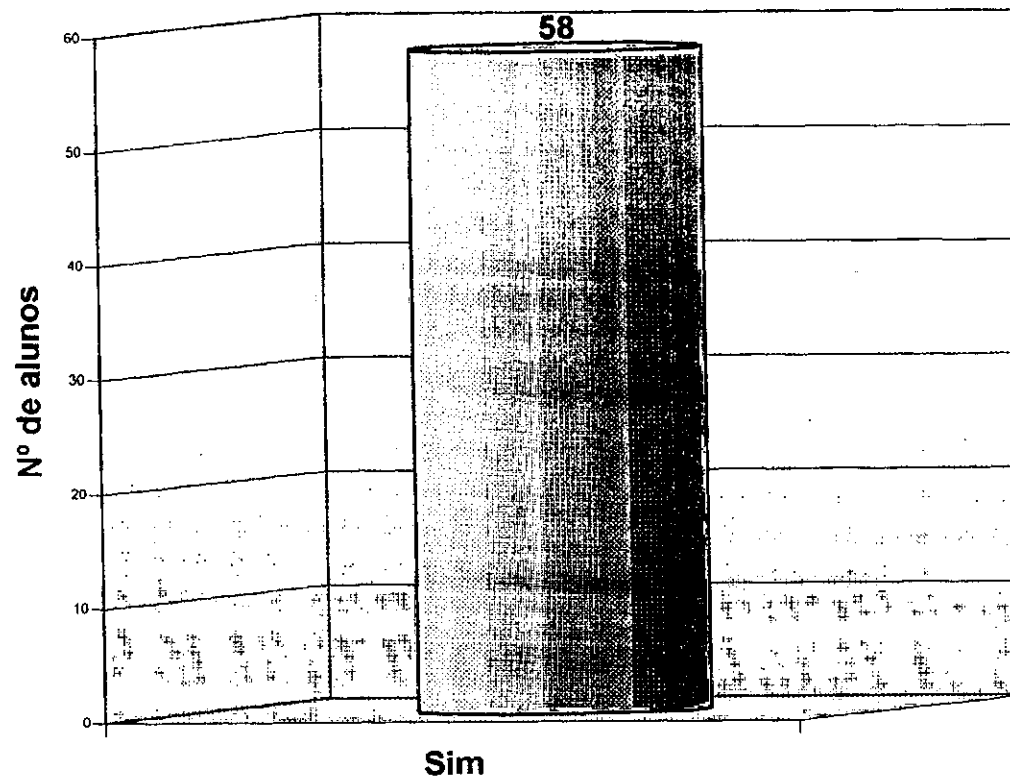


Gráfico 27 - O curso proporcionou aquisição de novos conhecimentos sobre processos educativos

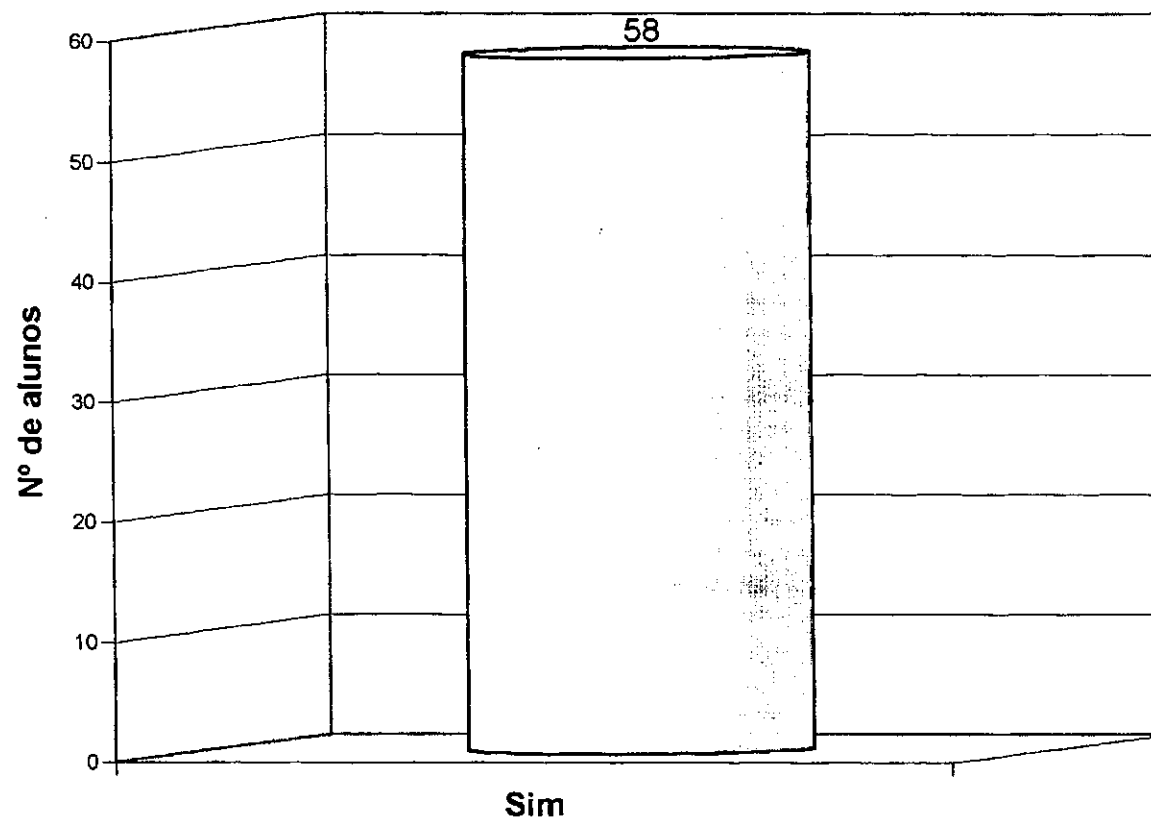


Gráfico 28 - O curso proporcionou ampliação de conhecimentos sobre questões sociais, econômicas, políticas e sociais

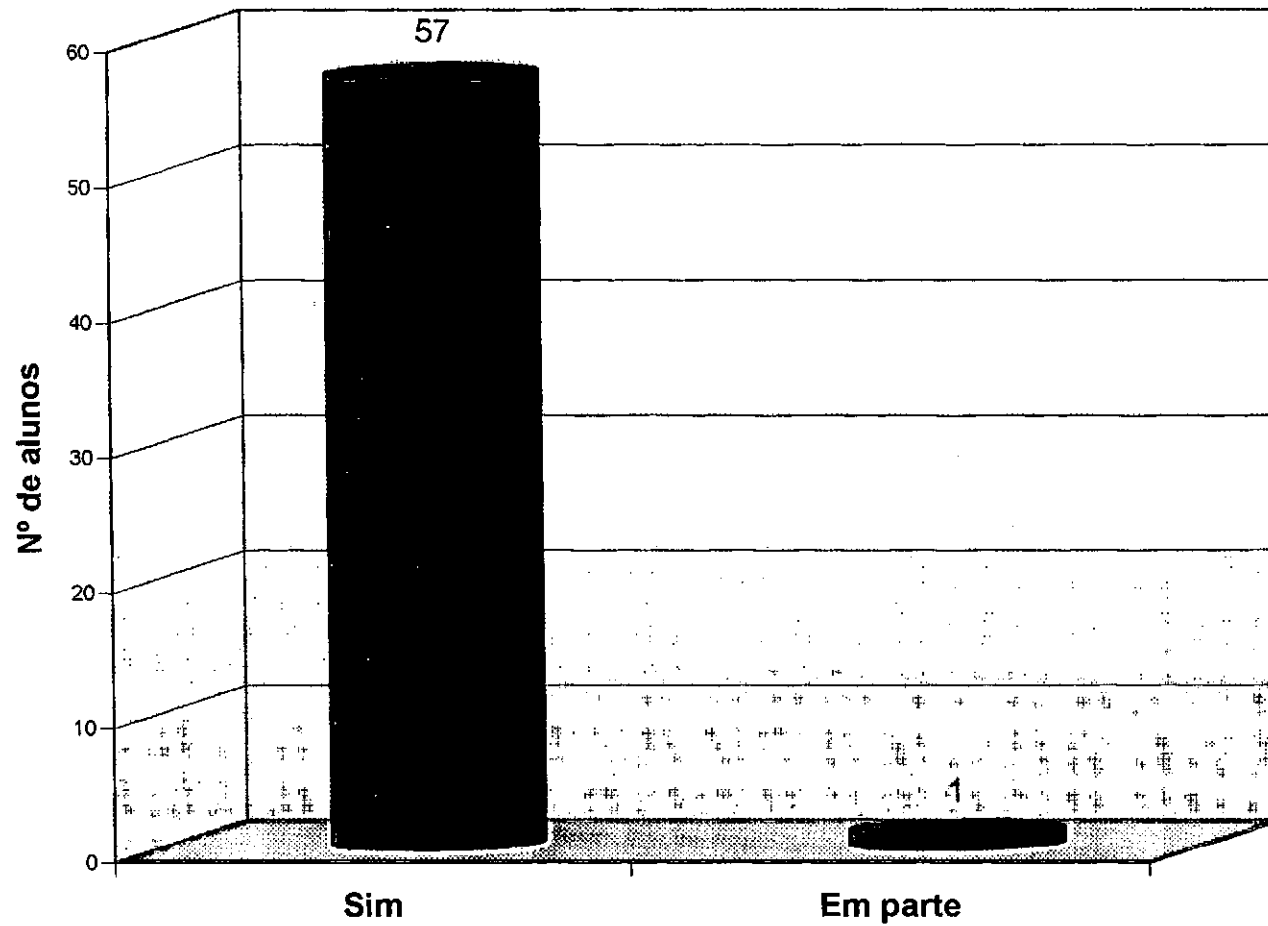


Gráfico 29 - Aprendizagem úteis para continuidade dos estudos

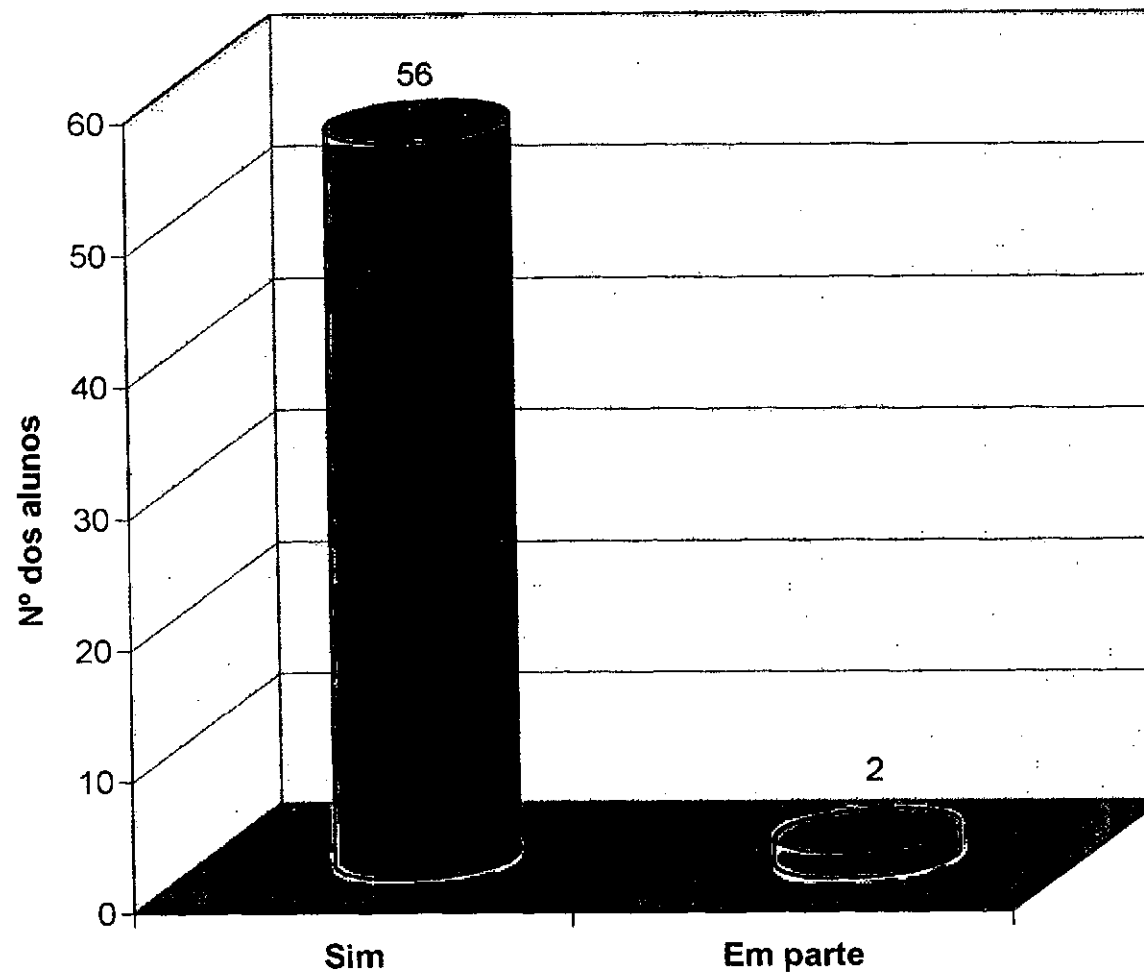


Gráfico 30 - Aprendizagens úteis para o trabalho no assentamento

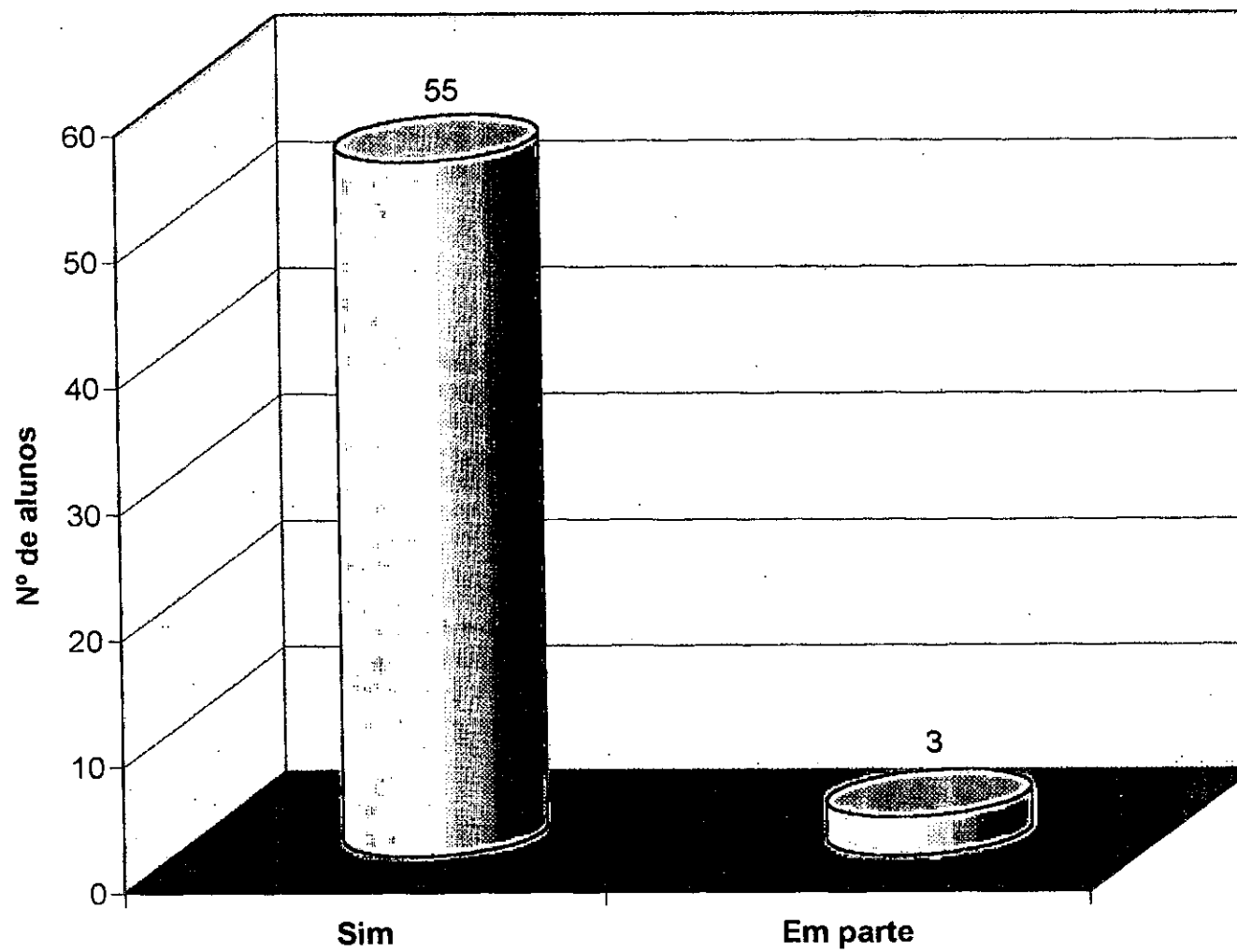


Gráfico 31 - Aprendizagens úteis para a participação no movimento de trabalhadores rurais

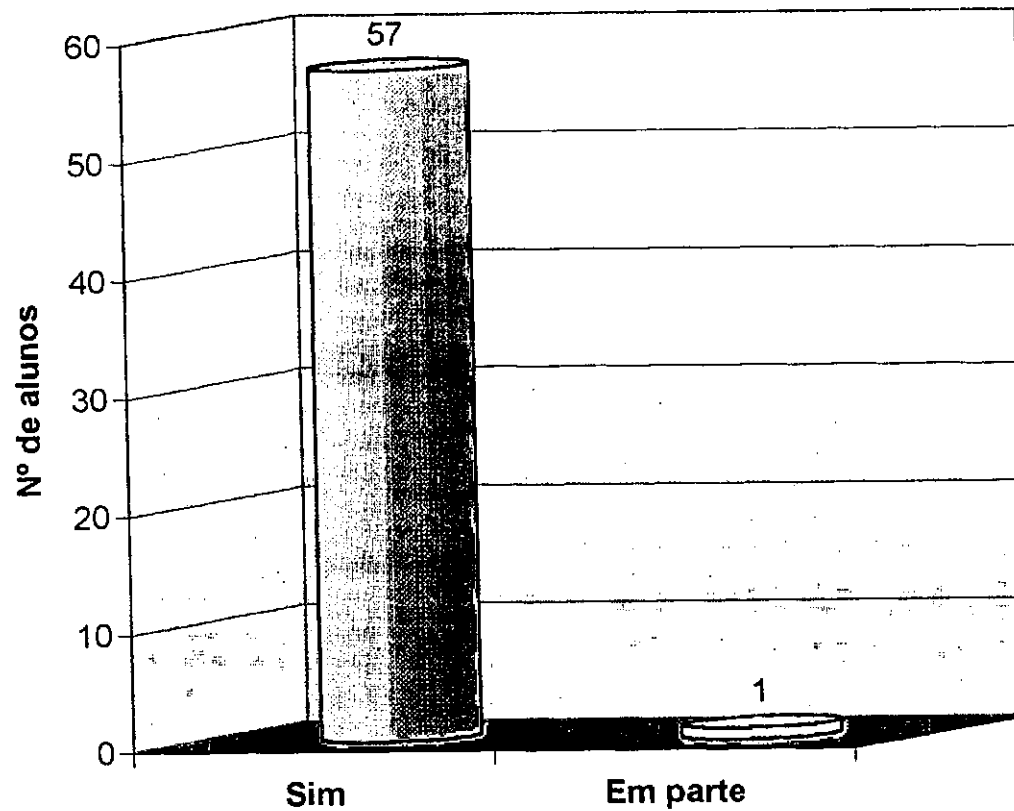


Gráfico 32 - Exercício de atividade docente

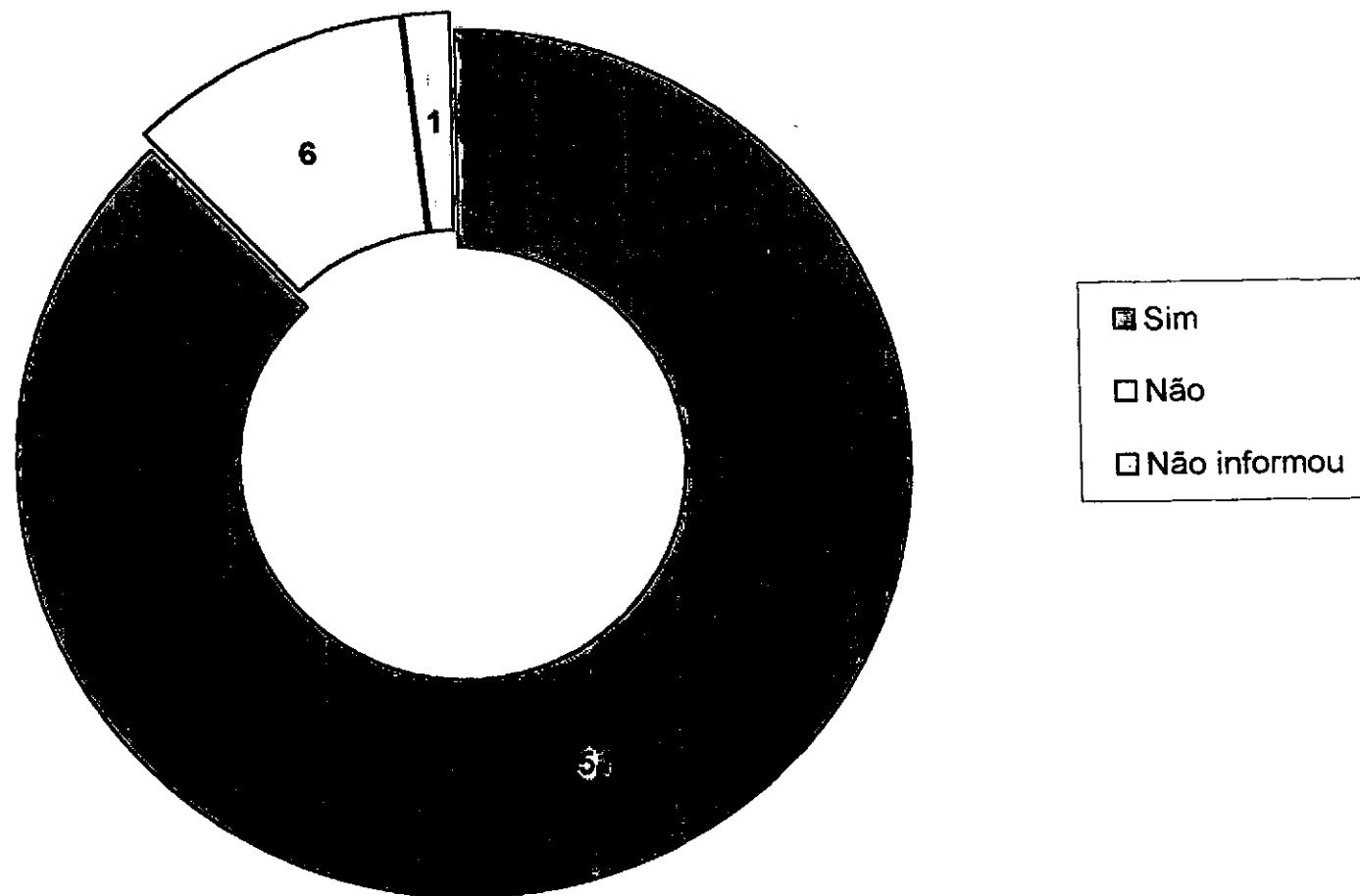
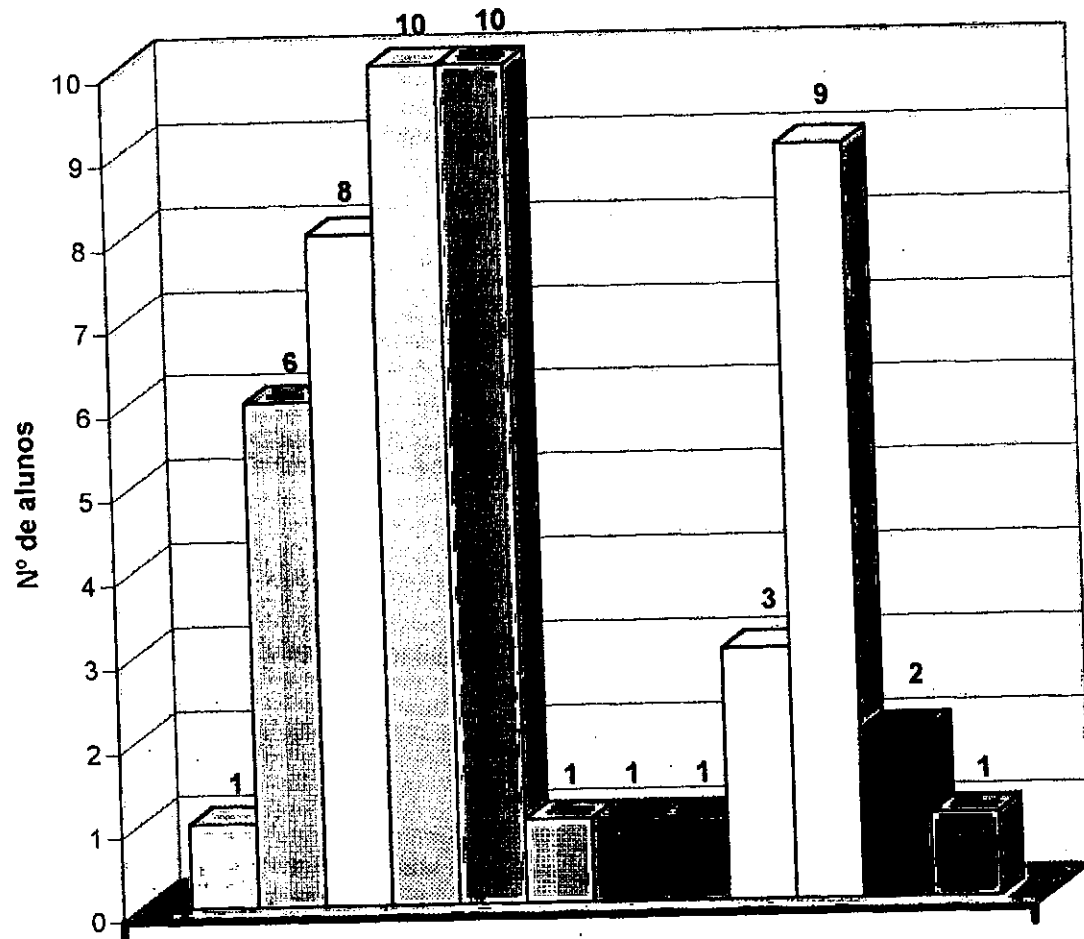
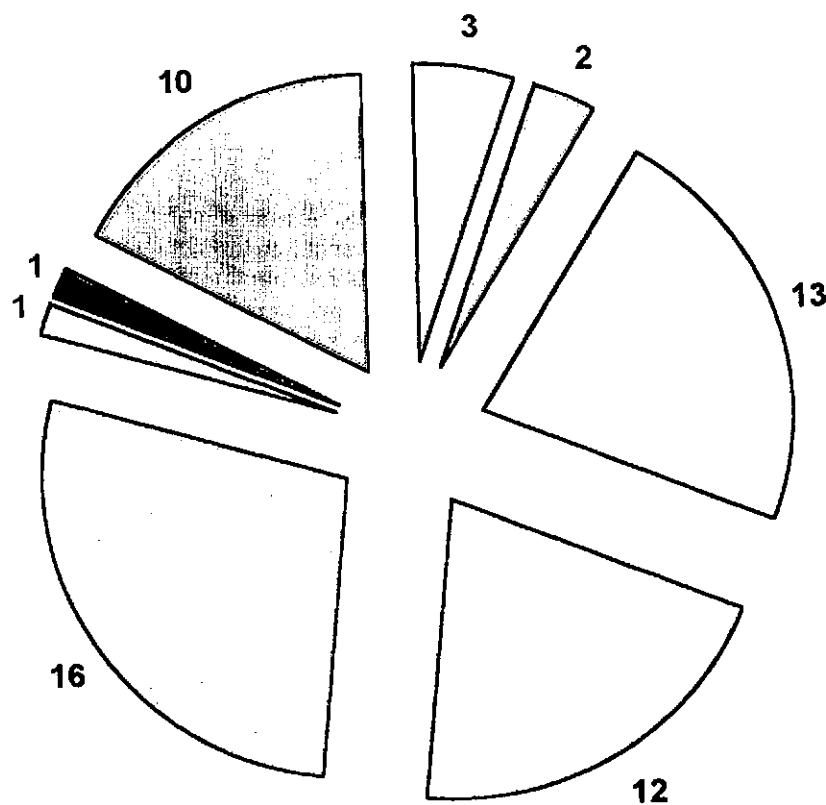


Gráfico 33 - Nível e modalidade de ensino em que atua



- Educação infantil
- Alfabetização de adultos
- Alfabetização e Ensino Fundamental da 1ª a 4ª séries
- Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries
- Educação não formal
- Educação infantil e Alfabetização de adultos
- Educação infantil e Educação não formal
- Educação infantil, Alfabetização e Ensino Fundamental da 1ª a 4ª séries
- Alfabetização de adultos, Alfabetização e Ensino Fundamental da 1ª a 4ª séries
- Alfabetização, Ensino Fundamental da 1ª a 4ª séries e Ensino fundamental de 5ª a 8ª séries
- Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries e Educação não formal
- Educação infantil e Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries

Gráfico 34 - Tipo de instituição de ensino em que trabalha



- Escola da rede de ensino municipal no meio rural
- Escola da rede de ensino estadual no meio rural
- Escola no assentamento ou acampamento
- Escola da rede de ensino municipal no meio rural e Escola no assentamento ou acampamento
- Escola da rede de ensino estadual no meio rural e Escola no acampamento ou assentamento
- Escola da rede de ensino estadual no meio rural, Escola da rede de ensino municipal no meio urbano e Escola no acampamento ou assentamento
- Escola da rede de ensino municipal e estadual no meio rural e Escola no assentamento ou acampamento
- Não responderam

Gráfico 35 - Tempo de atuação como educador

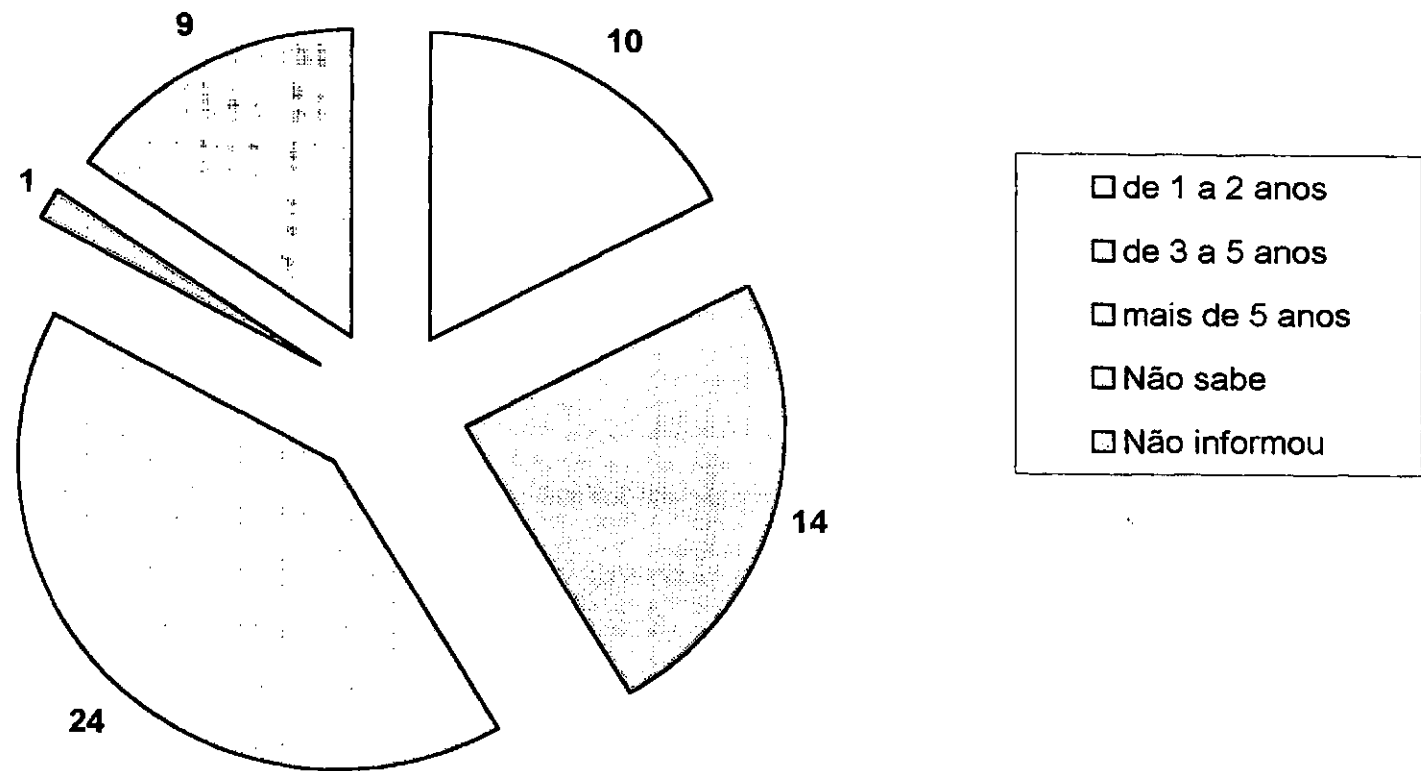
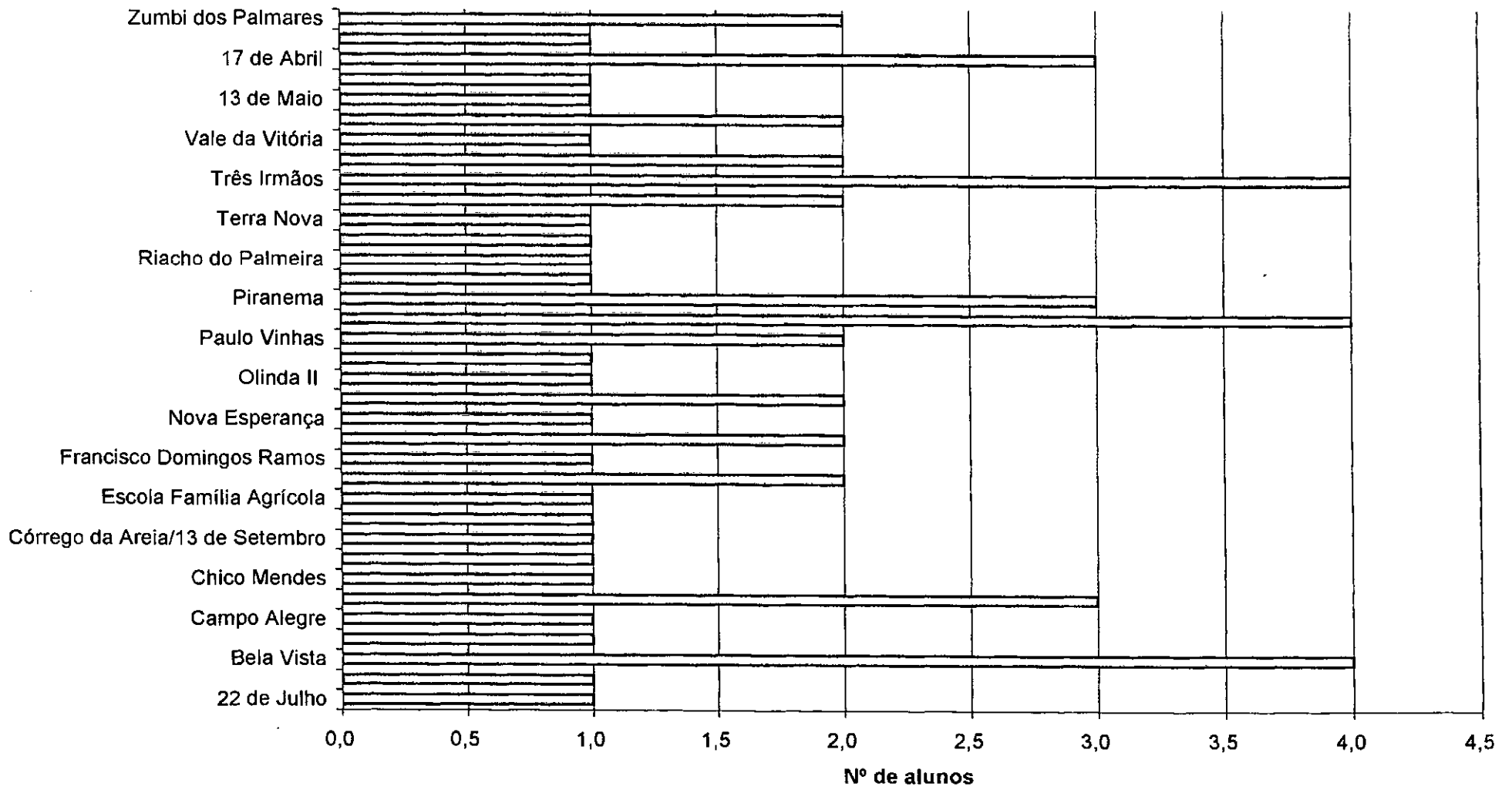


Gráfico 36 - Assentamentos



ANEXO DE 05

O CURSO PEDAGOGIA DA TERRA E SUA RELAÇÃO COM OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DO MST

Eliese Toreta Zen²

Para a análise e elaboração do relatório das entrevistas individuais e grupais do curso pedagogia da terra tomamos como base os princípios teórico-metodológicos sobre educação popular propostos pelo Pronera bem como os princípios da educação do próprio Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) como sujeito coletivo educativo.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO.

A Educação do Campo em todos os níveis e modalidades, tem por base a educação popular. Sua metodologia deverá estar diretamente relacionada com a realidade e a auto-sustentabilidade das Áreas de Reforma Agrária.

São princípios orientadores dessa prática:

Princípio da reflexividade: Uma educação que crie condições para que os sujeitos (educandos(as) e educadores(as) possam existir não somente para ele e em função dele(a), mas também em função de uma transformação que se refere não apenas aos seres humanos na sua singularidade, mas à sociedade em seu conjunto, às condições socioambientais, culturais e políticas das diferentes regiões do país. Uma educação que possibilite o questionamento e o diálogo na criação do novo e do inusitado, uma nova forma de reorganização da unidade na diversidade dos povos do campo;

Princípio da transdisciplinaridade: coordenação de todos os conteúdos e saberes locais, regionais e globais em um sistema lógico de conhecimento, com livre trânsito entre um campo de saber e outro. Nas atividades educacionais se identificam as

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

necessidades e potencialidades dos sujeitos e estabelecem relações transversais produzindo novas formas para interpretar e organizar o mundo em que vivem.

Princípio da participação: a dinâmica da aprendizagem/ensino é construída pelos sujeitos coletivamente em diversos espaços sociais através da cultura construída pelos povos do campo. A cultura aqui entendida como um terreno de imagens, formas de conhecimento, de organização social e de investimentos afetivos que definem as bases da educação.

Para que esses princípios sejam atendidos, deve-se fazer uso de instrumentos didático-pedagógicos básicos da educação popular. Isso significa pensar um programa de ensino que comporte três etapas:

- investigação dos problemas, dos grandes temas geradores ou eixos temáticos estruturadores do currículo;
- codificação/decodificação dos problemas levantados, contextualizando-os criticamente e estabelecendo relações entre o local e o global e vice-versa;
- ação concreta visando a superação de situações limites nos processos de ensino-aprendizagem.

O CURSO PEDAGOGIA DA TERRA E SUA RELAÇÃO COM OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DO MST

Podemos perceber nas falas dos/das entrevistadas alguns princípios da educação do MST que passamos a analisar a partir das entrevistas. Os princípios filosóficos dizem respeito a nossa visão de mundo, nossas concepções mais gerais em relação à pessoa humana, à sociedade, e ao que entendemos que seja educação. Os princípios pedagógicos se referem ao jeito de fazer e de pensar a educação, para concretizar os próprios princípios filosóficos. Se referem aos elementos que são essenciais e gerais na nossa proposta de educação, incluindo especialmente a reflexão metodológica dos processos educativos, chamando a atenção de que podem haver práticas diferenciadas a partir dos mesmos princípios pedagógicos e filosóficos.

Princípios Filosóficos da educação no MST presentes nas falas dos entrevistados/das:

- 1- Educação para a transformação social: Este é o horizonte que define o caráter da educação do MST, ou seja, um processo de educação que se assume como político, que se vincula organicamente com os processos sociais que visam a transformação da sociedade atual, e a construção de uma nova sociedade fundada na justiça, na radicalidade democrática e nos valores humanistas e socialistas;
- 2- Educação para o trabalho e a cooperação: O que defendemos através deste princípio é a relação necessária que a educação e a escola devem ter com os desafios do seu tempo histórico. No caso das práticas educacionais que acontecem no meio rural, esta relação não pode, hoje, desconsiderar a questão da Reforma Agrária e os desafios que coloca para a implementação de novas relações de produção no campo e na cidade. Para o MST uma educação voltada para a realidade do meio rural é aquela que ajuda a solucionar os problemas que vão aparecendo no dia a dia dos assentamentos e dos acampamentos, que forma os trabalhadores(as) para o trabalho no meio rural, ajudando a construir reais alternativas de permanência no campo e de melhor qualidade de vida para esta população;
- 3- Educação voltada para as várias dimensões da pessoa humana: O que poderíamos dizer usando uma expressão mais curta: educação onilateral³. Uma educação onilateral se opõe a uma educação unilateral, que se preocupa somente com uma dimensão da pessoa, ou só com um lado de cada vez; só o intelecto, ou só as habilidades manuais, ou só os aspectos morais, ou só os políticos. Defendemos, portanto uma educação que assuma as várias dimensões da pessoa humana e de um modo unitário ou associativo, em que cada dimensão tenha sintonia com a outra, tendo por base a realidade social em que a ação humana vai acontecer. Algumas dimensões principais que destacamos são: a formação político-ideológica; a formação organizativa; a formação técnico-profissional; a formação do caráter ou moral; a formação cultural e estética; a formação afetiva e a formação religiosa;
- 4- Educação com/para valores humanistas e socialistas: A educação no MST quer ajudar a construir um novo homem e uma nova sociedade. Para isso é fundamental

³ A palavra onilateral vem de Marx, que usava a expressão “desenvolvimento onilateral do ser humano”, para chamar a atenção de que uma práxis educativa revolucionária deveria dar conta de reintegrar as diversas esferas da vida humana que o modo de produção capitalista prima por separar.

uma formação que supere os valores dominantes da sociedade atual, centrada no individualismo e no lucro desenfreados. Precisamos construir com nossos educandos(as) os valores humanistas e socialistas que coloquem no centro dos processos de transformação a pessoa humana e sua liberdade, mas não como indivíduo isolado e sim como ser de relações sociais que visem a produção e a apropriação coletiva dos bens materiais e espirituais da humanidade, a justiça na distribuição destes bens e a igualdade na participação de todos nestes processos;

- 5- Educação como um processo permanente de formação e transformação humana: Em primeiro lugar queremos destacar como princípio fundamental a nossa crença no ser humano e na sua capacidade de transformação, o que é a condição básica para acontecer um processo de educação/formação. No trabalho de educação é preciso considerar que as pessoas não se educam da mesma maneira em todas as fases de sua vida e todas da mesma maneira; daí porque a discussão metodológica de como educar, de como ensinar, de como aprender não é detalhe, mas sim elemento essencial para atingirmos nossos objetivos pedagógicos e políticos. A existência social de cada pessoa é o fundamento de sua educação. O que educa/transforma a pessoa não é apenas o discurso, a palavra, a teoria, por melhor que sejam. É sim a vivência concreta do novo.

Princípios pedagógicos da educação no MST presentes nas falas dos/das entrevistados:

- 1- Relação entre prática e teoria: Se queremos educar os sujeitos de um novo projeto de desenvolvimento social para o campo, educar para ação transformadora, isto quer dizer que precisamos de pessoas capazes de articular teoria e prática, prática e teoria. Consideramos superada historicamente aquela visão de que a escola é apenas lugar de conhecimentos teóricos que depois, fora dela, é que serão aplicados na prática. Não é esta a lógica da educação que queremos. Pretendemos que a prática social dos estudantes seja a base do seu processo formativo, seja a matéria-prima e o destino da educação que fazemos. Queremos que o próprio curso seja considerado lugar privilegiado de práticas, e que o estudo e a elaboração teórica sejam considerados práticas, ou seja, que impliquem a ação do educando/da educanda e não na sua audiência passiva a aulas ou textos. Em outras palavras, também estamos

afirmando o primado da prática sobre a teoria, ou seja, de que as verdadeiras teorias são aquelas que são frutos de práticas sociais e que, por sua vez, instrumentalizam práticas sociais;

- 2- Combinação entre processos de ensino e de capacitação: No ensino a principal característica é que o momento do conhecimento (teoria) vem antes da ação. Na capacitação é o contrário: a ação antecede o conhecimento sobre ela. Quem ensina é o educador; quem capacita é uma atividade objetivada, ou seja, um tipo de situação objetiva que provoca a pessoa a aprender para reagir diante de um problema concreto que lhe cria. O ensino resulta em saberes teóricos ou, poderíamos dizer simplesmente em saber. A capacitação resulta em saberes práticos ou, como temos preferido chamar, em saber-fazer (habilidades, capacidades) e em saber-ser (comportamentos, atitudes, posicionamentos). Portanto a educação que queremos fazer deve combinar os processos de ensino com os de capacitação;
- 3- A realidade como base da produção do conhecimento: A produção do conhecimento é uma das dimensões do processo educativo. Então, através deste princípio estamos dizendo que precisamos nos preocupar em como garantir que nossos educandos/as produzam conhecimento. Conhecimento sobre o que? Sobre a realidade. Mas quando falamos em realidade não estamos nos referindo apenas à realidade que nos cerca, a que vivemos ou enxergamos. A realidade é o mundo! É tudo aquilo que existe e que merece ser conhecido, apreciado, transformado e que pode estar a milhares e milhares de quilômetros do nosso assentamento. Só que não tem sentido conhecermos todo o mundo sem conhecermos o nosso assentamento. Porque, afinal, é nele que nós vivemos e é para melhorar as condições de vida nele que estamos estudando. Foi desta reflexão que surgiu o chamado “método de ensino através de temas geradores”⁴ que são justamente questões extraídas da realidade em torno das quais se passa a desenvolver uma determinada unidade de estudos, integrando conteúdos, didáticas e práticas concretas dos educandos.
- 4- Conteúdos formativos socialmente úteis: Não acreditamos em uma pedagogia centrada nos conteúdos, ou seja, que considera que os conteúdos são a parte mais importante do processo educativo, sendo o seu domínio teórico a demonstração de que a pessoa está sendo bem educada. Não acreditamos nisso! Partilhamos da convicção pedagógica de que os conteúdos são instrumentos para atingir nossos objetivos, tanto os ligados ao ensino quanto à capacitação. Só que isto não quer

dizer que qualquer conteúdo serve. Pelo contrário, se são instrumentos, precisam ser escolhidos adequadamente. De modo geral podemos dizer que conteúdos são sínteses de conhecimentos. A escolha dos conteúdos tem a ver com nossos objetivos educacionais e sociais mais amplos. Se dizemos: conteúdos formativos socialmente úteis, é porque nem todos os conteúdos são igualmente formativos e nem todos são socialmente úteis. Não podemos esquecer que os conhecimentos são produzidos socialmente e por isso eles têm incorporados interesses sociais, posições políticas. É diferente estudar a História do Brasil, por exemplo, do ponto de vista dos grupos dominantes ou dos grupos dominados;

- 5- Educação para o trabalho e pelo trabalho: Na proposta de educação do MST, o trabalho tem um valor fundamental. É o trabalho que gera riqueza; que nos identifica como classe; e que é capaz de construir novas relações sociais e também novas consciências, tanto coletivas como pessoais. Para nós, vincular a educação com o trabalho é uma condição para realizarmos nossos objetivos políticos e pedagógicos. Esta vinculação pode ser entendida em duas dimensões básicas e complementares: educação ligada ao mundo do trabalho. Isto quer dizer que nossos processos pedagógicos não podem ficar alheios às exigências cada vez mais complexas dos processos produtivos, seja os da sociedade em geral, seja os dos assentamentos, em particular. E pode fazer isso selecionando conteúdos vinculados ao mundo do trabalho e da produção, como também proporcionando e/ou acompanhando experiências de trabalho educativo com seus estudantes. O trabalho como método pedagógico. Quer dizer, a combinação entre estudo e trabalho como um instrumento fundamental para desenvolvermos várias das dimensões da nossa proposta de educação;
- 6- Vínculo orgânico entre processos educativos e processos políticos: A educação é sempre uma prática política, à medida que se insere dentro de um projeto de transformação ou de conservação social. Vínculo orgânico entre educação e política significa fazer a política entrar/atravessar os processos pedagógicos que acontecem nas escolas, nos cursos de formação. É bem mais, então, do que conversar sobre questões políticas. É conseguir trabalhar pelo menos algumas das dimensões seguintes: alimentar a indignação ética diante das situações de injustiça e de indignidade humanas; desenvolver atividades e estudar conteúdos intencionalmente voltados à formação político-ideológica dos/das estudantes. Entre outras coisas isto

⁴ Termo utilizado pelo educador Paulo Freire em sua obra: *Pedagogia do Oprimido*.

- quer dizer dar ênfase ao estudo da história e da economia política, fazer uma abordagem crítica e problematizadora da realidade, trabalhar a mística da organização e do conjunto das lutas dos trabalhadores; desenvolver processos de crítica e autocrítica coletiva e pessoal; chegar a ser militante;
- 7- Vínculo orgânico entre processos educativos e processos econômicos: Vincular organicamente a educação com a economia quer dizer concretamente o seguinte: aproximar os/as estudantes do funcionamento do mercado e dos processos produtivos sem cair no economicismo⁵ desenvolver experiências de trabalho individual e coletivo como geração de renda;
- 8- Vínculo orgânico entre educação e cultura: Entendemos por cultura tudo aquilo que as pessoas, os grupos e as sociedades produzem para representar ou expressar o seu jeito de viver, de entender e de sonhar o mundo. É a cultura que permite a comunicação humana e, portanto, permite a própria educação. São expressões culturais: a linguagem, os costumes, as tradições, a arte, os rituais, a religiosidade, os comportamentos, as normas, os saberes, o jeito de se relacionar com as outras pessoas no cotidiano, os valores éticos. A educação pode ser considerada ao mesmo tempo um processo de produção e de socialização da cultura; pode ser ainda um processo de transformação cultural das pessoas, dos grupos. O destaque aqui é para enfatizar especificamente o papel que cabe à educação no processo de construção/reconstrução da identidade cultural dos trabalhadores/as que pertencem ao MST;
- 9- Gestão democrática: Considerar a democracia um princípio pedagógico significa dizer que, segundo nossa proposta de educação, não basta os educandos/as estudarem ou discutirem sobre ela; precisam vivenciar um espaço de participação democrática, educando-se pela e para a democracia social. Queremos aqui chamar a atenção para duas dimensões fundamentais da gestão democrática na/da educação: a direção coletiva de cada processo pedagógico, que vai além dos seus participantes mais diretos, ou seja, educadores/educadoras e educandos/educandas; a participação de todos os envolvidos no processo de gestão. Todos devem aprender a tomar decisões, a respeitar as decisões tomadas no conjunto, a executar o que foi decidido, a avaliar o que está sendo feito e a repartir os resultados de cada ação coletiva;

⁵ O significado do termo economicismo que estamos utilizando aqui se refere a uma concepção de economia pautada unicamente pelos interesses capitalistas onde o centro das relações de produção econômica é maximizar o lucro e não a produção, distribuição e a satisfação das necessidades humanas.

- 10- Auto-organização dos/das estudantes: Auto-organizar-se⁶ significa ter um tempo e um espaço autônomos para que os estudantes possam se encontrar, discutir e organizar suas próprias questões. Os aprendizados que estão em jogo nesta prática: a capacidade de agir por iniciativa própria, ao mesmo tempo, que respeitando as decisões tomadas pelo coletivo; a busca de soluções para os problemas sem esperar salvação de fora; o exercício da crítica e da auto-crítica; a capacidade de liderança; a atitude de humildade mas também de autoconfiança e de ousadia; o compromisso pessoal com os resultados de cada ação coletiva e o espírito de sacrifício em prol do coletivo;
- 11- Criação de coletivos pedagógicos e formação permanente dos educadores das educadoras: Sem uma coletividade de educadores não há verdadeiro processo educativo. Quando dizemos coletivos pedagógicos estamos pensando em várias situações diferenciadas: uma delas é a da criação da Equipe ou Núcleo de Educação, como grupo de pessoas que se reúne sistematicamente para discutir sobre as práticas de educação do acampamento ou do assentamento, visando torná-las cada vez mais orgânicas e de qualidade. Outra é a do coletivo de professores e professoras da escola que se reúne para estudo, planejamento e avaliação das aulas. E ainda pode ser uma equipe que se constitui para fazer a coordenação pedagógica de algum curso ou evento formativo;
- 12- Atitude e habilidades de pesquisa: Pesquisar é construir a solução de um problema a partir do conhecimento da sua situação atual e da sua história anterior, ou seja, de onde ele veio, se sempre foi assim ou quando e como já foi diferente, com que outros problemas se relaciona, no que precisamos mexer para superá-lo. Em outras palavras, pesquisa tem a ver com análise da realidade. A pesquisa ou a investigação implicam uma atitude diante do mundo, diante do conhecimento, e implicam habilidades e capacidades que precisam ser formadas nas pessoas, aprendidas por elas. A curiosidade diante daquilo que ainda não se conhece, a busca de respostas que não se contentam com a aparência das coisas, a capacidade de relacionar uma idéia com outra, um problema com outro, o gosto pelo estudo histórico da realidade, a habilidade de fazer perguntas, de construir hipóteses, de registrar por escrito as

⁶ A expressão estamos tomando do pedagogo russo Pistrak em sua obra: Fundamentos da Escola do Trabalho, onde utiliza esse termo para especificar o processo de criação do coletivo de alunos/alunas numa escola.

coisas que ouve, pensa, faz, de refletir e discutir em grupo, de elaborar propostas...
Tudo isso precisa ser pacientemente aprendido e ensinado;

- 13- Combinação entre processos pedagógicos coletivos e individuais: A partir de nossas práticas pedagógicas já pudemos verificar a verdade do princípio que diz: ninguém aprende por ninguém, ninguém se educa por alguém; mas também ninguém se educa sozinho. O processo educativo é um processo que acontece em cada pessoa, mas só acontece se esta pessoa estiver com outras pessoas, e de preferência, seus iguais. Quer dizer não é só a relação professora-estudante que educa; também a relação entre estudantes e entre educadores/educadoras, acaba se transformando em relação educador-educando. Todos aprendendo e ensinando entre si. O coletivo educa o coletivo.

Algumas recomendações ou sugestões:

- 1- Um desafio que se coloca para o curso pedagogia da terra é que ele forma o/a professor/a para atuar nas séries iniciais do Ensino Fundamental e muitos professores/as das escolas de assentamentos e acampamentos necessitam atuar nas séries finais do Ensino Fundamental, ou seja, de 5 a 8 séries, sendo que não possuem habilitação própria para isso;
- 2- Que a Universidade organize melhor a questão de orientação dos trabalhos de conclusão do curso em termos de disponibilizar orientadores logo no início do curso e não deixando para o final; material didático disponível para pesquisa dos alunos/as; acesso às instalações e equipamentos do pólo universitário para os alunos do curso;
- 3- Nesse sentido fortalecer o pólo universitário para que não desapareça ou não se limite apenas a alguns cursos como está na atualidade;
- 4- Atualizar a verba destinada a cada turma de pedagogia para que não fique defasada e não prejudique o andamento e as condições objetivas do curso;
- 5- Fortalecer e dinamizar as parcerias com o Pronera e outras instituições sociais (o Pronera deve desenvolver uma política pública de educação e não apenas uma política compensatória de educação);
- 6- Que o projeto do curso de pedagogia se articule com as demandas da luta pelos direitos sociais dos trabalhadores do campo: direito a terra, direito a moradia,

direito à saúde, direito ao resgate de seus valores e de sua cultura bem como de sua identidade como camponês;

- 7- Que o projeto do curso esteja associado ao modo de produção e de vida do homem do campo, contribuindo para o resgate e o fortalecimento de um novo modelo de desenvolvimento para o campo e para a cidade, onde a ênfase se dê sobre a agricultura familiar e não no modelo agro-exportador cuja lógica é a monocultura;
- 8- Que o curso contribua para uma nova relação do homem com a natureza prezando pelo desenvolvimento sustentável (não na concepção capitalista em que se fala de desenvolvimento sustentável apenas como uma forma de gerar mais lucro) mas, na lógica dos movimentos sociais em cujo centro está a pessoa humana e nesse caso específico o/a homem/mulher do campo;
- 9- Que os professores que ministrem aulas no curso sejam escolhidos a partir de critérios indicados pelo MST a fim de garantir a relação teoria-prática da grade curricular do curso;
- 10- Que a grade curricular do curso obedeça ao critério de interdisciplinaridade/transversalidade de modo que todas as disciplinas e os conhecimentos ministrados por elas tenham como base para formulação de seus objetivos, metodologias e conteúdos a realidade dos alunos/as que vivem nos assentamentos/acampamentos.

ANEXO 6

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

PRONERA – Pesquisa de Avaliação sobre o Curso de Formação de Professores /
PEDAGOGIA DA TERRA / ES

GRUPO FOCAL – ENTREVISTA NÚMERO 02

ENTREVISTADOR: Nós estamos aqui para realizar a segunda entrevista do curso de Pedagogia e eu gostaria de lançar uma primeira pergunta: como que você vê o curso que está fazendo? Você que é aluno do curso?

ENTREVISTADOS: Eu vejo que tem um nível de formação muito bom, tanto da formação política, quanto da pedagógica, porque é um curso que está tendo a oportunidade de ter a participação de outros movimentos e, vai dar uma bagagem, uma formação muito boa para o trabalho da gente na escola. E dá também, oportunidade de estar socializando as experiências do trabalho da gente.

Eu vejo que uma das coisas interessantes é ter um curso, onde que nós não temos muitas diversidades, em função de nossa própria atuação: somos professores que estão ligados à educação no campo, que está preocupado com esse novo sentido que a gente precisa estar dando para a educação, uma educação de qualidade, uma educação que pense, num primeiro momento, no sujeito, na pessoa humana, em estar respeitando os saberes. Acho que isso é muito interessante! A gente conseguir hoje fazer uma discussão dessa; implementar junto à Universidade uma educação diferente, que não se limita e fica presa às regras de um ensino tradicional. Acho que ele está mais para uma questão de abertura, da leitura de mundo, como o próprio Paulo Freire coloca.

Eu vejo o curso como uma grande porta aberta a cada um. A gente está tendo formação e conhecimentos políticos, pedagógicos; colocando nossas práticas diárias em dia, mostrando e também colhendo com os colegas, pois aqui tem uma diversidade muito grande porque tem gente de vários Estados. Cada qual com uma forma de ver, de falar. Existe uma cumplicidade nisso; foi uma porta que se abriu, lentamente, para cada um. E que precisa continuar aberta. A gente sabe que, a partir da hora em que chega aqui, a gente jamais é o mesmo. E quando a gente chega aos lugares onde moramos, a gente chega com uma outra visão, com outros direcionamentos na vida. Para mim, se tornou tudo, meu ponto X, o objetivo principal.

Olha, eu penso como os colegas também. Além disso, eu penso esse curso como uma necessidade básica da nossa formação como educadores, que estamos atuando nos assentamentos e também no campo. Então isso vem completar essa necessidade de graduação que o professor precisa ter para atuar na área da educação. Então eu vejo esse curso como uma necessidade.

ENTREVISTADOR: Se vocês fossem destacar aspectos que deveriam ser melhorados, o que vocês destacariam como mais importante?

ENTREVISTADOS: Eu penso que o que poderia estar melhorando ainda mais, era se existisse uma integração maior, nós enquanto educandos, com os educadores que são lá da UFES. As vezes a gente fica conhecendo os companheiros professores a partir do momento em que ele chega lá na sala de aula. As vezes, a gente perde a oportunidade de estar “trocando figurinhas”, nós, enquanto alunos. Existe uma relação dos professores? Diretamente, não. Esses educadores, a própria UFES, poderia estar pensando alguma forma para que a gente pudesse estar tendo essa relação; até mesmo estar “trocando umas figurinhas” antes, para que a gente possa estar, até mesmo, melhorando algumas coisas durante a nossa semana de disciplina. Às vezes, os professores chegam aqui e dizem assim, “o gente, como nós gostaríamos de estar tendo um contato maior com vocês; de conhecer vocês interiormente!” Às vezes a gente perde a oportunidade de estar avançando mais ainda no trabalho porque a gente não tem norteadas, juntos, algumas questões. Existe uma participação, mas ela ainda deixa a desejar: assim, essa questão de que tem educadores que já vêm com o planejamento, dentro daquela matéria, daquela disciplina, já determinado; às vezes não tem abertura conosco. Nós não temos interesse nenhum de mudar, mas tem algumas coisas que, às vezes o processo de como ele vai se dar, a gente pode estar contribuindo.

ENTREVISTADOR: Nesse meio, houve algum momento em que vocês tiveram que pedir para o professor dar uma parada e repensar o projeto dele? Aconteceu isso, já, na turma de vocês?

ENTREVISTADOS: Diretamente, a gente já chamou para uma reunião: nós gostaríamos de estar priorizando algumas coisas; nós gostamos de trabalhar... dinamizar a aula, por exemplo. Isso tem muito a ver com a questão da metodologia, que eu acho que cada um tem a sua metodologia, que a cada dia a gente vai buscando dimensionar a situação. Então, quando os professores chegam, a gente senta, quando dá tempo, a gente senta, às vezes no primeiro dia, no segundo dia às vezes é meio turbulento, depois a gente consegue se encaixar direitinho. Porque o professor chega sem conhecer a turma, então ele vem e tem um diagnóstico ali da turma. E o que nós já sabemos é que o educador, para ele poder ter um bom trabalho, ele precisa diagnosticar a turma e, em uma semana é impossível você fazer isso: diagnosticar as necessidades de um grupo que você trabalha, para você dar um maior...

É como Cícera falou, então eu acho que o primeiro aspecto é, que a nossa prática, que a nossa vivência seja aceita por esses educadores que vêm, como algo importante. Se a gente traz uma prática lá dos nossos assentamentos, traz uma prática da nossa vivência, é parte fundamental; então eles têm que ver que é necessidade. E a outra, eu digo assim: Universidade, é universo e, às vezes, nós aqui, da Pedagogia da Terra não temos acesso a todo esse universo. A gente sente até, às vezes assim, um pouco... olham para a gente... eu não sei dizer como é que é... com diferença, às vezes. Com informática a gente não tem livre acesso, tem um laboratório, são um ano e tanto e a gente foi conhecer agora, então, a gente não tem tanto acesso a esse universo da Universidade. A gente tem que saber o que é, do que se trata.

Com relação ao professor, hoje é chamado o professor para conversar, para entrar em sintonia com a organização interna, ou seja, às vezes o professor tem um planejamento, segue uma linha, mas o curso tem um planejamento interno.

ENTREVISTADOR: Dá a impressão que o professor não conhece o projeto do curso como um todo. É isso?

ENTREVISTADOS: Um pouco também, além do que a gente falou, com relação a metodologia de ensino, da formação, da disciplina e também na organização diária do planejamento interno. É preciso chamar para estar organizando isso, porque o planejamento é feito de uma forma, o professor tem um planejamento, mas nós também temos um planejamento interno e é preciso estar adequando um ao outro para poder estar desenvolvendo as atividades.

Só complementando, ainda sobre essa questão que Delza coloca, nós estamos trabalhando, estudando pela parte da manhã, tarde e noite e, durante os intervalos que temos de almoço, lanche, nós temos outras atividades porque durante quarenta dias, nós moramos aqui. Então, aqui, nós temos que dar conta de tudo. A única coisa que nós não fazemos durante a semana, é só o almoço. Todas as outras coisas a gente que faz, mas isso já é de praxe, no curso é uma vivência do Movimento Sem Terra, que trouxe e traz para nós e é muito bom, porque a gente se dá conta de que é capaz de fazer muita coisa. Porque é uma dinâmica, porque a gente vive sempre em evolução, revolução, aliás. E a outra coisa que eu gostaria de estar trazendo é, como nós estudamos também a noite, essa está sendo uma das grandes dificuldades que nós estamos tendo, porque nós não temos sala de aula disponível. Muitas vezes nós temos que ficar lá, naquele refeitório onde que a gente faz a refeição, para fazer os trabalhos e, então quando está chovendo fica difícil, molha, porque a própria estrutura não comporta todo mundo. E, quando a gente tem uma sala, é uma sala para sessenta pessoas, que não cabem trinta alunos. Essa é uma das principais questões, porque não tem muito essa questão de estar dimensionando mesmo, essa questão dos espaços. Acho que isso precisa estar revendo algumas questões. Por exemplo, nesse período em que nós chegamos e que a Universidade estava em recesso, em alguns momentos a gente foi proibido de usar a quadra, que é um espaço aberto. Nós fomos proibidos, nem nossas crianças eram para brincar lá porque o reitor, pró-reitor, sei lá, estava aqui para dar autorização para que a gente pudesse estar usando. A gente usou algumas vezes? Sim, e vamos usar, porque nós estamos dentro desse espaço, a nossa presença precisa ser respeitada como a gente respeita a questão da Universidade. É uma Universidade pública, somos alunos, somos pessoas que estão lutando por uma situação diferente.

Aquela coisa que eu falei, na Universidade, muita coisa a gente não tem acesso. Então, as pessoas, olham para a gente de forma diferente; não dão chance de mostrar realmente, quem nós somos. Então isso eu acho que acaba quebrando...

ENTREVISTADOR: Qual seria a saída, se a gente for pensar em termos de correção de rumos?

ENTREVISTADOS: Ser considerado como, realmente, estudantes da UFES.

As vezes, quando eu falo que o pessoal olha diferente, parece que nós não somos estudantes.

Eu acho, que é estar pensando, discutindo e reivindicando as nossas reais necessidades. Por exemplo: todo mundo sabe que os recursos para isto tudo quem coordena somos nós: o Movimento Sem Terra. As vezes a gente quer melhorar nosso alojamento, que é feito de madeirite. Então a gente precisa,

tem necessidade de estar melhorando. Agora, só para você ter uma idéia, aquela parte lá, que é a “Ciranda Infantil”, aquilo ali a gente fez fora da lei. Porque a organização aqui, interna da UFES, que é o gestor, dentro da sua competência enquanto trabalho, disse que precisava de uma autorização da UFES, de Vitória, para que a gente pudesse fazer qualquer mudança no nosso alojamento. É tanto que tem uma base ali, aquela base de cimento, não sei se vocês já observaram, desde a primeira etapa que nós estamos pedindo para estar ampliando nosso alojamento, porque a gente dorme é, às vezes é obrigado a por um colchão junto do outro e dormir em metade do colchão, porque nós não temos espaço para que todo mundo durma à vontade. E a gente precisa estar ampliando, mas até que UFES resolva, eu não sei quem deve dar essa autorização para que a gente possa estar ampliando, nós vamos continuar assim. São cinco etapas que nós temos ainda, pela frente. E, assim, é um espaço público e que, mal utilizado. Olha a quantidade de área que nós temos aí, nem as mangueiras mais ocupando. Sei lá, talvez isso seria até um apelo, uma reivindicação; por que não ampliar? Porque, se existe uma coisa que nós gostaríamos, é que este não fosse o último curso de Pedagogia da Terra, mas a continuidade, uma seqüência. Por exemplo: aqui, nós estamos fazendo o curso de Pedagogia da Terra e, assim, em outros Estados, nós estamos também trabalhando e está dando certo. Por exemplo: agora, em março, nós estamos fazendo a formatura de uma turma de magistério aqui, no extremo sul da Bahia, que tem a participação do pessoal aqui, do Espírito Santo. E, assim, é uma experiência de vida educativa. A outra turma de Pedagogia encerrou agora, no ano retrasado. Eu espero que essa não seja a última. Porque, só para você ter uma idéia, foi uma luta para a gente definir, porque, meu Deus do céu, quantos professores nós temos nas áreas de assentamento e a quantidade de vagas que nós temos para fazer o curso de Pedagogia da Terra. É uma luta. Tira fulano... deixa fulano... como é que fica? Na seleção mesmo. **Acho que formar educador não é um prejuízo, prejuízo maior é deixa-los como estão.** E eu acredito assim, que a abertura que a sociedade tem, e que o povo tem em estar tendo um curso igual a esse que, pela dimensão de discussão política a partir de movimentos sociais, isso é fantástico para um país igual ao nosso.

Quando eu disse que, é uma grande porta, para mim em especial e para os demais colegas e companheiros. Nós somos em vinte e dois educadores na escola onde que eu trabalho e, destes vinte e dois, quatro estão aqui. Toda vez que a gente chega, eles já estão lá doidos para saber: “E aí o que aconteceu, fala”. E pegam o material e começam a ler. Quer dizer, a gente vê a grande vontade que eles têm de estarem aqui também. Então, se essa porta um dia se fechar, o sonho deles que estão lá, que é o mesmo sonho meu, de cada um que está aqui, ele estará morrendo. Então, a luta ela é contínua para que a porta continue aberta para que outros venham.

ENTREVISTADOR: Em resumo, essa parceria entre o MST, a Universidade e o PRONERA...

ENTREVISTADOS: É fantástico. É fantástico porque, se você me perguntar: Cícera, você gostaria de estar fazendo o curso de Pedagogia, lá na UNEB, que é pertinho lá, de onde você mora, no município de Itabela, que é onde você mora, você preferiria estar lá ou aqui, com toda essa dinâmica que você tem, no curso de Pedagogia da Terra? Eu vou repetir para você, que eu prefiro estar aqui. Aqui eu consigo dimensionar muita coisa que lá, com certeza não tem. O valor. O valor do educando e do educador. O valor do ser humano. O valor aos saberes. Eu tenho certeza que eu posso sair daqui e olhar para o mundo e fazer uma leitura do mundo, talvez não tão competente porque eu não vou ser expert de tudo.

ENTREVISTADOR: Se você pensasse essa questão do currículo propriamente, lá em Itabela, na UNEB, o que você acha que seria diferenciado nesse currículo?

ENTREVISTADOS: Eu penso que o que seria difícil, não é currículo em si, enquanto disciplina, mas a forma que é dimensionado isso, a metodologia de trabalho de forma que a gente possa interagir. Aqui nós podemos interagir. Com dificuldades com alguns educadores, porque estamos buscando uma educação diferenciada. Eu, com certeza, não iria ter o mesmo direito de estar conversando de igual para igual com a educadora.

ENTREVISTADOR: Eu queria fazer a última pergunta e, aí, encerramos com cada um de vocês. O que é ser professor do MST?

ENTREVISTADOS: Eu costumo dizer que professor do Movimento tem duas asas. Eu me considero um educador, quer dizer, eu divido meus conhecimentos que vou adquirindo. Então estou constantemente formando e sendo formado. Ser educador do Movimento Sem Terra é isso: ter o direito de formar e ser formado ao mesmo tempo.

Eu não sou educadora do MST, eu sou educadora das Escolas Comunitárias Rurais Municipais de Jaguaré, mas tem muita coisa em comum. Ser educador dessa proposta diferente, em comum com o

MST, é muito desafiador e comprometedor e, a gente tem que ter, assim, uma competência muito grande com a formação dos nossos educandos, em parceria com as famílias, levando em consideração o conhecimento da realidade, da prática, do dia-a-dia. Então, é realmente, muito comprometedor, você tem uma responsabilidade muito grande, tem que ter um amor muito grande, mas que, tudo isso, é muito representador, porque, eu acho assim, quando a gente gosta do trabalho, a gente faz com amor e, quando a gente compreende pedagogia, a gente faz com maior compreensão.

Eu acho que ser educador do MST, é mais do que ser um professor, propriamente dito. É ter aquele compromisso de tentar desenvolver essa nova pedagogia. A pedagogia que liberta, a pedagogia que faz e que ajuda na transformação social. Não essa pedagogia convencional que, apenas prepara o sujeito para a continuação desse processo e, eu acho que, é um grande desafio, ser educador do MST, porque é você estar comprometido, também, com o desenvolvimento humano das pessoas. Eu acho que é um grande desafio ser educador do MST.

Ser educador do MST é não se sentir sozinho. Porque, por mais que tenhamos uma escola lá, no assentamento, a gente sabe, que na hora dos momentos difíceis, nós sabemos que podemos falar “companheiros, nós estamos precisando de ajuda, vamos ver o que a gente consegue estar fazendo”. A gente sabe que não estamos sozinhos e que a gente pode estar colocando em um coletivo. Não só enquanto educadores, mas junto com cada pai, cada mãe daquela criança que está lá, que está construindo. Nesse processo pedagógico ele está se fazendo diferente, a partir dessas práticas. Para mim, isso é um orgulho muito grande. Por exemplo, o ano passado, um amigo meu, me chamou para trabalhar em uma escola na cidade. Eu disse para ele: “olha, enquanto tiver escola de assentamento, enquanto tiver uma atividade para mim, nem que não seja diretamente de contato com o educando, na sala de aula, e que tiver uma outra, em que eu possa estar contribuindo com o processo de educação de alguma forma, eu vou dizer para você e vou preferir estar nesse trabalho, porque aqui eu me encontro; eu vou lá para dentro de sua escola, eu jamais vou conseguir me encontrar”. Não estou negando também, a possibilidade da gente estar contribuindo e ajudando com tudo o que a gente tem, materiais, livros, recursos pedagógicos, atividades que trazem essa filosofia de uma educação diferente. A gente troca com os companheiros educadores da cidade, mas não é a mesma coisa, porque, pelo que a gente vê, tem muitas pessoas que dizem assim “vocês estão trabalhando dentro de uma proposta freiriana, mas nós também trabalhamos”.

ENTREVISTADOR: Você entrou dentro da segunda questão, não querendo te interromper, porque eu sei que não vai te atrapalhar, mas que vai te ajudar a direcionar bem essa questão. Uma vez percebendo esse diferencial de quem trabalha na Pedagogia da Terra, o que os outros professores, que são a maioria, que trabalham na zona urbana, poderiam estar aprendendo com esse trabalho de vocês? Porque isso é novo! Isso está em construção! A gente percebe que o professorado do meio urbano está muito em baixa, muito pessimista, não está gostando mais de nada, quase. Não está dialogando com a família, como a Delza falou.

ENTREVISTADOS: Eu penso que se existisse essa mesma preocupação, não fazer sozinho, a gente já estaria dando um grande passo. Se a gente não ficasse preso apenas àquela grade curricular, nós estaríamos dando o segundo passo. Porque, a partir desse momento, a gente estaria preocupado em trazer a realidade de nossos educandos para estar discutindo juntos naquelas semanas pedagógicas que as prefeituras fazem. Nós temos dificuldades, às vezes, de estar nesses fóruns de discussão porque nós temos uma outra visão, mas em termos, é difícil trabalhar com os nossos companheiros educadores que ainda não estão preocupados em ser educador, em partes, não posso agredir todos com essa palavra, mas ainda estão apenas como professor: “senta aí para ouvir o que eu tenho para passar” e não para direcionar o trabalho. Eu acho que a gente pode mais, nessa oportunidade trazendo a importância do indivíduo enquanto educando na sala de aula. Eu não sou o pivô da sala, mas nós fazemos parte, educador, educando. E, agora, por exemplo, nós temos ali no extremo sul da Bahia um fórum de educação, que é com gente da ENEB, com a participação do Movimento Sem Terra e de outras prefeituras, que é o fórum de EJA do PRAJÁ. E a gente traz essa importância de estar vindo todos os professores dos municípios, outras pessoas que estão dimensionando, trabalhando essa questão da educação. Enfim, quando faz aquele convite, todo mundo vem. Nas duas primeiras horas todo mundo participa. Nas três primeiras horas depois começa a esvaziar. Quem fica? Apenas aquelas pessoas ali, que fazem parte daquele grupo ali da UNEB, que tem essa preocupação de estar trabalhando com educação, nós do Movimento Sem Terra e uns “gatinhos pingados”.

ENTREVISTADOR: Então você confirmaria o que eu estou concluindo aqui, a partir dessa fala, de que os professores que trabalham no campo são mais disciplinados, se organizam melhor?

ENTREVISTADOS: O que eu posso estar te garantindo, como do MST, não é que os do campo, eu acho que são os que estão ligados a uma organização. Nós temos aqui uma companheira de escola pública, Comunitária, nós temos o companheiro Orlando que é da Escola Família, nós temos as meninas do MPA, então essas pessoas estão trabalhando juntos. Por exemplo: a Delza não está diretamente, nos nossos encontros, mas participa. Está estudando os mesmos materiais. E está com essa mesma preocupação de estar trazendo essa integração da comunidade-educando-professor. Acho que nós podemos trazer para esse campo, porque é muito comprometedor eu dizer que nós do campo estamos organizados, até mesmo porque muitas escolinhas estão perdidas em volta do mundo, aí. Existem, apenas. Sobrevivem, apenas.

Eu acho que existe uma maior cumplicidade dentro do campo. Às vezes, o que falta ao educador da zona urbana é essa cumplicidade. Às vezes, eles vão para a sala de aula por causa do salário. Eu já fui professor da zona urbana e eu ia para a sala de aula por causa do salário. Hoje eu tenho uma outra visão. Hoje, eu quero ir além. O salário é importante, mas a minha contribuição lá dentro, como indivíduo, é muito importante. Então, o que falta, na verdade, às vezes, é essa cumplicidade.

Eu acho, assim que, tem uma maior possibilidade de ter uma maior organização, os professores do campo, até porque tem, assim, muitas organizações, muitas escolas. Então isso aí, abre espaço, dá possibilidade de ter uma maior aproximação, de ter uma maior possibilidade de estar melhorando cada vez mais. Porque, as escolas que trabalham com a Pedagogia da Alternância, elas tem um comprometimento muito grande com a participação das famílias e que, as famílias dos alunos das escolas que trabalham na Pedagogia da Alternância, que tem filhos nessas escolas, são irmãos daqueles que estão nas escolinhas de primeira a quarta série e que vai se aproximando, cada vez mais dessas escolas. Então, tem possibilidade de estar melhorando toda uma estrutura de educação da escola. Eu acho que é um caminho. As escolas em alternância, as escolas alternativas, são um caminho para estar melhorando a educação como um todo.

Eu penso, que quando a gente pensa em mudança na educação, a gente fala muito, voltado para nós, porque é a nossa realidade, agora, a educação em si, ela precisa tomar rumo novo, seja no campo ou na cidade, porque são indivíduos, participando, sujeitos construtores de história.

ENTREVISTADOR: Essa sua fala, ela tem um sentido fantástico, porque, na verdade, a nossa formação, a vida toda, sempre caminha em uma direção que parece que nós vamos ficar prontos em algum momento. E, em se tratando de educação, existe uma crise permanente, em que os indivíduos são muito dinâmicos, na medida em que a Cicera discute comigo, ela pode me superar. Só não quer dizer que a partir dessa interação da Cicera comigo, eu não me supere, a partir dela, e ela não se supere, a partir de mim. Isso requer um novo projeto de educação. Certo? E se nós continuarmos trabalhando juntos, a gente vai conseguir esse projeto. Isso é fantástico! Acho que isso que nos motiva a estar juntos, lutando por essa escola pública, popular, libertadora, emancipatória. Alguém gostaria de fazer algum destaque, antes de encerrar?

ENTREVISTADOS: Eu gostaria, ainda. Por exemplo: eu me sinto gratificada quanto eu fiz meu Magistério, também por este projeto. Esse projeto entre o MST, INCRA e Universidade. Eu fiz na Universidade da Paraíba, UFPB, e, também foi um projeto que a gente começou em 1999 e terminou em 2000. Então, para mim, é uma alegria muito grande, porque eu sei que não fiquei... presa, porque eu passei um período sem poder ir a escola, terminei meu ensino fundamental, aqui na Bahia, fiz aceleração de 7ª a 8ª, e em muitos momentos eu me sentia deslocada, porque a visão de mundo que eu tinha ou a visão crítica que eu tinha, não me permitia aceitar muitas coisas, a própria estrutura também não permitia me posicionar e, para mim foi dar um salto, enquanto ser humano, ter feito magistério por este projeto e estar fazendo Pedagogia por este projeto. Não quero dizer com isso que a gente se fecha. Mas que isso foi a base para eu tivesse a visão que tenho hoje, de fortalecer a opção que tenho de estar lutando, junto com os companheiros, por algo diferente.

Eu acho que é importante essa abertura que o MST deu de estar incluindo, neste curso de Pedagogia da Terra, outras organizações, como deu abertura para as Escolas Famílias e as Escolas Comunitárias. A outra turma não teve e, nessa turma deram essa oportunidade, essa abertura. Isso aí significa que o MST não é fechado, não é uma organização fechada, ela se abre a outras organizações, dá abertura para que outras pessoas conheçam o seu trabalho. E eu estou muito agradecida com esse convite. Eu me sinto especial dentro desse processo, porque é uma oportunidade assim... que eu tive de estar aqui.

ENTREVISTADOR: Na verdade, ao produzir nosso, nós queremos dar visibilidade para o projeto, para que ele continue e se fortaleça cada vez mais, possibilitando aos professores que trabalham em assentamento e outras escolas no interior do país, para que eles possam, não só fazer o curso de Pedagogia, mas fazer uma especialização, um trabalho de pesquisa. Acho que é isso. Pelo visto a gente está entendendo isso com, aqui no caso do espírito Santo, com o curso. Eu diria que a UFES, o projeto de

formação de professores da UFES, ele não vai ser mais o mesmo depois da experiência do MST. Do PRONERA com a UFES.

ENTREVISTADOS: Nós estamos, igual, esta semana nós trabalhamos a disciplina de Estrutura, nós estamos ainda com alguns desafios, para todos os educadores, não só para nós, que é estar trabalhando um projeto mesmo de extensão, sei lá, alguma coisa assim que a gente possa estar colaborando com aquilo que a gente já tem feito. Por exemplo: nós fizemos ontem uma apresentação de teatro sobre a questão do Ensino Fundamental. Nós temos muitas barreiras para estar quebrando e é interessante a Universidade não tivesse apenas essa abertura, mas outras oportunidades, não só para nós, para outras pessoas também. Seria essa questão dos projetos de extensão. Às vezes a gente tem muitas idéias, mas por questão de uma organização do campo, que não tem fins financeiros para estar dimensionando algumas questões, a gente fica meio que não tendo muito como avançar e, acho que uma boa idéia, é estar pensando essa questão dos projetos de extensão. Porque a gente produz e tem a oportunidade de estar divulgando não só na nossa sala de aula, mas na comunidade vizinha e assim, sucessivamente.

ENTREVISTADOR: É o que ele falava: quando ele volta para a escola dele todo mundo fica doido para saber como é que foi o curso, você tem um texto para me passar... você tem uma experiência... Então, na verdade, esse processo de formação ele mostra que é preciso avançar do ponto de vista institucional para que o curso não fique taxado como um curso especial. Uma demanda fechada, mas que ele seja um curso que venha a se institucionalizar para atender a um maior número de pessoas possível.

ENTREVISTADOS: Então, lembrando que nós temos além do curso de Pedagogia, Magistério, EJA, de técnicos agrícolas, então são várias turmas que estão se formando. Já é uma proposta, já é um trabalho pedagógico que já vem acontecendo e que não tem a esperança de acabar tão cedo. As Universidades não são públicas? Porque danado, são públicas só no papel? E porque não é na sua prática, na sua ação, no acontecer? Se a burocracia fosse menos... Não estou dizendo que a gente não tem que estar organizado, mas a burocracia que existe dentro dessas instituições, ela não podia travar essas oportunidades de existir processos de formação diferenciados.

Resumindo, o que eu queria dizer é que a Universidade não é de uma cor, ela tem que ser de todas as cores: branco, preto, amarelo, vermelho. E se ela não tiver possibilidade de pintar a cara do povo, que o povo mesmo a pinte.

ENTREVISTADOR: É isso aí! Valeu! Com essa metáfora a gente pode terminar. Eu quero agradecer muito e espero que a gente se encontre mais vezes. Muito obrigado!

GRUPO FOCAL

Entrevistador: Como foi o ingresso no MST, como assentados, acampados ou professores educadores?

Sujeito 1: Família de pequenos agricultores, moravam em uma área onde aconteceu a ocupação. Tinha dez anos, mais ou menos, era pequena. O acampamento hoje tem 18 anos, todo o processo do acampamento, assentamento, como vizinho ali acompanhando, não diretamente, lá dentro formei-me em magistério (escola urbana), fui convidada para estar atuando como secretária nesta escola do assentamento, a partir daí passo a ter convivência com o movimento, fui me interessando, hoje tem oito anos que trabalho nesta mesma escola, passei a saber o que era um MST me integrando e fazendo parte da militância, sempre conciliando escola, por ser uma escola de assentamento, tem uma proposta diferenciada, passei a ingressar e já estou a 8 anos.

Sujeito 2: Tem-se como idéia que a entrada no movimento se dá pelo acampamento, a maioria das pessoas que vêm incorporar nesta ação passou por acampamento, são poucas as pessoas que vêm contribuir com a organização convidadas a estarem participando do MST, contribuindo na sala de aula. Eu entrei na organização em 2000, ocupação de terra que teve no meu município, hoje já faz quatro anos que eu participo desta organização. Sou assentado, fui convidado a participar deste curso "Pedagogia da Terra", para que possa ajudar a contribuir no setor de educação na minha regional.

Sujeito 3: A minha história é um pouco diferente. Meu pai morava em uma área como meeiro. Esta área era terra devoluta que foi desapropriada pelo MST, mas nós pelo sindicato, conseguimos permanecer na terra. Depois com o surgimento do MST na Bahia, já ficamos nesta área, ingressando no movimento, pois já estávamos na área há muito tempo, juntamente com o sindicato. Entrei no movimento desta forma, um

processo de legalização da terra, a partir desta data nós passamos a ser militantes do movimento e estamos até hoje.

Fui convidada a fazer o ensino fundamental, formei-me no magistério e formação geral numa escola no Rio Grande do Sul, que é a I. Terra, fiz o segundo curso lá. Fui convidada e selecionada, juntamente com a direção do movimento, para fazer pedagogia.

Sujeito 4: Eu comecei pelas ocupações há quinze anos atrás, fui para uma ocupação onde estou morando até hoje, em um assentamento. Desde este dia estou dando aula, meu processo, quando cheguei lá, foi através de uma reunião, onde comecei a fazer parte e acabei chegando até o assentamento onde moro hoje. E na primeira escola eu fui uma das professoras e continuo hoje. Não tinha o magistério, nem formação geral, e o movimento pediu-me para estudar, fui estudando, mas quando chegou a vez de fazer o magistério, não fiz no movimento, porque não tinha magistério no assentamento. Fiz magistério pela prefeitura, pelo Pró-formação.

Em 2002, fui selecionada para fazer Pedagogia da Terra, onde estamos e pretendemos dar continuidade.

Entrevistador: Vocês falaram da história de vocês, como foram convidados pelo assentamento e acampamento. Como nasceu esta demanda do curso Pedagogia da Terra?

Sujeito 2: Bom veja bem, como a gente tem um princípio básico na organização, que a transformação social, e a de elevar o nível de conhecimento das pessoas.

Como as demandas dos assentamentos foram crescendo e as pessoas que participam da organização, então houve necessidade de construir um setor de educação para estar formando as pessoas, no sentido da educação, porque muitas vezes o assentamento fica muito distante da cidade, não tendo como as crianças estudarem. Então a prioridade é ela estar participando na escola da comunidade, porque garante a integração no meio, porque quando a criança vai estudar na rua, ela encontra realidade totalmente diferente do assentamento. Com o afastamento do meio acaba tendo um choque.

Pensou-se no setor de educação para estar desenvolvendo a capacidade de educação da criança.

Sujeito 1: Além disso também, toda prioridade do MST está na questão do estudo, não é só o curso de pedagogia que o movimento tem, ele tem outros cursos escandidos. O de pedagogia é o que tem mais, se não me engano, tem alguns de comunicação, curso de saúde, medicina, até fora do Brasil, mas, o mais enfocado é o de educação, porque a gente vê que a sala de aula deve ser além do técnico, para nós a sala de aula é um processo de formação do sujeito. E para isto os profs têm que ter uma capacitação. A gente sabe, que a Pedagogia tradicional tem uma boa capacitação, mas não tanto na questão social, como precisamos.

Sujeito 3: No movimento nós enxergamos que o ato de ocupar a terra não basta, a educação vai além de querer ocupar a terra. O ato de educar é extremamente importante para todas as idades, por isto é que nós não queremos só o Ensino fundamental, mas também o Ensino Superior, Pós-Graduação; queremos conquistar este espaço a cada dia.

Para transformação dos nossos acampados e assentados, que não tiveram oportunidade de estudar, que antes considerados analfabetos, "porque na verdade não existem analfabetos".

Então lutamos por educação em todas as idades, na área de assentamento e acampamento, na especialização e qualificação para poder fazer este trabalho, para transformar um dia a sociedade, levantando a auto-estima das pessoas.

Sujeito 4: É uma coisa que aprendi também, que desde o 1º dia de uma ocupação a 1º coisa que a gente constrói é a nossa escola. A escola, ela tem que ser a primeira a ser construída no acampamento.

Sujeito 2: Uma coisa interessante dentro do setor de educação, existe a educação do e no campo, que muita gente desenvolve aqui na pedagogia, porque não adianta a gente fazer a ocupação, construir assentamento e os jovens não têm uma estrutura dentro do assentamento, ele tem que estudar fora e se formar para trabalhar fora também. Então, tem que ter uma visão de formar pessoas para estarem dando continuidade ao assentamento da comunidade onde vive.

Entrevistador: Dentro desta perspectiva de vocês, o curso pedagogia da terra, atende esta demanda de vocês no campo pro campo?

Vocês acham que a Pedagogia da Terra atende esta demanda?

O MST tem uns princípios pedagógicos. Quais são estes princípios pedagógicos do MST? Em que o Curso de Pedagogia da Terra atende estes princípios? Vocês poderiam falar um pouco sobre isto?

Sujeito 2: Veja bem, enquanto teoria, teoria aqui do curso, eu acredito que atende, mas, quando a gente vai lá para a prática, ela fica um pouco a desejar, pelo motivo da gente não ter uma estrutura ainda, formada nos assentamentos e acampamentos.

Pela imensa dificuldade que estamos atravessando, mas eu acredito que isto é um processo de construção, que a cada ano que passa a gente vê que a gente melhora mais, vai buscando estes objetivos.

Sujeito 4: Inclusive o que passa na prática ou seja ainda tem dificuldade.

Entrevistador: A gente percebe pelo trabalho de vocês que vocês são altamente criativos. Na prática esta criatividade é difícil? Se é, por que?

Ligado a essa questão, por que vocês acham que no ponto de vista teórico dá conta, na prática não?

O que vocês poderiam propor para que este curso Pedagogia da Terra desse conta desta relação, teoria e prática, prática x teoria?

Sujeito 2: Veja bem, quando a gente vem para a realidade à gente depara com muitas contradições, principalmente com os currículos, o currículo da cidade é basicamente um só, formulado pelo MEC, e quando a gente vai trabalhar nas escolas do assentamento ou de comunidade rural, a gente encontra muitas contradições de tentar fazer uma coisa extracurricular para atender a demanda do campo. A gente ainda tem muitos embates, quando as escola não são ministradas pela organização, dá resistência das outras pessoas a não compreender este currículo.

Sujeito 1: Dentro do que Willian coloca, este curso aqui, a gente consegue ainda, porque o que é pregado mesmo que a gente tenha toda esta burocracia de Estados, de currículo, que a gente sabe que existe, que ainda é um problema para as escolas de assentamento, para as lideranças totalmente seguir uma proposta dela mesma, ou seja, independente, mesmo assim, a gente encaixa algumas coisas. Temos que seguir o currículo do estado, porque a gente é cobrada por isto, a gente está sempre encaixando aquilo que pregamos como princípio de relacionar teoria e prática, inclusive as escolas de assentamentos elas têm trabalhos práticos, questões dos trabalhos na escola, isto são coisas mais específicas do MST. Mesmo com todas as dificuldades de estarmos empregando isto, por questão do Estado, a gente já leva por nosso lado por esta situação diferenciada que possuem.

Entrevistador: Então vocês conseguem não é?

Sujeito 1: Conseguimos.

Entrevistador: Quais seriam as características básicas, já que vocês estão falando aí de uma educação do campo.

Quais seriam as características básicas de uma educação do campo, na maneira de pensar de vocês?

Sujeito 1: Seria uma educação, onde aquelas pessoas que estão ali no campo, também pudessem estar fazendo parte deste processo educativo. Seria uma educação que tivesse voltado para a realidade do campo, porque geralmente livro didático, currículo, tudo vem voltado por uma educação generalizada, mas a gente sabe que o campo é diferenciado, a gente não pode generalizar, então esta educação do campo ela tem que ser voltada para aquela educação ali. Onde o próprio camponês, as pessoas dali estejam participando deste processo, a gente prega que tem que ser uma educação vinculada, escola comunidade, aquelas pessoas possam estar participando deste processo.

Porque acontecem umas evasões dos jovens do campo, porque ali tem toda uma série de dificuldade, tem a influência da cidade, então a gente trabalha uma educação, mais voltada pra lá.

Sujeito 4: Quando nossos jovens saem do campo para cidade eles nunca querem voltar para o campo, a tendência dele é ir para outros lugares, então ele começa a perder sua origem a partir do momento que ele vem para cidade, então nós não queremos isto, queremos que ele valorize aquilo que ele conquistou, que é dele.

Dando exemplo, é o caso do meu filho, hoje meu filho tem que sair do assentamento porque tem que estudar fora do assentamento, então ele cresce com outras idéias que não são minhas idéias, nem as do pai dele de valorizar o campo, então nós queremos uma escola voltada pro campo, para cultura.

Sujeito 1: A gente vê que a cultura rica é esquecida, então tem toda uma cultura camponesa que a gente na escola do campo tenta resgatar.

Sujeito 2: Um dos nossos princípios é vincular educando a comunidade a participação dos pais num trabalho coletivo, incorporar valores à criança que vem sendo perdido no decorrer do tempo, principalmente hoje a gente vê que o campo hoje está sendo desvalorizado, que camponês é sinônimo de “jeca”, atrasado, etc. e tal. Então a gente tem que recuperar estes valores na pessoa, agricultor de camponês de pessoas que moram no campo, de pessoas que participam da vida do campo e da comunidade em que vivem. A gente vê que a educação não se dá entre quatro paredes da sala de aula, a gente tem outro acompanhamento, desenvolvimento do assentamento na comunidade extra-sala de aula. Eu acredito, não sei se dá conta geral, mas é muito gratificante.

Sujeito 1: Não quer dizer também que a gente passa as 24 horas da escola trabalhando só questões sociais, porque tem as questões técnicas que tem que ser trabalhador, que a gente trabalha, porém a gente está sempre achando um encaixe, dentro destas questões técnicas, para estar trabalhando as questões sociais, porque quando a gente fala parece que o técnico fica esquecido, mas não é só isto.

Entrevistador: Então a partir da fala de você que a educa do campo de vê valorizar o sujeito que vive no campo e a cultura deste sujeito. Você percebe que este curso Pedagogia da Terra, nas diferentes disciplinas, conteúdo, metodologia, dinâmica de trabalho que os professores ministram dá conta de atender e formar estes professores para esta realidade do campo?

Sujeito 1: A cada semana deste curso aqui a gente não sabe que professor vem então geralmente tem um professor que ele tem mais uma visão maior, então ele também sempre leva pro lado, mas daqui, eu acho que este curso aqui ele consegue formar o técnico porque a gente sai daqui para a prática de sala de aula com muitas idéias, muitas coisas novas, porque é uma formação, inclusive a cada etapa nós temos uma semana que é uma semana de preparação, que é mais uma questão nossa. O seguinte, se são cinco semanas, fazemos seis, que chamamos de formação política, porém além do técnico o curso fornece uma formação mais crítica, mais política.

Sujeito 3: É importante também destacar a relação que temos com os professores, mesmo que eles não conheçam a nossa realidade, eles se encaixam, a gente acaba tendo um convívio bom. Isto reflete nossa prática, os professores se encaixam eles conseguem desenvolver o trabalho voltado para nós e nós para eles, isto é importante para a gente, e também na prática de sala de aula, a gente leva muitos conhecimentos bons dos professores, porque aqui não se discute somente, o que acontece nas quatro paredes. O nosso curso é voltado para teoria e prática, ele tem esta visão de estudo e trabalho, porque estudamos e trabalhamos ao mesmo tempo, porque na nossa prática em nossa escola também no assentamento e acompanhamento.

Entrevistador: Em relação ao curso, alguns professores conseguem fazer esta relação teoria e prática? Quando vocês vieram fazer este curso, vocês chegaram a ter conhecimento, a participar da proposta curricular do curso?

Sujeito 2: Esta é a segunda turma, então nós já sabemos da proposta da primeira. Não só este curso, mas todos os cursos pelo MST, inclusive pela escola nacional que se localiza em São Paulo, ela tem uma norma estabelecida para todos os nossos cursos, e essas normas foram criadas não por uma pessoa, estas normas foram criadas no coletivo ela vem de baixo para cima, todos que participam sabem dos mesmos, então quando a gente chega aqui a gente ajuda a acrescentar alguma que são mesmas internas que a gente chama. A gente ajuda a construir, acompanha, e acredito que vários cursos vamos estar colaborando na construção de normas.

Sujeito 1: Avalia o que está dando certo para estaremos sempre crescendo.

Entrevistador: Vocês poderiam dizer quais são as disciplinas que acompanham a grade curricular do curso?

Sujeito 1: Porque além daqueles que têm a pedagogia, foram acrescentadas algumas, que é a questão agrária do Brasil, é uma disciplina extra curricular normal da UFES, alternativas da educação do campo, educação básica do campo, que são disciplinas acrescentadas no curso de Pedagogia da Terra, tem outras que não me lembro porque não possamos ainda.

Entrevistador: E como são escolhidos os professores que vem dar aula neste curso, vocês sabem? Tem conhecimento disso?

Sujeito 2: O pouco que a gente sabe a Coordenadora Chama-se Laurita, então, ela chama pessoas que se identificam com a luta, com a causa, com as pessoas. Então, lá da UFES que são escolhidos os professores que vem dar aula, têm aqueles que a gente indica, mas o que a gente não indica, é escolhido pela Laurita e pela UFES.

Sujeito 1: Estas matérias que eu falei são indicados pelo MST. Estes dos professores ligados ao movimento.

Entrevistador: Eu havia perguntado anteriormente, os princípios da educação do MST, e vocês não chegaram a falar, vocês gostariam de estarem falando. Princípios Filosóficos, Pedagógicos, Metodologia?

Sujeito 2: Cada curso tem seu princípio, neste nosso seu princípio é focalizar o sujeito, é valorizar o educando no sentido de construção da sociedade mais justa, da elevação do nível de consciência da pessoa, para que possa vir contribuir na comunidade, no assentamento até mesmo no meio urbano, este é um dos princípios.

Sujeito 1: Porque estes princípios, tanto os pedagógicos como os filosóficos para termos em mente é complicado, a gente tem em cartilha, tem muita coisa escrita já, temos todos eles esquematizados.

Entrevistador: Pelo que se pode perceber aquela coisa bem esquematizada vocês não têm, mas vocês falam disso com muita propriedade.

Sujeito 1: Ele assim organizado não tem não, tem.

Sujeito 3: Uma coisa importante dentro do movimento é o vínculo da teoria com a prática, vínculo com estudo e trabalho, este é um dos principais princípios que nós temos que a vinculação da teoria com a prática e estudo e trabalho, porque uma coisa só para nós não basta. Só o estudo ou só o trabalho então, um dos princípios fundamentais é esta vinculação da teoria e prática de estudo e trabalho.

Entrevistador: E vocês acham que o curso Pedagogia da Terra da conta de relacionar isso esse princípio?

Sujeito 3: Dá conta não, pois é ampla, ajuda contribui bastante, uma contribuição grande é um passo a mais, é um degrau a mais da escada que nós estamos subindo, que o curso e a nossa prática. A gente não quer só o curso da pedagogia, estamos lutando também por outros cursos. Mas o curso de pedagogia contribui sim com a teoria e a prática. Tanto neste espaço que estamos convivendo como no assentamento também, até mesmo os professores dão aulas para gente, os trabalhos são relacionados com a nossa vivência lá, elas pegam a realidade do assentamento e acompanhamento para estar direcionando o trabalho que temos com a comunidade, que temos nesta direção por isso que ajuda bastante, contribui bastante.

Sujeito 2: O curso Pedagogia da Terra é mais que um curso é a responsabilidade de construir algo novo não está só no curso de pedagogia, está nos vários cursos; tem de medicina, de enfermagem, de comunicação, então você vê que a gente consegue formar várias pessoas com um objetivo a gente consegue fazer algo novo, estruturado. Então o curso de Pedagogia da Terra é apenas um de um setor dentro do assentamento, dentro da proposta política do assentamento. Também dentro da organização temos vários outros cursos, cursos políticos, curso de saúde, onde a gente ensina a medicina alternativa, agricultura alternativa além dos cursos formal nos temos outros cursos que são informais.

Sujeito 1: Porque o 100% é muito difícil de atingir o objetivo que a gente luta é um processo para chegarmos até ele por uma sociedade mais justa, por reforma agrária, isto não é assim, de um dia para a noite, você tem que ir como cortador de pedras, todo dia uma latinha, uma marretada até você conseguir

alcançar este objetivo, não é assim de uma hora para a outra que tudo vai... vamos dormir e amanhecer no céu.

Entrevistador: Vocês colocaram aí que a escola do MST deve ser uma escola que não se fecha dentro das paredes. Parece que a relação escola comunidade deve estar o tempo todo permeando os princípios pedagógicos. Poderíamos então dizer que o MST enquanto movimento tem alguma função educativa? É o movimento que educa? E a escola está dentro desta dinâmica? Como é isto para vocês?

Sujeito 1: A educação abrange vários ângulos, tem a educação enquanto instituição escolar, a gente diz que o MST é um movimento educativo, porque você vê a base, respeitando o outro na convivência coletiva, respeitando a individualidade, tem que estar de acordo com a individualidade do outro então isto já é uma forma de educação.

No meu ponto de vista prepara porque a gente já tem resultado fantástico na área de educação, principalmente é o setor mais estruturado. Nós temos várias escolas que têm trabalho coletivo na prática. Vemos que esta educação da Pedagogia ela não se dá só em uma etapa, temos vários cursos em outras etapas. A gente já pode ver que está dando muito resultado, resultado bom, favorável, temos que continuar aprimorando, levando conhecimento para a prática.

Entrevistador: Dentro desta questão vocês teriam uma sugestão a dar para o Curso de Pedagogia da Terra? Para os que virão e farão as novas turmas? Em termos metodológicos, conteúdos, teoria e prática?

Sujeito 2: Minha sugestão é a seguinte que a gente continue na luta, brigando por mais espaço na educação. No final do curso temos sempre uma avaliação o que foi positivo o que foi negativo. O negativo descarta o positivo continua procurando ser melhor do que o primeiro. Cada curso está elevando nosso conhecimento, capacidade de observar os erros e estar sempre aceitando.

Para a próxima turma, o pedido é que haja dedicação de cada um, de acreditar na proposta e colocar em prática.

Sujeito 3: A gente sugere que a partir da avaliação daquele que acontecem leve novas propostas para os novos cursos, uns continuam, outros são retirados. Levam novas propostas para que não fiquem passando por estas dificuldades que passamos por alguns momentos.

Entrevistador: E vocês, teriam alguma proposta para dar?

Sujeito 1: Algumas dificuldades que temos é em relação ao espaço que estamos usando, a infra-estrutura. Pra gente é complicado, parece que Pedagogia da Terra tem uma certa discriminação. A gente não tem todo acesso que os outros alunos têm, é complicado, parece que tem sempre alguém de olho na gente.

Entrevistador: Vocês poderiam dizer quais são estas dificuldades em relação ao POLO?

Sujeito 2: A primeira dificuldade é em relação à estrutura, onde a gente dorme, está precária, tentamos melhorar, mas não podemos melhorar. Não pode construir com tijolos, pois não permitem que construamos estrutura física. Este é um empecilho, não podemos estar melhorando nosso espaço, porque a entidade não permite isso, ampliar local de estudo, fazer secretaria própria para gente. Este é um empecilho, do reitor, da burocracia.

Sujeito 3: Além deste espaço, dormitórios, refeitório, tem o espaço também do POLO, porque nossa turma, não sabe como é vista por eles, mas só temos acesso a biblioteca se há outras turmas, pois quando é só a gente a biblioteca não abre. Acesso a todo POLO não temos, a sala de informática só se tem outras turmas funcionando, mesmo, assim, tem empecilho referente a nós isto é complicado.

Sujeito 1: Porque quando chega o mês de Janeiro o POLO não estava funcionando, nós não tínhamos acesso a nada, nem a biblioteca, nem aos computadores, parece que a gente não é visto como aluno da Universidade.

Sujeito 4: Nós somos alunos, fazemos parte de tudo, até mesmo por dar continuidade não só o nosso curso de Pedagogia mas a outros cursos depende muito de nós, então isso choca, pois não temos direito a sala ao lado para fazermos nossos trabalhos, tudo que tem aqui é podado, vocês não podem isto, não podem aquilo. Pra gente é difícil. É isto que queremos que sejamos reconhecidos como parte disto aqui.

Até mesmo a não participação do Reitor, do Vice. Eles nunca foram em uma apresentação nossa, eles nunca viram, não sabem como é trabalhado as nossas disciplinas nas salas de aula, eles nunca foram lá, nunca participaram de nada. Ontem teve o Seminário nem para dar uma voltinha, não vai. É como se não estivéssemos aqui. Só porque somos do MST, não fazemos parte?

Sujeito 2: Outro empecilho é a questão de verba. Porque quando foi aprovado o primeiro Curso de Pedagogia alguns anos atrás, foi estabelecida uma quantia por etapa, já se passaram seis ou sete anos e a verba não foi reajustada, mas os preços das mercadorias, sim. Nós não conseguimos comprar a metade que se comprava na primeira turma. Ficamos com muitas faltas de material didático, falta de tudo, da ciranda para as crianças. A verba está ultrapassada, existem barreiras para melhorar nossos estudos por motivo do material.

Sujeito 1: É a mesma quantia de antes, para nós é como se estivesse reduzido. O que se comprava naquela época, hoje já não se compra nem mais a metade. Já fica complicado.

Entrevistador: A prática hoje é diferente da de quando não tinha o curso? Melhorou alguma coisa?

Sujeito 4: Melhorou muito. Eu já venho na luta há mais de quinze anos, então você começa a estar participando deste curso, você cresce, coisas que aprendi no Magistério que tinha que dar em sala de aula eu fazia errado, hoje já não faço, não repito mais aquelas coisas. Eu cresci. Como trabalhava para o município, já vinha o currículo dizendo que tinha que trabalhar, eu passava de forma errada mas a partir do momento que eu comecei a fazer o curso, a fazer outros cursos, percebi que precisava mudar. Eu comecei a mudar por aí.

Sujeito 1: Eu trabalho há oito anos, não tem nem comparação. Aqui você está sempre atualizado, eu saio daqui com a cabeça cheia de coisas, louca para voltar a colocar em prática o que aprendi. Igual os métodos avaliativos a cada vez a gente vê que tem que aprimorar, a mudança na prática que nos proporciona é bem grande.

Sujeito 3: Hoje vejo o resultado nos meus próprios alunos, porque antes não tinha tanto rendimento, hoje tem.

Entrevistador: Quais seriam as características fundamentais do jeito de ser do educador do MST?

Sujeito 2: Capacidade de observar a realidade e poder ajudar a construir esta realidade diferente, começamos a trabalhar o conteúdo desvincilhando a teoria da prática, a pessoa do ambiente. O educador tem que saber analisar o problema para que possa intervir.

Sujeito 1: Muito interessante no educador é a relação professor x aluno nas escolas tradicionais, não é como nas escolas de assentamento, uma coisa que deixa muito encantada é a relação que a gente tem com os alunos. Não é de autoritarismo. Eu sou professora, você é aluno e tem que me respeitar, tem que fazer o que eu mando. É bem diferente. Temos uma relação com os alunos de amizade, de conversa nos intervalos, de respeito realmente ao educando e eles com a gente. Esta relação é super interessante.

Sujeito 3: Uma característica fundamental do educador do MST é ele ser um educador pesquisador, aquele que não pesquisa não tem direito à palavra. A criança assentada pode não ter conhecimento prático, mas eles assistem TV. O educador tem que ser pesquisador aberto para o diálogo com o educando, com os pais. Outra coisa é que todos os educadores sejam militantes do movimento até mesmo para estarem informados com a base, com os princípios do movimento e com educação pedagógica e filosófica para saber como lidar com a base dentro do assentamento tanto com as crianças como com seus pais. Porque o nosso perfil de professor hoje, não é só de ensinar a ler e escrever, mas um professor que contribua com o movimento e com a comunidade. Porque a situação que a gente passa até no país é difícil. Então, temos que estar atendo a pesquisa para lidar com várias questões, até mesmo que os alunos trazem, porque a nossa sociedade hoje é a sociedade da marginalização que a gente vê coisas acontecendo. O educador deve ser militante aberto para o diálogo, compreensivo e com bom senso.

Sujeito 1: O perfil do educador é crítico, criativo, pesquisador, dinâmico, mais uma série de coisas, mas em palavras soltas seria isto, tem que ser crítico, porque professor é um artista principalmente nas nossas escolas que tem estrutura meio precária é cozinheiro, pois o que aparece tem que estar encaixando e fazendo.

Sujeito 4: O aluno não aprende só na escola. Eu sou professor de jovens e adultos o aluno que não pode ir a escola nós vamos a casa dele. Este é nosso papel. Se você não pode ir a escola, eu posso ir até você. Quando o aluno não pode ir a escola nos vamos até ele. Isto dá certo. Ele escolhe o horário e vamos a sua casa. Isto para a educação de jovens e adultos. De 1ª a 4ª séries temos que ver que há aluno que não vai a escola não porque está doente, mas porque não está gostando, a gente tem que saber dos pais, isto como educador é importante. A partir do momento que você veio e conhece a situação deles fica mais fácil de trabalhar.

Entrevistador: Agradeço a vocês pela oportunidade e bom trabalho.

ENTREVISTA INDIVIDUAL

Entrevistador: Nós vamos conversar sobre algumas questões relativas ao curso de Pedagogia da Terra. Primeiramente eu gostaria que você falasse sobre seu ingresso no MST como se deu isso?

Sujeito: Eu me ingressei no MST em 1998 em uma ocupação que aconteceu no Município de Barra de Choca, próximo a Vitória da Conquista, a partir daí em comecei a criar uma relação mais íntima com o movimento.

No primeiro momento eu dava aula no acampamento de forma comunitária, pois o município não quis arcar com a gente, então comecei de forma comunitária o trabalho ali. No ano de 1999 trabalhei coordenando a educação de jovens e adultos na regional Sul do Oeste em Vitória da Conquista; trabalhava três monitores de três turmas e orientava o planejamento das aulas e avaliações. Era um grupo que trabalhava de forma coletiva e uma regional muito grande, dividida em quatro sub-regionais e em cada, uma pessoa responsável especificamente pelo programa e na regional que eu atuava era a pessoa responsável. Quando terminou o projeto, fui atuar numa sala do município de Vitória da Conquista, desenvolvendo o trabalho não diretamente na sala de aula, mas com a comunidade e também com a sala da leitura, formar trabalho de conscientização.

Em seguida surgiu o curso Pedagogia da Terra, foi conversado em reunião, elaborado os critérios para participar do curso e eu fui uma destas pessoas.

Primeira coisa é a questão da participação do dia a dia e o trabalho concreto que a pessoa desenvolve isto conta ponto, principalmente a participação no dia a dia da comunidade.

Foi desenvolvido um trabalho bem amplo de onde sou natural. Tem eu e o Ronis, fomos escolhidos para fazer o curso.

Entrevistador: Como surgiu a necessidade Pedagogia da Terra dentro do assentamento?

Sujeito: Na medida que a educação vai se desenvolvendo, ou seja, vai implementando o trabalho docente ele vai exigindo mais do profissional. E quando você tem o curso de Pedagogia você abre novos horizontes, a esta desenvolvendo um trabalho voltado para o homem do campo.

Porque eu fiz o Magistério na Zona Urbana e fui atuar na Zona Rural imagina o choque, é você querer transplantar a realidade, levar o que recebe lá, uma educação na cidade, mas quando vai desenvolver isto no campo, não dá certo. Já com o curso de Pedagogia você vai quebrando algumas idéias que ficaram cristalizadas na teoria. Este curso surgiu devido a esta necessidade desta educação do campo. Porque a cada dia vai exigindo mais, e vamos conseguir desenvolver um bom trabalho na medida que vamos estudando mais teoria.

Entrevistador: Qual a motivação e porque vocês estão fazendo este curso Pedagogia da Terra?

Sujeito: Uma das maiores motivações é o ideal, o seu ideal é educar. E quando você que é um educador do campo e participa de um movimento social, isto é mais abrangente ainda, na medida que você estuda aqui, retorna pra lá você vai vendo que o trabalho está melhorando, isto se resume no ideal. Ideal de uma educação de qualidade voltada para o homem do campo.

Entrevistador: Vocês chegaram a participar da elaboração do projeto do curso?

Sujeito: Nós temos um setor, o setor da educação, este trabalhou na elaboração do projeto. Na etapa preparatória tivemos alguns debates que foram incluídas algumas matérias voltadas para a realidade do homem do campo, inclusive nesta etapa estudamos uma matéria, pois foi voltada para o homem do campo, e foi muito importante. Com certeza aprendemos e participamos, não diria da elaboração do projeto em si, burocrática. É um projeto em construção então a gente está sempre participando, opinando, desde que começou.

Entrevistador: Na sua opinião os conteúdos, a metodologia, os conhecimentos que são ministrados neste curso Pedagogia da Terra contempla ou tem alguma relação com o campo?

Sujeito: Tem alguns conteúdos que a gente encontra algumas dificuldades para estar adaptando. Quando os professores chegam aqui nas primeiras semanas, eles ficam tentando se enquadrar, mas tem um grupo – a coordenação – que procura ajuda e nós também na sala de aula falamos olha trabalhamos aqui, não é aquela coisa bairrista de estarmos vendo só por um lado, mas no geral.

Acredito que contempla e quando não nos estamos aqui buscando a matéria para a nossa realidade, a gente vai conversando, dialogando, mas até agora não teve nenhum problema com as matérias que tivemos. Até o trabalho de quinze horas que desenvolvemos com a comunidade foram todos voltados para a realidade. Então as matérias contemplaram.

Entrevistador: Quais são os princípios da educação do MST?

Sujeito: Temos vários, temos nossa própria filosofia de educação. O princípio básico e principal é a educação do campo, ou seja, uma educação que seja construída pelo homem do campo e tem a realidade dele.

Entrevistador: Na sua opinião poderíamos afirmar que a educação que é estudada no curso de Pedagogia da Terra ele atende a esta realidade?

Atende?

Total, parcial...?

Sujeito: Total não, porque nada é total, mas supre as necessidades que temos no momento.

Entrevistador: Você poderia dizer quais necessidades?

Sujeito: Na questão de você conseguir desenvolver um projeto, era uma necessidade que também agora sabemos com se constrói um projeto. Inclusive, na Regional Sul da Oeste na Bahia, desenvolvemos um projeto “Semente, patrimônio da Humanidade” que possibilitou a construção deste projeto é a gente que está participando deste curso. O que aprende de teoria procura-se desenvolver no trabalho, na prática. Eu acredito que a gente vai melhorando, à medida que vai estudando, mais já dá pra sentir vinculado ao nosso dia a dia, este projeto já foi um fruto.

Entrevistador: Qual a sua percepção de relação da teoria prática nas diferentes disciplinas que compõem a grade curricular do curso Pedagogia da Terra?

Você acredita que houve relação entre as diferentes disciplinas deste curso?

Sujeito: Eu fico com a mesma resposta do início, uma vez que as matérias que foram dadas estão vinculadas com a nossa realidade se está vinculada com a realidade está vinculada com a teoria e com a prática. Com certeza, estão. Só sentimos um pouco de dificuldade com a matéria de ecologia, mas no final buscamos para a nossa realidade. Nesta matéria faltaram argumentos entre a turma e a professora. Eu diria que as matérias têm relação com a teoria e a prática.

Entrevistador: Você falou em dificuldades. Você poderia dizer sobre as dificuldades que a turma, você, encontra no decorrer do curso?

Sujeito: Tem dificuldades que são superáveis, mas umas das maiores dificuldades que a gente enfrenta é quando a gente volta pois aqui é “paulera” de manhã, de tarde, de noite fazendo trabalho. Quando retornamos para a nossa comunidade as aulas já começaram. Tem locais que já tem uma semana de aula. Então essa é uma das principais dificuldades que a gente enfrenta. Não estou reclamando por isso, mas é uma dificuldade, tentar pegar o carro andando,

Entrevistador: Vocês vêem alguma possibilidade destas aulas não iniciarem neste período?

Sujeito: O problema é este, a gente já tentou, analisou, mas não conseguimos, a única forma é esta aí.

Entrevistador: Você teria alguma sugestão a dar para a organização, espaço físico, estrutura, conteúdo pro curso Pedagogia da Terra?

Sujeito: Poderia melhorar na questão espaço físico, no caso do Campus poderia desburocratizar de fato. Algumas coisas que tem aqui. Por exemplo, o pessoal está desenvolvendo trabalho de monografia, poderia ter espaço para oficinas, a informática, pois tem pessoas que domina, mas têm alguns que não. No mês de Julho, foi possível só que agora de início sentimos algumas dificuldades. Estamos procurando melhorar para que na próxima etapa tenhamos oficina de computação.

Outra questão: tem alguns projetos que a gente pega para desenvolver na comunidade. Agora produziremos uma cartilha, o nosso trabalho é reproduzir nossa cartilha e esta fazendo um trabalho com a comunidade, acho que o PRONERA deveria ter um recurso para uso, para que pudéssemos fazer melhor este trabalho, elaboraria uma cartilha com mais qualidade e uma abrangência maior, porque o trabalho fica limitado só onde eu ativo.

Entrevistador: Em relação à educação do campo, quais seriam as características de uma educação do campo?

Sujeito: A característica principal é que tem que ser construída pelo homem do campo com quem está ali no dia a dia, convivendo com o campo.

Outra coisa, ela deve ser “gestada” pela comunidade onde estaria sendo implementada porque se a escola está gerindo a escola, ela está voltada para a comunidade.

Outra questão a estrutura, se é uma educação que vai se construir de ali no campo, cada assentamento tem uma realidade, a estrutura da escola tem que atender a realidade daquele assentamento.

A estrutura que eu digo é a seguinte: se for um assentamento voltado a hortaliça, na escola tem que se desenvolver a questão de horta, como que faz para beneficiar estes legumes.

Outra coisa, a escola tem que estar aberta não só para os educandos, mas para toda a comunidade. A comunidade tem que participar da construção da escola.

A escola tem que trabalhar com a realidade local, nacional e internacional, mas tem que ter o ponto de partida a realidade dela para que não fuja.

Entrevistador: Você acha que o curso de Pedagogia da Terra ele atende esta demanda da educação do campo?

Sujeito: Com certeza, como disse antes, no início do curso nós tivemos uma matéria e esta clareou bastante e a partir dela melhorou mais ainda o que seria esta concepção educação do campo, de como funcionaria inclusive trouxe até algumas experiências. Nós já temos a nossa, mas quando você começa vivenciar experiências, você fica empolgado para colocar em prática esta nova especialidade.

Entrevistador: Do ponto de vista da educação do campo a gente sabe que a escola não é uma escola que se fecha em si, mas que abre para o movimento como um todo. A gente poderia dizer que a escola cabe dentro do movimento e o movimento dentro da escola. Que o projeto educativo do MST tem no próprio movimento o princípio educativo.

Você poderia estar falando por nós um pouco sobre isso: como é esta dinâmica, vivência, experiência da vida do assentado, quais são os espaços, tempos que estão presentes, aí que vão formando, educando as pessoas?

Sujeito: Olhe como você disse o movimento é uma grande escola, poderia dizer o seguinte: pelo que aprendi durante estes cinco anos de movimento, eu não aprendi no tempo que passei sentado no banco de sala de aula. Às vezes quando estava participando de algumas atividades do MST imaginava, passei tanto tempo aprendendo algo que não vou usar na realidade, enquanto aqui vejo pessoas que não tiveram acesso à escola, a expressarem com tanta clareza. Foi quando participei da primeira mobilização que MST promoveu então vi que a chave estava até na própria participação das mobilizações.

Esta mobilização saiu de Vitória da Conquista a Salvador, andando então são 530 Km mais ou menos, uma das primeiras, conhecimento geográfico. Eu morava no estado da Bahia, e não o conhecia, então foi bem interessante, de uma forma bem articulada, conheci andando.

Durante esta mobilização, proporciona a própria integração, porque você tem ali pessoas de diversos locais, tem pessoas de toda Bahia, já pensou em trocar experiências, onde você pode conversar com assentados que tem cinco anos de MST que participou de mobilização ele conhece o estado todinho. Não conhece só pelo fato de ter ido lá, mas só esta conversando com as pessoas já é positivo.

Proporciona o próprio conhecimento das regiões, tinha pessoas que nunca tinha ido à Capital. O movimento possibilitou isto. Outra coisa é o conhecimento da lei, do direito que as pessoas tem. Num momento a estrada bloqueada, ali foi burlada o direito de ir e vir, então ele teve que furar o bloqueio. Então aprendi leis que não são verídicas, não são para ser respeitada, por que esta conta à constituição. Aquele foi o preciso momento de enfrentamento com o estado. Então ofereci, vários conhecimentos, nas mobilizações.

No encontro tem várias palestras, você tem contato com pessoas que você nem imaginava. Pensava que iria passar sua vida e não teria contato com aquele pensador, grande teórico. Proporcionou vários conhecimentos nesta questão de mobilização de encontro, não só conhecimento específico, mas conhecimento nível local, as mobilizações nacionais, conhecimento a nível mundial.

Entrevistador: Você citou a pouco que teve contato com estes teóricos. Quais seriam estes grandes teóricos intelectuais a nível de Brasil, e também fora, que serve de fundamento de processo de formação, de educação, de humanização dos assentados, dos assentamentos, das escolas e que espera a proposta educativa do MST?

Sujeito: Alguns que a gente não teve contato físico, mas o contato espiritual e teórico por causa das idéias. Um é o próprio Paulo Freire, não tive contato com ele, mas com a teoria dele, que apesar de o magistério. Mas na sala de aula nunca tinha ouvido falar da proposta de Paulo Freire.

Você tem acesso ao material destas teorias que vão contribuindo não só para os assentamentos, mas na prática de sala de aula, na comunidade. São contatos importantes para nossa prática e nosso trabalho. Outra coisa, quando a gente vê as pessoas que ficaram pra trás, quando você sente que evoluiu, quando você volta você percebe esta evolução. Às vezes o conhecimento passa despercebido.

Entrevistador: Neste curso Pedagogia da Terra, os professores ao ministrarem diferentes disciplinas, alguns momentos citam, falam, dão textos sobre estes pensadores intelectuais?

Sujeito: Sempre, eles procuram trabalhar com texto que tem a ver com nossa realidade, citam livros, biografia para a gente esta estudando na medida do possível, sempre procurando encontrar este material, a gente não consegue, quando vai comprar este material é caro, não só livros, mas fita de vídeo e outras obras.

Pelo menos os filmes que estamos vendo agora são melhores, sempre procuram conhecer a lista de filmes ou de livro. Os professores sempre colocam a biografia para gente esta pesquisando, próprio conhecimento sobre o assunto.

Entrevistador: Você pessoalmente teria alguma sugestão para dar ao curso de pedagogia da Terra? Especialmente relacionado aos: conteúdo, metodologia, prática, teoria, recursos, relação professor-aluno?

Sujeito: A questão do recurso, ele está defasado, este é um projeto da primeira turma e o recurso é o mesmo. Então aí tem um prejuízo quando vai adquirir materiais. Como adquirir materiais que a turma esta precisando, isto em relação ao livro.

Outra proposta era que se a gente tivesse acesso à matéria, didática, que tivesse subsídios para desenvolvermos nosso trabalho.

Com relação à estrutura melhor o desenvolvimento. Acesso à biblioteca, sala de vídeo, informática.

Entrevistador: Agora a pouco eu perguntava a você as características básicas de educação do campo. Você poderia nos dizer quais as características básicas de uma educação no campo?

Sujeito: Primeira coisa - tem que acreditar na educação que esta desenvolvendo, naquele projeto que faz parte.

O educador tem que estar vinculado a realidade não adianta dizer ser educada do campo e não esta convivendo com o campo. Se não acreditar no campo não vai desenvolver um bom trabalho.

Outra coisa é acreditar numa sociedade socialista, porque não.

Outra característica é ousar, o educador tem que ousar, se não fizer diferente não será educador do campo. Tem que estudar, buscar experiência, procurar construir idéias vinculados com a comunidade com a realidade, porque acaba fugindo e frustra e não desenvolve um bom trabalho.

Entrevistador: Você se considera um educador do campo? Por que?

Sujeito: Eu me considero, eu acredito na proposta de educação voltada pro homem do campo, construída pelo homem do campo e desenvolvida e administrada por aquela comunidade.

Entrevistador: Quais são as suas expectativas ao curso pedagogia da terra? Vocês estão na segunda turma?

Sujeito: Cada módulo que estuda é uma expectativa diferente. Num módulo minha expectativa é uma, no outro é outra. É algo gradativo, não teria um suporte para todos os módulos, mas para o próximo módulo eu acredito no crescimento, estar enxergando novos horizontes, como desenvolver um bom papel na comunidade, mas em toda região. Eu não estou representando um local específico estou representando um grupo, tendo uma responsabilidade com o grupo. Quando for desenvolver um trabalho vou desenvolver um trabalho que seja para o grupo.

A cada módulo aumenta a expectativa, principalmente quando você chega lá e coloca na prática. Aí vê que funciona, então começa a criar sede de conhecimento, de está buscando, está pesquisando. Em cada módulo a expectativa é maior.

Entrevistador: Se você tivesse que deixar uma mensagem para os jovens. Qual é a mensagem que você deixaria?

Deixaria na educação do campo na educação voltada pro homem do campo, porque com certeza o Brasil terá bons frutos.

Entrevistador: A gente agradece sua participação e bom trabalho.

PRONERA = PROGRAMA DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA

Transcrição da entrevista 1 = Grupo de ex-alunos e coordenadores estaduais: PC, Claudinar, José Odônio e Valdívio.

Erineu: O curso pedagogia da terra que vocês fizeram fez diferença pra vocês?

R. PC Na prática pra mim, falando da minha realidade. Bom eu até então trabalhava na escola de assentamento de quinta a oitava série eu sentia muita dificuldade de entender o processo de desenvolvimento da criança. Esse curso então me possibilitou nesse sentido estar compreendendo melhor, como construir o trabalho, como planejar, como entender o desenvolvimento da criança adquirindo um melhor planejamento pra ta contribuindo. E além disso, também esse curso contribui muito pra mim na minha formação também pessoal no meu convívio lá no dia a dia, no meu entendimento da/do processo de educação do campo e num processo de educação inovador e tal, o próprio processo pedagógico né de entendimento da vida do camponês então ele contribui muito nessa área também.

Erineu: Eu já vou logo fazer outra pergunta. Esse curso é nessa linha que o PC está falando aí, ele foi pensado por quem, como surgiu esta idéia desse curso, vocês tiveram participação?

R. Um pouco da necessidade do educador da própria organização de aperfeiçoar ou melhorar a prática né, porque assim que inicia um acampamento também começa o processo de educação e as vezes com quem ta lá é quando eu fui mesmo pra escola de assentamento eu tinha muita dificuldade aí depois eu comecei em sala de aula aí é depois fui é pro magistério, o curso pedagogia, acho que a própria necessidade vai fazendo com que você procure meio estar formando né e aí quem tenta no conjunto é com o Movimento as próprias famílias que vêem a necessidade que tem de melhorar o relacionamento, o processo de educação né como é aquilo que o PC fala logicamente a formação ajuda muito esta ligação da teoria com a prática a questão intelectual então acho que é fundamental também pra você desenvolver uma boa prática.

R. Essa preocupação do Movimento de priorizar dar importância a educação pra atingir os objetivos que é quer que pretende atingir e essa preocupação com a formação da do educando e também com é a do

educador. A primeira brecha na lei que permitiu é realizar curso dessa maneira o Movimento então acabou abraçando né aproveitou o momento né oportuno para a realização do curso.

Erineu: Pegando esse gancho Claudinar você é acredita olhando hoje pro curso que você fez pra sua volta lá pro campo sua prática nesse trabalho. Você acredita que a Universidade dê conta de atender as demandas, as necessidades dos assentamentos em termos de educação?

R. Eu acho que teria assim maneiras de dizer faço mais não faço mas, eu não arriscaria a dizer que é a colaboração que nós tivemos nós fazemos um seria completo para exercer aquela função (de professor) porque vire e mexe aparece desafios e enfim isso é colocado que é importante mas acho que ainda é preciso melhorar ainda mais e aperfeiçoando um pouco mais, não sei como colocaria isso. Algumas disciplinas específicas ou algum método não sei é porque os desafios são muitos né, quando você bate lá no assentamento perante os problemas que apresenta cada escola, é claro que também não vamos encontrar isso pronto também num curso de pedagogia qualquer que seja mas, é acho que ainda é preciso aperfeiçoar alguma coisa, não sei se teria clareza aqui pra classificar em que, como. Eu tenho ainda alguma dificuldade em determinados é momentos mas sei também que nós teríamos isso vai vir pronto num curso acadêmico.

R. É... por exemplo está queixando da educação do campo mesmo eu acho que se discuti muito né é uma demanda muito grande que nós temos que aperfeiçoar de ter um conhecimento nessas áreas e aqui agora nada foi oferecido pra gente continuar. Começa agora uma turma de especialização né escolas aí, por exemplo, na universidade nós estávamos em cinco então um número bem pequeno então um grande desafio pra gente é a questão da educação do campo e é uma necessidade também de um investimento maior na formação pra gente compreender isso que tipo de educação nós queremos para o campo ou como voltar a organizar uma proposta pedagógica, uma proposta política pra educação do campo é então o acento todo essa questão.

Vai surgindo um e vai surgindo outras necessidades, o Movimento vai tentar alfabetizar preocupava com a escolaridade, depois havia a necessidade de ter magistério né, agora a questão da pedagogia né uma demanda muito grande nas áreas específicas nós fizemos pedagogia para atuar nas séries iniciais mas nós atuamos nas séries do Ensino Fundamental de 5 a 8 séries e a questão da especialização nas áreas nenhum de nós temos essa habilitação, então é encarar um buraco muito grande pra melhorar a questão da formação nas escolas.

Eliesér: Você falou de uma educação que atenda as demandas do campo. Vocês perceberam que o curso pedagogia da terra primeira turma da qual vocês participaram atendeu a essas demandas ou ainda faltaria alguns outros elementos que a proposta curricular não teria dado conta?

R. PC Acho que você tá colocando a questão quando faz a pergunta eu faço o estagio de 5 a 8 série aí eu estava querendo colocar o seguinte que esse conceito as vezes né dos próprios professores que vieram pra trabalhar com a gente claro a gente percebia que alguns tinham uma afinidade tal e conheciam tinham o conhecimento da história então isso conta muito tinha uns que não tinha muito conhecimento então é talvez não fazia muito essa ponte da prática com a teoria né o técnico e a prática lá no dia a dia nosso, mas eu vejo assim que de nível de 1 a 4 série tecnicamente então não podemos negar foi muito bom contribui muito com a formação da criança o entendimento da formação dela. Agora quando se coloca as especificidades do campo é dentro da proposta cultural, histórico entendeu essa é a grande diferença que as vezes o campo é tratado como um coitado as vezes essa cultura urbanizada ela entra, ela entra no campo através de pessoas que talvez não tem muito conhecimento ou que não vivem nesse ambiente talvez essa foi uma das questões que nós enfrentamos no curso e que alguns educadores né não tem conhecimento.

Erineu: Bom essa questão eu considero como uma questão importante nesta entrevista. Avaliando a necessidade de continuar oferecendo o curso eu queria então que vocês apontassem assim o que faltou o que poderia ser diferente e que poderia ser corrigido daqui pra frente. Por exemplo esta questão do professor o PC está dizendo que os professores da universidade tiveram uma contribuição, mas alguns tiveram mais é isso PC?

R. É um processo muito burocrático. É na escolha dos professores. De acordo com nosso projeto (do MST) de como o Movimento poderia estar interferindo em parte nos professores e a outra parte a própria universidade mandava então algumas pessoas que às vezes, como o que o PC coloca, não tinha esse conhecimento só foi conhecer a partir da vivência aqui e daí foi um pouco a necessidade tem de você conhecer essa proposta qual seria nossa proposta e aí você estaria desenvolvendo talvez contribuindo

mais para a formação. Então muitos chegaram aqui totalmente diferente continua ainda né porque agora semana passada foi questionada um pouco o nível da nossa turma. Quer dizer que vem sem conhecer nada em relação a proposta o trabalho de educação dos assentamentos, essa questão do campo né que é diferente é a realidade é outra de você viver no meio urbano de quem tá dentro da universidade então é um pouco complicado. Nós mesmos é a maioria dos professores é técnico-pedagógico né frisa mais a questão do projeto né então não tinha muita afinidade com a prática da gente. O que qual a necessidade né eu vejo que a pedagogia hoje já estamos na segunda turma praticamente está cumprindo uma grande parte da necessidade do Movimento. Agora é necessário uma formação específica nas áreas né porque também vai aumentando a demanda nos assentamentos antes era só as séries iniciais agora já tem a demanda do Ensino Médio e não tem pessoas com habilitação para lecionar mas é uma necessidade que o campo já tem, então é preciso encontrar um meio para atender essas demandas.

Eliesér: Como os professores que ministram suas disciplinas podem estar contribuindo para o resgate da história e da educação do campo?

R. Para o trabalho com a turma faz uma diferença muito grande quando o professor (a) já tem um certo conhecimento do trabalho que o movimento (via campesina) realiza por meio das Escolas do campo e então busca relacionar os conteúdos científicos de sua disciplina com essa realidade interligando os aspectos teóricos com os aspectos práticos. A formação deve estar vinculada com a realidade das escolas do campo. A educação do campo deve unir as dimensões da teoria com a prática.

Erineu: O conhecimento acumulado pelo professor (aluno do curso) em sua prática nas escolas de assentamento vem sendo considerado pelo curso pedagogia da terra?

R. Valdivio: Em parte sim. Quando a gente trabalha essa prática que temos na escola é uma formação contínua que a gente vai adquirindo a cada dia e quando temos as disciplinas aqui no curso muito do que vemos nas disciplinas nós vivenciamos na prática só que nos falta o conhecimento teórico-científico. Então há uma contribuição muito grande do curso para nossa prática. Lá a gente só pratica e não registra ou registra pouco. Quando lemos os textos que os professores utilizam nas aulas nós vemos que em grande parcela isso já acontece em nossas escolas. Temos o conhecimento prático e não temos o conhecimento teórico para estarmos aprofundando a nossa prática. R. O curso nos possibilita a troca de experiências, de dificuldades e de reflexão sobre nossa prática o que resulta num aprendizado coletivo.

Erineu: Como é a postura dos professores (as) diante da realidade da turma? Ele é flexível, aberto ao diálogo com a turma a fim de adequar seu planejamento às necessidades e à realidade da turma ou vocês têm que forçarem a barra?

R. Que eu me lembre nenhum professor deixou de estar aberto ao diálogo e flexível na sua proposta de trabalho a fim de direcioná-la para nossa realidade.

Erineu: Como vocês fizeram para conseguir os orientadores para orientar os trabalhos de pesquisa de conclusão do curso pedagogia da terra?

R. Foi uma necessidade da organização como um todo para entender o que está acontecendo na realidade como um todo. Foi uma loucura. Ninguém sabia como fazer, deixou muita gente meio desorientada. A questão dos orientadores foi uma grande questão para nós, porque a princípio a universidade não se propôs a discutir orientadores e deixou a nosso encargo. Eu fiz minha monografia e meu orientador só viu meu trabalho duas vezes e então me sentir muito prejudicado. Mas o resultado da pesquisa acredito que foi muito importante não só para a nossa formação mas também para o Movimento, na tentativa de entender a nossa prática algumas questões relevantes.

R. Nós tivemos uma semana da disciplina de metodologia e no final o professor (a) pediu para elaborarmos o projeto de monografia e nunca tínhamos ouvido falar em projeto de monografia, nem falar. Você estuda aqui no curso e depois vai para o assentamento e não tem livros, ficamos isolados. Muitos alunos tiveram dificuldade com o orientador em termos de não conhecer o tema do projeto, em termos de disponibilidade do orientador, mas foi um trabalho que no final valeu muito e passamos a ter uma outra visão do próprio curso. Talvez não exista um investimento de estar dando continuidade a este trabalho. Por exemplo eu teria vontade de refazer a monografia porque levanta questões sobre nossa prática.

Eliesér: Como se deu a relação teoria-prática na elaboração das monografias?

R. Havia uma necessidade do setor da educação do MST. A educação infantil, por exemplo foi um tema que algumas pessoas escolheram por ser uma demanda dos assentamentos. A organização em si deu algumas linhas em termos de trabalharmos temas do nosso dia a dia de nossa realidade. Entender o processo de elaboração técnica da monografia foi uma das dificuldades que tivemos. Até mesmo a questão dos materiais.

R. Valdívio: Os temas se fundamentaram em nossas experiências vividas na realidade dos assentamentos. A partir das disciplinas que tivemos no curso nos ajudou a buscar os conhecimentos teóricos para iluminar a nossa realidade para trabalhar um tema que tínhamos em vista. Ao concluir o curso nossa visão de alguns aspectos da realidade foi modificada e ampliada. No meu caso eu fiz uma relação sobre a formação do professor a partir de duas escolas de assentamentos (Escola de Família Agrícola e Escola de Assentamento) eu achava que os alunos que participavam mais das escolas era devido a formação que os professores tinham e não foi isso ao concluir o tema. Essa visão foi gratificante. O que nos dificultou muito a desenvolver a pesquisa foi a questão dos materiais didáticos (não tínhamos acesso), a questão dos professores orientadores (não tinham conhecimento dos temas de pesquisa).

Erineu: Diante das dificuldades encontradas no desenvolvimento da pesquisa como isto está sendo sanado agora na segunda turma? Uma vez estando claro que ao final do curso o aluno tem que escrever uma monografia, como cada disciplina, cada professor, cada atividade encaminhava isso?

R. Valdívio: Até hoje os professores que passaram por aqui nenhum deles enfocou o processo monográfico, com exceção da disciplina de metodologia. Quem nos dar mais atenção a respeito do processo de construção da monografia é uma pessoa do MST da Bahia e sempre está vindo aqui para fazer acompanhamento com a turma. E também as cartilhas Anca e a pesquisa do MST que tem todos os passos para elaboração do projeto. A Laurita vai estar encaminhando os nomes dos orientadores da segunda turma.

Erineu: Qual é o jeito de ser professor do assentamento? E como esse jeito de ser do professor do assentamento pode melhor o jeito de ser de outro professor que não é do assentamento? O curso pedagogia da terra propicia a formação, o resgate dos valores e dos costumes da identidade dos professores dos assentamentos? Qual é a identidade dos professores do MST?

R. Valdívio: Nós trabalhamos mais pela causa do que pelo dinheiro. Nós visitamos as famílias dos alunos fazendo um acompanhamento mais de perto dos alunos. O trabalho na propriedade da escola que desenvolvemos com alunos nos tornando companheiro deles. Nós não vemos o aluno como um ser inferior, burro e sim como alguém que está em um processo de formação. A partir do momento que conhecemos toda a comunidade o trabalho fica mais fácil. O que é diferente dos professores das escolas tradicionais que vão pra escola e terminando a aula volta para sua casa, ou seja, não tem contado direto com a realidade dos alunos. Nós temos compromisso com a instituição e com a comunidade escolar no sentido mais amplo e coletivo. As nossas escolas têm uma equipe e ao ir pra escola temos que conhecer a realidade dessas escolas. A escola é uma fonte de referência para a comunidade. R. O professor do assentamento não está fechado nas quatro paredes da escola, ele participa dos setores de produção, da organização do próprio Movimento. O professor do MST é um educador da comunidade, um educador popular.

Querda: Qual a avaliação que vocês fazem a respeito do projeto, do desenvolvimento e das perspectivas futuras do curso pedagogia da terra?

R. Há um grande avanço em relação a primeira turma. Por exemplo, na primeira turma não havia a participação de outros movimentos camponeses e nesta já há, como é o caso do MPA e das EFA o que possibilita a troca de experiências e conhecimentos em torno da luta pela educação e pela terra. Outra conquista foi a visão que os alunos da própria universidade passou a ter em relação a nós assentados do MST. Na primeira turma nós éramos tidos como baderneiros e que estávamos destruindo a universidade e hoje não, eles já nos respeitam e tem outra visão. O trabalho de coordenação hoje contribui para o bom andamento das aulas encaminhando as atividades da semana da segunda turma o que não existiu na primeira turma. A coordenação também é responsável por auxiliar na relação professor-turma no sentido de relacionar o conteúdo e metodologia à realidade dos alunos da turma.

Eliesér: Ser educador do MST está ligado a própria dinâmica e vida dos assentamentos. Então poderíamos dizer que a escola faz parte da vida do assentamento e que o MST é um princípio educativo. Nesse sentido qual é a relação do curso pedagogia da terra com o MST?

R. Nós somos do MST e temos nossas tarefas, nos setores, nas escolas, em um processo de formação. O movimento é uma escola. R. No movimento existe um setor de educação que é representado pelos

professores. No movimento existem outros cursos e espaços de formação, não somente o curso pedagogia da terra (magistério, agronomia, história). O curso pedagogia da terra veio atender as necessidades dos assentamentos na formação científica dos professores das escolas dos assentamentos. Essa turma de pedagogia da terra esta enfrentando muita dificuldade em termos de alojamento, espaço fisico das salas de aula (estão fechadas), não temos acesso a biblioteca, a sala de computação. Falta espaço para um bom desenvolvimento dos trabalhos.

Erineu: Como surgiu essa necessidade do Movimento para expandir o processo de formação de seus membros?

R. A partir dos primeiros acampamentos e assentamentos surgiu a necessidade da educação. A partir daí surgiu a necessidade de criação das primeiras escolas (de 1-4 e de 5-8) nos assentamentos. É a partir daí que surge a necessidade de formação de educadores para atuar nessas escolas com uma formação específica para a realidade dos assentamentos e acampamentos. Nas escolas procura-se desenvolver uma educação familiar, agente enfoca muito o que os agro-químicos causam na vida humana. R. No início a gente pensava que bastava a terra que resolveria os nossos problemas e depois percebemos que não só a terra mas era necessário lutar também por educação. Que tipo de educação? Uma educação diferente, ligada à realidade do campo. Como trabalhar uma educação diferente? O Movimento está com 20 anos (1986). É necessário investir na educação. Quem é o educador do assentamento. A própria comunidade me aceita como educador. À medida que o Movimento cresce, cresce também as necessidades de formação de educação. Quem já passou pelo curso de pedagogia já conhece a proposta de trabalho dos assentamentos.

Eliesér: A demanda pela reforma agrária implica uma demanda pela educação. Quando vocês se organizam nos assentamentos se dão conta de que não basta a luta pela terra mas, também a luta por outros direitos sociais e entre eles a educação. Vocês frisam muito sobre a necessidade de uma educação diferente, que esteja ligada à realidade do homem do campo. Pra vocês o curso pedagogia da terra possibilitou uma formação que preparasse para essa realidade?

R. A nossa maior dificuldade hoje em estar garantindo o trabalho dessas pessoas do curso nas escolas é que em sua maioria são Dts e pela burocracia da SEDU esses professores não tem habilitação para trabalhar de quinta a oitava série. Então o curso pedagogia da terra não habilita para trabalhar nas séries de 5 a 8. Muitos dos professores que terminaram o curso aqui não conseguiram atuar nas escolas. Então essa é uma das maiores dificuldades enfrentadas por nós. Pra conseguir fazer uma inscrição ai no período tivemos quase que chorar! Agora que surgiu uma *portaria* e que abriu um pouco esse leque para estarmos garantindo as inscrições das escolas dos assentamentos. R. Não há uma política voltada para a educação do campo. R. A partir dessa portaria que saiu esse ano é que está assegurando esse direito de trabalho. R. Pra você atuar nas escolas de assentamentos rurais você tem que ter esse curso pedagogia da terra ou ter algum outro curso oferecido pela organização.

R. ou está vinculado ou está atuando lá no assentamento. Saiu agora esse ano no diário oficial no mês de janeiro.

Querda: Por onde deve caminhar esse projeto do curso pedagogia da terra? (ampliado)

R. Nem só a pedagogia da terra. Mas tentar fortalecer esse pólo universitário que para o governo não tem nenhum interesse, mas que para a comunidade tem uma importância fundamental e que estamos vendo que está acabando, em decadência. Se isso aqui fosse aberto ao público, tivesse outros cursos, condições não precisaria agente estar aí sendo humilhado. Valorizar esse pólo para que ele seja o que deve ser. Se isso acabar não temos nem condições de dar continuidade ao curso pedagogia da terra. Devemos ampliar a demanda do curso pedagogia da terra em termos de oferta de vagas. Hoje nós somos 180 educadores de assentamentos do Estado. Na primeira turma foram 35 agora são 40. Muitos estão fora do curso. Erineu: Tem gente de vocês fazendo o NEAD? Não. Somente os efetivos e nos assentamentos dos 180 professores apenas 3 são efetivos. O Estado não abriu para os Dts. Temos uma parceria com uma faculdade de Colatina, um rapaz do Movimento está fazendo direito.

Eliesér: Quais são os traços ou características fundamentais do professor do MST?

R. Pra mim é a questão do compromisso com a transformação social. Se eu vou para o assentamento e vejo as necessidades pelas quais as famílias passam, já sofreram, vivem; e eu me acomodo diante disso, que estou querendo, que mudança quero com isso? Acho que a gente tem que ter um sentimento por aquilo. Porque você também tá ali excluído, então essas pessoas que estão lá. Então o professor tem que ter essa visão, esse espírito de sacrificio de ceder parte daquilo que você tem e conseguiu para ajudar o próximo. Não é você ir lá pelo salário. Quantas vezes temos que tirar dinheiro do nosso bolso para pagar

material, passagem, ônibus. Ultimamente tem uns 3 anos que o governo Federal está mandando aquela verba para as escolas. Mas a verba que chega nas escolas é a mesma das escolas urbanas e quando chega já está defasada.

Aí o professor tem que contribuir com tudo isso. Vai a merenda para a escola, mas não vai o gás o que você vai fazer? Jogar a merenda fora? Aí você tem que contribuir. Se você não for um professor que queira ajudar a construir algo diferente não dá você não faz nada de diferente, você vai pra lá e cruza os braços.

Erineu: o que vocês gostariam que nós enfatizássemos na elaboração do relatório?

R. A dificuldade de espaço aqui no pólo universitário. Esses dias havia a dificuldade de que os alunos da pedagogia não podiam usar a quadra. Parece que a universidade não vê os alunos do curso pedagogia da terra como alunos da universidade. Aqueles lá são bicho do mato mesmo não precisa de nada pra eles. Os alojamentos são de maderite e não podem ser construídos com lajota. R. O curso pedagogia da terra é uma forma da classe trabalhadora ir se apropriando do conhecimento da universidade. O curso pedagogia da terra é prona é uma forma muito lenta, mas que aos poucos a gente vai se apropriando de alguma coisa que era tão distante. Imagine eu lá no interior imaginar um dia fazer um curso superior. Esse convênio me proporcionou fazer esse curso. R. A própria exigência do poder público sobre os professores e sua qualificação. O prona deve se tornar uma política pública e não apenas uma política compensatória.

Entrevista com Cristina do MPA = Movimento dos Pequenos Agricultores Rurais.

Cristina: Na verdade eu sou do MPA. O grande eixo de luta nossa é na transformação da agricultura. Há um tempo atrás todo mundo tinha de tudo na roça, não se passava fome, não se precisava de polícia. Hoje a situação da roça está muito parecida com a da cidade. A gente tem como lema o seguinte: a gente é o que a gente faz. Então se a gente mudou o meio de produção automaticamente vai muda toda a estrutura do campo. Após toda esta transformação política que foi imposta pra gente foi modificando o meio de produção. Quem plantava de tudo passou a plantar somente uma monocultura porque com aquela monocultura ele teria dinheiro e com o dinheiro ele compraria mais coisas. Na verdade passou a produzir somente uma coisa (café, cana de açúcar e outros) e deixou de ter a sua galinha, seu porco, sua horta e vou plantar café. Depois com café a gente vende e compra o que precisamos. E aí você modificou completamente o seu modo de produção, engrandecendo as multinacionais e desfalecendo a nossa cultura, as nossas raízes. Se cria a falsa ilusão de se ter muito dinheiro, mas não é nosso.

A gente costuma dizer que trabalhamos como meciro dentro de nossa própria terra. Antigamente tudo que plantávamos era nosso, hoje em dia tudo que a gente planta, colhe, o que não vai pra indústria de agro-química para comprar adubação e veneno, vai para as farmácias que antigamente não precisava comprar, porque hoje ta todo mundo doente ou para os supermercados pra comprar a comida que antigamente produzíamos. Esse processo de conscientização entre os agricultores é muito difícil porque já foi bombardeado por uma ideologia capitalista. E nós enquanto movimento dos pequenos agricultores tentamos recuperar as nossas origens, os nossos valores do homem do campo enquanto camponês realmente, porque hoje se perdeu o amor pela terra, de tratá-la com carinho. Virou uma relação mercantilista apenas e a terra está morrendo. Colocaram para a gente assim: você é um pequeno agricultor, mas você é um empresário, sua terra é uma empresa. Na nossa concepção nós nem somos agricultores, nós deveríamos ser camponeses, antigamente nós éramos camponeses. Colocaram pra gente que nós éramos pequenos agricultores e empresários pra infundir a concepção capitalista em nossa cabeça. O eixo de luta do MST por exemplo é a reforma agrária. É fazer com que o camponês que foi expulso da terra volte, e é um processo difícil e doloroso, porque todas as suas raízes já foram perdidas. O eixo da nossa luta enquanto MPA é a produção. Se a gente é o que a gente faz, se a gente é o que a gente produz, nossa produção na roça está vinculada a tudo o que nós somos. Se a gente na roça consegue produzir independente das ordens do mercado, das ordens das multinacionais, a gente vai conseguir combater o sistema capitalista pela raiz.

Marinete: Você acha que o curso pedagogia da terra está contribuindo, veio ajudar neste sentido ou é apenas mais um curso?

R. Olha pra gente não é um privilégio está aqui, é um direito da classe trabalhadora estar aqui. Eu me sinto no direito de estar aqui fazendo o curso. É inclusive quando a professora pediu para descrever a

história estudantil da gente, como foi passar no vestibular, a minha questão pessoal, eu fiquei muito indignada por saber que a grande maioria dos trabalhadores não tem acesso a um curso de nível superior.

A grande questão não é ter um diploma, mas a gente se apoderar do conhecimento científico porque a gente tem muita prática, muita luta, mas a gente tem que ter esse conhecimento científico, senão a gente não vai ser capaz de combater de igual para igual essa elite de parasitas que estão aí dominando e se apodera de tudo e pra eles é interessante que o trabalhador não tenha um conhecimento científico. Por isso é fundamental o curso pedagogia da terra e que tem ajudado neste sentido e principalmente porque se trabalha a questão da coletividade. O próprio trabalhador na roça ele tem o problema de ser muito individualista porque ele foi motivado durante esses anos. O próprio curso motiva a gente a trabalhar de forma coletiva é tanto que lá na roça já estamos trabalhando de forma diferente. Eu fico até emocionada em falar que lá na nossa comunidade a gente tem vários grupos de agricultores e no nosso grupo já estamos trabalhando de forma coletiva em mutirão, coisa que antigamente se fazia muito e hoje devido ao individualismo não existe. Trabalhando no coletivo a gente sente que o trabalho rende muito mais é mais gostoso. A gente sente que trabalhando no coletivo discutimos política, educação, organização. Essa questão é fundamental.

Eliesér: Cristina você falou da importância que tem o curso pedagogia da terra para essa organização de acesso ao conhecimento científico. Que espaços-tempos-saberes são produzidos neste curso que podem potencializar esse enraizamento e essa valorização do homem do campo?

R. Inclusive quando a gente estava respondendo aquele questionário do Pronera eu estava em dúvida de um monte de coisas, porque um x não responde a questão por si só. Aí eu estava conversando com Erineu que deveríamos ter um espaço para justificar, porque aqui na verdade, o curso em si, a proposta pedagógica do movimento é uma proposta muito boa a nível nacional, que a gente vivencia de uma pedagogia socialista diferenciada. Mas que as vezes entra em choque com o tradicionalismo da própria universidade então as vezes sente um pouco de dificuldade quando ocorre esse embate. Porque a gente não tem o controle de quem vem pra cá e a gente não pode estar indicando e às vezes muitas pessoas que vem não tem afinidade com a nossa realidade. Enquanto pedagogia da terra, enquanto movimento social organizado, enquanto as nossas propostas educativas, porque no total na sala de aula que a gente trabalha tem toda uma relação com a nossa vivência no campo. Eu até comentava que nas primeiras etapas muitas vezes parece, é não sei se vocês já leram Leonardo Boff aquela história da águia e a galinha, se a gente conseguisse esse espaço é muito importante, a classe trabalhadora estar aqui é muito importante, a gente sente que deu um voo enquanto águia e isso pra gente é fundamental conseguir esse espaço. Mas depois de conseguir esse espaço nos sentimos confinados e temos que voltar a ser galinha pra acompanhar o processo que está enraizado de educação tradicional isso pra gente é difícil. Esse sistema de educação que temos que está aí implantado que acredito que não seja só em relação a UFES está todo moldado pra uma direção que não seja na perspectiva da classe trabalhadora. O sistema educacional como um todo nos impede de alçar um voo maior.

Eliesér: Você considera que o curso pedagogia da terra através dos conhecimentos científicos ministrados pelas diferentes disciplinas que compõe a grade curricular contribui para o processo de autonomia, independência e valorização dos valores, da cultura e da dignidade do homem do campo?

R. Com certeza, porque partimos do princípio de que não há uma prática revolucionária sem uma teoria revolucionária. A gente se apoderando deste conhecimento científico a gente se apodera da nossa própria história. Eu conheço a minha realidade, eu sei porque a gente está nesta situação, qual o porque? E é por isso que o conhecimento científico pra gente é muito importante. Com certeza o curso, mesmo que muitas vezes venham professores que não tenham essa metodologia voltada para a realidade do homem do campo, a gente cria um sistema dentro da própria turma de fazer a crítica e autocrítica de analisar a situação histórica do trabalhador. Esse conhecimento pra nós é de fundamental importância e discutimos em todos os momentos do curso.

Marinete: Você coloca a questão dos teóricos. Você vê algum teórico como importante pro Movimento? Qual teórico você leva pra sua prática e tem um peso grande?

R. Na verdade a gente tem todo um processo histórico. A gente cita o velho Marx na sua teoria da relação do trabalho no capitalismo. Ele foi o grande escritor do Capital. Eu estava lendo Engels quando ele colocava a origem da família, da propriedade privada e do Estado quais eram as origens. Então são vários teóricos que a gente tem. Hoje por exemplo estamos estudando Pistrak (o fundamento da escola do trabalho) que fala sobre a pedagogia socialista e como a gente desenvolve essa pedagogia no nosso meio.

Eliesér: O movimento dos sem terra tem uma pedagogia que se fundamenta em outras pedagogias e vocês enquanto Movimento do Pequenos Agricultores Rurais?

R. A gente enquanto MPA estamos muito recente (1997) então a gente não tem uma proposta político-pedagógica formulada. Uma grande parte dos agricultores do MPA são das Escolas Famílias e temos como princípio a educação colocada por Paulo Freire. A gente tem hoje enquanto Movimento estamos formando trinta turmas de educação de jovens e adultos (EJA) aqui no Estado mais no norte. E o nosso princípio enquanto educação é trabalhar a realidade do camponês, a nossa produção ali no campo.

Eliesér: A primeira turma da pedagogia da terra só havia alunos do MST e porque nesta segunda turma há pessoas de outros movimentos sociais, por exemplo o MPA?

R. O curso continua sendo do MST e a gente enquanto outros movimentos tem uma participação enquanto discussão sobre a via camponesa. A via camponesa é a junção de todos os movimentos camponeses da América Latina. Então estamos buscando aproximar o mais possível os movimentos camponeses. A gente acha que a luta do campo tem que estar voltada para um ideal (a luta por justiça social).

Eliesér: Quais são na sua opinião as características básicas de uma educação do/no campo?

R. A gente está discutindo muito sobre isso. Pra gente uma educação do campo tem que estar no campo e voltada para a realidade das pessoas que vivem no campo. Não é uma coisa externa. Na minha comunidade, por exemplo, temos uma escola que está no campo mas não é do campo e que traz grandes problemas para nós do campo porque estudamos uma realidade alheia à que vivenciamos. A proposta de uma educação do campo é estudar o que se vivencia no campo, o que a gente faz e discutir a ciência dentro da nossa realidade do campo e não como algo externo, alheio, com pessoas externas e que levem pra comunidade o que não é da comunidade.

Eliesér: Então pra que essa educação do campo aconteça é necessário que exista professores formados nesta perspectiva. Você percebe se o curso pedagogia da terra contribui para a formação desse professor que tenha essa identificação com a cultura, com os valores, com o jeito ser do homem do campo?

R. Com certeza. Pra nós a concepção de educação extrapola a questão da sala de aula. Eu sou agricultora e não lido diretamente com a sala de aula, mas sou educadora. Por isso eu digo que a questão não é o diploma, mas uma formação política, cultural, que nos capacite a trabalhar com a nossa realidade.

Eliesér: Neste sentido podemos afirmar que toda a vida do campo é educativa e que todos que ali vivem estão envolvidos em um processo educativo, eles (as) tanto aprendem quanto ensinam. R. Com certeza. Isso pra gente é fundamental. Quando falamos da pedagogia da alternância estamos querendo resgatar a valorização do camponês como sujeito da história e da educação do campo. É valorizar a cultura, as raízes e é claro que o conhecimento científico que temos não é inútil. Se temos uma base científica saberemos incrementar muito mais esse conhecimento.

Eliesér: Então a partir daí a gente poderia dizer que existem alguns traços que identificam esses sujeitos do campo. Quais seriam os traços ou características desse homem novo que o campo estaria forjando e em que medida esse curso pedagogia da terra contribui para formar esse sujeito novo?

R. A gente tem uma discussão hoje muito profunda sobre qual é a cara do homem do campo. E ao longo de todo o processo capitalista neoliberal que foi imposto pra gente, o homem do campo se descaracterizou muito, nós perdemos a nossa cultura, as nossas tradições e assimilamos uma cultura externa à nossa que foi imposta a nós. O homem do campo hoje quase não se diferencia do homem urbano. O importante pra gente não é dar uma nova cara para o homem do campo e sim resgatar no homem do campo o que foi perdido realmente. Não quer dizer que o homem do campo tem que ser sujo, tenha que andar maltrapilho.

Pra nós o homem do campo não é isso e nunca foi. As pessoas da cidade costumam caracterizar o homem do campo como caipira, da roça e hoje as pessoas do campo tem vergonha de ser isso.

Então a gente não quer criar uma cara nova para o homem do campo, nós queremos resgatar as culturas nossas que foram perdidas, fazer um resgate da nossa cara enquanto camponês, que não é cara feia, suja, a unha cheia de terra que foi colocado pra gente. Antigamente quase todo mundo era do campo e ninguém tinha vergonha de ser do campo, então a gente tem de resgatar esse orgulho de ser da roça. **Eu tenho orgulho de ser caipira eu gosto de ser chamada desta forma. Eu tenho orgulho de estar na roça capinando! Plantar uma semente pra mim é a maior dádiva que existe de poder plantar meu milho e ver meu milho crescer sem precisar usar veneno, um milagre da vida!** (neste momento a entrevistada se emociona profundamente). A verdadeira cara do camponês, do caipira, do da roça é essa. Isso não quer dizer que o homem do campo tem que ficar alheio às tecnologias que hoje existem. Todo homem do campo tem que trabalhar na roça de forma alternativa tem que ter acesso ao computador, tem que ter acesso a Internet, tem que ter telefone, porque não tem como ficarmos alheio a todas as conquistas da humanidade e que por isso mesmo pertence também ao homem do campo.

O homem do campo não pode se isolar, ele trabalha no campo, tem a sua dignidade de ser homem do campo, mas ele não é o pobre do campo e nem que ele tenha que ganhar dinheiro ficar rico à custa do trabalho de outros. A gente quer que o homem do campo tenha a sua terra, produza com dignidade e com certeza se ele conseguir implementar essa forma coletiva de produção que foi perdida então ele consegue recuperar a sua dignidade. Quem disse pra gente que temos que produzir monocultura, quem impôs isso pra gente? A nossa proposta para o homem do campo é que ele tenha sua produção no campo, resgatando seus valores, mas com tecnologias apropriadas ao homem do campo, porque a história gira, não podemos eu vou continuar da forma como a gente vivia porque a história já caminhou então seria um erro a gente dizer que a nossa proposta é voltar a ser da mesma forma que era antes. Consiste em resgatar os valores de nossa cultura, mas de se acompanhar o processo histórico. A partir do momento que temos a concepção de que na roça a gente pode estar produzindo de uma forma natural sem os agro-químicos das multinacionais sem envenenar a você e as pessoas que vão comprar o seu produto, você pode vender por um preço acessível e você não precisa envenenar o seu companheiro da cidade.

Eliesér: Na sua fala transparece que educar não é tarefa só do professor e sim de um coletivo, do Movimento. Você acredita que essa dimensão coletiva, da solidariedade, de conjunto estão presentes aqui no curso pedagogia da terra?

R. Trabalhar o coletivo numa sociedade capitalista é muito difícil. As pessoas quando chegam no movimento estão muito impregnadas dessa mentalidade individualista do capitalismo. E as vezes o processo de se passar por isso é muito doloroso. Se a gente falar assim eu sou um socialista, eu vivo como um socialista a gente vai estar mentindo; nós vivemos em uma sociedade capitalista e a gente ainda é muito individualista. Trabalhar a coletividade pra nós enquanto sociedade capitalista é um processo doloroso. Não é fácil estar numa turma de 50 e 60 pessoas estudando, trabalhando o tempo todo juntos, mas que pra nós é um processo de extrema importância que vai criar em nós condições de trabalhar melhor o coletivo depois que sairmos daqui. Todos os problemas, as dificuldades são necessários para passarmos pelo processo de transformação de crescimento.

E talvez muitas pessoas que estão aqui hoje não entendam esse processo e só vão entender daqui a 10 ou 15 anos, mas o importante é que elas vivenciaram esse processo e um dia vão entender.

Eliesér: Cristina você falou das dificuldades da convivência individual e coletiva e do ponto de vista da estrutura do curso, dos professores, das metodologias, das instalações do pólo universitário que dificuldades vocês tiveram?

R. A gente vê que a universidade, a Ceunes tinha uma grande estrutura que atendia bem a comunidade. Só que as faculdades particulares precisavam crescer então houve o sucateamento da universidade pública. A Ceunes hoje a gente percebe que está sucateada. E pra nós enquanto movimento social aqui dentro da Ceunes é muito mais difícil é porque nós não temos acesso ao espaço físico do próprio prédio da universidade. A estrutura que hoje está muito sucateada e nos é negada. Se o sistema educacional continuar desse jeito vai sucatear muito mais, hoje aqui só resta três cursos (pedagogia, matemática e educação física). As cadeiras nas quais sentamos na sala de aula (riso) fazem vergonha porque a roupa da gente fica grudado nas cadeiras. Nosso laboratório está sucateado, a biblioteca quase não temos acesso a ela, é vergonhosa, livros velhos e ultrapassados, pouquíssimos livros.

Entrevista com Orlando

Eliesér: Primeiro gostaria que você dissesse pra nós o seu ingresso na Escola Família Agrícola?

R. Na época eu participava de igreja e comecei a ouvir falar de Escolas Famílias Agrícolas. Eu fui escolhido para participar da formação para dar aulas nas escolas famílias agrícolas no meu Município.

Eliesér: Nós sabemos que o MST tem alguns princípios educativos e entre alguns desses princípios sobressaem os princípios da pedagogia da alternância das escolas famílias. Fale um pouco sobre isso.

R. Um dos princípios da pedagogia da alternância é não desligar o aluno do seu meio. Então todo o trabalho, a metodologia, os conteúdos que os professores utilizam estão voltados para a realidade dos alunos (dos assentamentos). O plano de estudo por exemplo faz a ligação entre a realidade das famílias, dos assentamentos e da escola. Daí surge a questão do tempo escola e do tempo comunidade. O tempo escola é o tempo em que o aluno estuda a parte teórica e o tempo comunidade o aluno está em contato com a prática dos assentamentos (uma semana na escola e uma semana na comunidade). Na escola família temos a teoria e a prática, os alunos tanto estudam os conteúdos curriculares quanto os problemas oriundos de sua própria realidade que é objeto de estudo na escola.

Eliesér: Então na realidade os conteúdos ministrados nas escolas se inspiram na própria realidade dos alunos? R. Os planos de estudos buscam aprofundar a realidade dos alunos e a partir daí se faz o planejamento. Matemática por exemplo vai ter que trabalhar a partir da realidade dos alunos (português, ciências). Então são estudados conteúdos que sejam do interesse e da realidade das famílias dos alunos.

Eliesér: Você Orlando percebe que o curso pedagogia da terra as diferentes disciplinas que compõe a grade curricular do curso é focado essa relação entre a realidade de vocês professores com o conhecimento teórico do curso?

R. Quando a gente está estudando as matérias sempre fazemos essa ligação com a nossa realidade e leva os professores a fazerem. O grupo ajuda os professores a sempre estarem colocando a realidade dos movimentos em seus conteúdos. Quando temos um professor que está muito fora da nossa realidade a gente ajuda a se adequar a nossa realidade. O grupo em si faz com que os professores voltem a sua matéria pra o interesse da realidade dos assentamentos e das escolas famílias. Tem muito tempo que eu parei de estudar e acho se não fosse um curso desse não sei se estaria fazendo um curso superior. Estou diante do grupo e acho que o grupo que está aí é muito bom. A gente está aqui com o objetivo de buscar mais conhecimento, mais teoria pra transformar a nossa realidade onde as escolas, os assentamentos trabalham. O objetivo nosso é basicamente isso: aprofundar mais nos conteúdos científicos. O curso é diferente porque a gente consegue colocar matérias dentro do curso que interessa politicamente a gente. Eu acho que isso é uma coisa muito importante que acontece nesse curso. Até mesmo os professores que vem trabalhar com a gente quando eles saem parece que saem com outra cabeça, outra visão da realidade, do mundo. Porque eles estão acostumados em trabalhar lá na cidade com os alunos e quando eles chegam aqui e vêem o entrosamento dos alunos, o trabalho, a organização dos grupos ajuda muito o crescimento deles.

Eliesér: Quais são os grandes teóricos que os professores utilizam ao ministrar suas aulas?

R. Principalmente as disciplinas de filosofia, psicologia, liga muito a Marx, Pistrak, Paulo Freire. Essa linha mais política, da parte social que discute os problemas da sociedade e da realidade.

Eliesér: Você teria algumas sugestões, críticas a fazer a estrutura do curso, ao espaço físico do pólo universitário que está dificultando o bom andamento das aulas?

R. Eu acho que nossa estrutura aqui precisaria dar uma melhorada. A estrutura foi criada para a primeira turma e agora estamos na segunda turma. Precisamos de uma estrutura melhor em termos de prédio. E outra coisa que vejo em relação ao pólo que temos somente uma sala para a realização de vários trabalhos, poderia ser melhor para atender as necessidades do grupo.

Eliesér: E terminando eu gostaria que você falasse pra nós quais são os traços ou características de um professor popular?

R. Eu acho que a diferença está aí na vontade, a gente tá fazendo um curso desses, nós praticamente não temos horário pra estudo tem vez que a gente rola de madrugada fazendo trabalho. Acho que a garra do

grupo e do professor é diferente. A gente não perde tempo. O interesse da gente é aproveitar o máximo. Acho que politicamente o grupo é um grupo que tem consciência do que quer. Por isso eu acho que os professores se surpreendem quando vêem trabalhar conosco. Outra coisa que vejo importante no grupo é a cooperação entre os colegas, nós não estamos aqui disputando quem é o melhor ou o pior pra ver quem vai tirar a melhor nota. O grupo cresce junto, todos se ajudam mutuamente, não tem aquela coisa de individualismo, aqui é o coletivo que predomina. Todo mundo cresce junto. É um curso que ajuda na construção do conhecimento.

Eliesér: Como mensagem final o que você diria para os órgãos que estão em parceria com esse curso?

R. Os órgãos que estão em parceria com esse curso tem que procurar investir mais nesse curso. Esse curso é um curso que vai dar resultados no sentido de ajudar as comunidades. Além da pedagogia poderia se investir em outros cursos principalmente na área da agronomia, zootecnia, veterinária. São cursos que vão ajudar os assentamentos. Então eu acho que tem que investir mais nessas áreas, não somente de professores, mas também nestas áreas agrícolas.

Entrevista com Adriana indo para o assentamento Palmeira

Eliesér: Então você falou aí que você mora na vila, mas não é o do assentamento. Como é isso?

R. O fato de você participara do movimento dos sem terra não quer dizer que você tem que ser um assentado cada vai de acordo com as suas condições. Então era mais viável pra gente fazer uma casinha na vila e morar ali. Mas o vínculo continua o mesmo.

Eliesér: Você percebe alguma diferença entre a prática do professor que mora no assentamento e a prática do professor que não mora no assentamento?

R. Eu vejo uma diferença assim se eu moro no assentamento eu tenho mais vínculo com a comunidade no caso, mas igual a gente que mora na vila pertinho, o lazer da gente por exemplo, eles gostam muito do futebol e é feito no assentamento e a gente participa.

Eliesér: Como é pra você ser professora do assentamento?

R. Olha por eu ter estudado magistério numa escola tradicional eu vejo que é bastante diferente. Eu estou lá há oito anos eu vou porque eu realmente gosto, é uma proposta de educação diferenciada que tem tudo pra dar certo. Se você pegar uma proposta política pedagógica da escola pra analisar você vai ver que é bem interessante, tem os temas geradores que você pode trabalhar questões da realidade do aluno.

Eliesér: Quais são os princípios filosóficos, pedagógicos e metodológicos dessa proposta?

R. A gente tem um princípio básico que é a relação teoria e prática que a gente prega isso na escola. A gente procura trabalhar mais voltado pra realidade dos alunos, questões problemas inclusive o tema família onde procuramos resgatar a história da família dos alunos e onde temos um plano onde procuramos adequar as disciplinas dentro desse plano.

Eliesér: Essa proposta dos temas geradores se fundamentam em Paulo Freire?

R. Exatamente. Na pedagogia de Paulo Freire. E vocês têm alguma coisa da pedagogia da alternância. Fala mais sobre isso. R. A gente trabalha em regime de alternância. Em que consiste esse regime? R. Os alunos por exemplo de 5 a 8 série uma semana vem para a escola e uma semana ficam na família onde fazem estudos e trabalhos (uma complementação da escola). A semana que ficam em casa eles fazem estudos, trabalhos, relatórios que depois retornam para a sala de aula. Essa semana de alternância é uma complementação da sala de aula.

Eliesér: Essa semana de alternância é pra fazer justamente o vínculo da comunidade com a realidade da escola?

R. Também isso. É uma proposta que não só os assentamentos trabalham, mas as escolas famílias agrícolas também. Porque pensamos que a escola não pode se desvincular da família, então é uma maneira de fazer essa relação entre escola e família.

]

Eliesér: Você acha que o curso pedagogia da terra atende as demandas e as necessidades das escolas dos assentamentos?

R. Atende. Porque a gente trabalha dentro desta proposta da pedagogia da alternância. O curso pedagogia da terra também é em regime de alternância. A gente fica um período aqui e o outro que ficamos lá na comunidade, na escola é um período de estarmos colocando em prática o que vimos no curso, fazendo essa relação entre teoria e prática.

Eliesér: O que é pedagogia da terra pra você?

R. Pedagogia da terra é diferente. Eu penso que o curso pedagogia da terra nos dar uma formação além do técnico mais consciente e muito elevada. Igual o magistério. O magistério que eu fiz foi diferente do que os meus colegas fizeram porque eu fiz o magistério tradicional e eles fizeram o magistério do MST. Então a formação é diferenciada. Esse curso te dá embasamento teórico e político pra você ter uma visão diferenciada da sociedade. Isso a gente precisa ter para passar para nossos educandos e motivá-los a transformar a realidade. A gente sabe o que a gente vê não é o que a gente quer. Então acho que isso é fundamental no curso pedagogia da terra.

Eliesér: Essa formação política à qual você se aludiu vocês tem dentro do assentamento?

R. O MST sempre tem cursos de formação mais voltada pra essa questão social. A gente aprende a analisar, por exemplo, o que a mídia mostra não é o que acontece, a gente sabe que tem muita coisa distorcida, então a gente vai aprendendo a analisar os dois lados da realidade. Então isso não acontece só no curso pedagogia da terra, o MST busca sempre estar formando pessoas críticas, conscientes.

Eliesér: Como foi feita a seleção dos alunos para participar do curso pedagogia da terra? Como você foi escolhida?

R. Tinha vários critérios para participar e um deles é que você tinha que estar atuando nas escolas dos assentamentos e aí foi levado em consideração vários aspectos: a participação da gente nas lutas do movimento e depois que eu terminasse o curso eu estaria contribuindo com o MST e tem toda uma série de critérios e foram bem analisados. Além de pedagogo nós temos que ser militante do MST.

Eliesér: Em termos de grade curricular do curso pedagogia da terra houve alguma participação por parte da turma na proposta do curso?

R. Como aluno individual não mas enquanto participante da organização do Movimento houve uma participação no sentido de indicar algumas disciplinas ligadas à nossa realidade, por exemplo, as disciplinas: alternativas da educação do campo e a questão agrária no Brasil.

Eliesér: Como são escolhidos os professores pra ministrar aulas no curso?

R. Os professores nós não temos muito como estar escolhendo. Se estipulam alguns critérios para a Laurita (coordenadora do curso junto a UFES) pra ela estar selecionando os professores que tenham uma visão mais crítica e comprometidos com o MST. Nas disciplinas específicas ligadas à realidade do campo são professores formados que atuam e trabalham no MST então esses a gente escolhe. Nas outras disciplinas se estipulam alguns critérios e aí a UFES escolhe.

Eliesér: E vocês percebem a diferença entre um professor que é mais engajado com o movimento daqueles que não tem nenhum ou pouco envolvimento com o MST?

R. Percebe. Nesses três períodos que tivemos assim alguns que não conhecem o MST a fundo ficam encantados, por exemplo nos momentos de mística acontecem coisas que deixam os professores admirados com a criatividade do grupo. Mas também vem aqueles que estão ali apenas para dar suas aulas não demonstram mas a gente percebe.

Nós tivemos uma professora que quando a gente gritou o grito de ordem (risos) ela saiu correndo pensando que a gente estava expulsando ela.

Eliesér: Em relação a estrutura do curso, ao pólo universitário você teria alguma sugestão a dar ou a relatar alguma dificuldade?

R. A primeira dificuldade foi conseguir aprovar o curso, ficou quase dois meses sem ter certeza de nada. Quanto a infra-estrutura é o que você viu. O acampamento onde agente fica é complicado, porque o maderite é uma estrutura da primeira turma e a infra-estrutura ainda é a mesma e a verba também. A verba continua a mesma da primeira turma e ficamos em condições precárias. Já tivemos etapa em que tivemos que contribuir, quase mínima por aluno cerca de 10 a 15 reais. Então é isso a questão da verba e da infra-estrutura é bastante precária. Os banheiros estão em condições de falta de higiene. A biblioteca, os laboratórios, os computadores não tivemos acesso em todas as etapas.

Eliesér: Pra você quais são as características básicas de uma educação do campo?

R. A gente vem trabalhando nessa proposta a algum tempo. Pra gente a educação do campo tem de ser diferenciada da educação urbana no sentido de estar voltada para a realidade e os sujeitos do campo, valorizando a cultura e o jeito de ser do camponês. Então uma educação do campo tem que envolver esses aspectos aí.

Eliesér: Como você se sente sendo professora do campo?

R. Eu nasci e fui criada no campo, então pra mim é estar ligada às minhas raízes. Eu não estou desvinculada de minha realidade, porque se eu me formasse e fosse trabalhar na cidade, eu estaria me desvinculando das minhas raízes. Então pra mim ser professora do campo é estar ajudando a implementar essa proposta e estar ligada a sua origem e não perder esse vínculo com a realidade.

Eliesér: Você acha que o curso pedagogia da terra nos seus espaços-tempos-saberes ele contribui para o resgate e a valorização do homem do campo?

R. Com certeza, pois todos os que estão ali tem um vínculo com o campo. Pedagogia da terra são as pessoas que lutam por uma educação do campo. Inclusive estamos sempre discutindo e levantando essas questões.

Eliesér: Que mensagem você deixaria para os professores, os órgãos que estão em parceria neste curso?

R. O curso pedagogia da terra é uma experiência única. Portanto ele deve ser muito valorizado pela UFES e poderia haver um empenho de aumentar o número de participantes no curso e mais turmas. Para os professores que vem alguns ainda precisam se encaixar mais na nossa proposta de educação. Eu acho que o curso precisaria ser mais um pouco valorizado. Para os alunos que fazem o curso que eles estejam ali comprometidos com uma sociedade diferente.

Entrevista realizada no assentamento de Palmeira com o coordenador Branco, a professora Rita e a moradora Sr. Alverinda.

Eliesér: Vai uma pergunta bem a vontade conta pra nós a história do assentamento Palmeira?

R. A gente na época uns eram meeiros outros eram trabalhadores e a gente resolveu lutar por objetivo que é a terra. As igrejas e os sindicatos na época conseguiu organizar esse povo e resolvemos fazer essa ocupação nessa fazenda Georgina que foi no dia 27 de outubro de 1985. E assim a gente conseguiu a terra, só que o objetivo nosso não é só a terra. O objetivo hoje do MST é lutar pela terra e lutar pela educação e pela preservação da natureza.

Na época nós pensávamos que bastava ter conquistado a terra, mas depois descobrimos que é necessário lutarmos por outros direitos que faz parte dessa conjuntura política pra conseguirmos nos firmar na terra. E aqui já estamos com 18 anos de assentamento e a gente conseguiu até hoje organizar o trabalho de forma coletivo e construir duas escolas. Dentro do assentamento temos três escolas. E a gente tá tocando a organização à frente. No início foi organizado pela igreja e sindicato, hoje nós temos o MST e várias lideranças que atuam na área de organizar outros assentamentos. Aqui nós temos os professores que ajudam nesta área.

Eliesér: Branco como se dá o trabalho no assentamento nos aspectos individual e coletivo?

R. Nas áreas coletivas a gente já trabalha. Nós conseguimos dividir as áreas de produção de forma que cada um trabalha em sua área, mas só as idéias é que são coletivas, só as idéias. E a produção cada um vende de acordo com o melhor preço que ele achar, mas nós estamos através da cooperativa juntar essa produção para vendermos por um melhor preço.

Eliesér: Como é feito o trabalho dentro do assentamento?

R. Hoje aqui o trabalho coletivo é somente o grupo de agroecologia. O que vocês mais produzem aqui no assentamento? R. O café e a pimenta do reino e está chegando a pimenta malagueta. E quando o tempo é bom de chuva a gente produz bastante milho, feijão. Vocês produzem hortaliças? É a maioria das famílias tem sua horta no fundo do quintal pra consumo.

Eliesér: Como se dá a relação da comunidade dos assentados com a escola?

R. A gente trabalha no sistema de educar a família. Porque muitas vezes eu coloco meu filho na escola e a escola nossa tem outra linha de pensamento e se eu estou voltado para a escola tradicional. O objetivo do MST hoje é educar as famílias pra que elas ajudem a escola a educar os filhos. Então a comunidade trabalha juntos com as escolas e as famílias participam um pouco da vida da escola.

Eliesér: E qual a importância que tem a escola pra vocês enquanto comunidade?

R. Uma grande importância. Quando a gente decidiu lutar pela terra, lutar pela transformação da sociedade que tem aí, então a educação pra nós é mais positiva e os nossos filhos já aprendem a manejar a agricultura familiar. E aqui no assentamento a educação dos nossos filhos é de educar e trabalhar em benefício da comunidade e manejar a agricultura familiar, para que eles permaneçam na terra e não saiam para a cidade que está inchada.

Eliesér: Dentro desta visão de educação voltada para que o homem do campo não saia do campo, mas permaneça no campo. Como a comunidade percebe o trabalho dos professores?

R. É logo no início quando a comunidade não tinha o conhecimento de uma educação voltada para o homem do campo foi muito difícil. A escola recebeu muita crítica, o MST recebeu muita crítica, porque trouxe uma coisa nova e é difícil mudar uma pessoa de um dia pra outro. Mas hoje depois de um trabalho de conscientização que o MST vem fazendo nas famílias, nos cursos, nas assembleias de pais e alunos, as famílias já entendem e aceitam a proposta.

Eliesér: R. É importante porque a comunidade pergunta se o professor é formado então dizemos é e aí se aceita melhor. Então temos a necessidade de abrir mais vagas no curso de pedagogia. (assentada Alverinda)

Eliesér: Professora Rita como foi seu ingresso no MST?

R. Há muito tempo atrás por via família, eu tinha um irmão que era militante e eu via aquilo e fui me afeiçoando ao movimento. Entrei no movimento aos 16 anos no setor de saúde do movimento, a fitoterapia, a saúde pelas plantas. O movimento me propôs a fazer o curso pedagogia da terra e foi aí que entrei no setor de educação do movimento. Com 2 anos que estava fazendo surgiu a vaga na escola 27 de outubro e eu comecei a lecionar e que estou até hoje como professora.

Eliesér: Você é da primeira turma, qual é a sua avaliação do curso pedagogia da terra?

R. Trabalhar nas escolas de assentamento. A formação acadêmica é muito acadêmica mesmo voltada pra uma realidade que a gente não vive. Então tem que fazer uma adaptação muito grande, fazendo a relação entre a prática e a teoria. O estudo acadêmico é muito importante, mas é pouco demais pra realidade que a gente vive. Como nós temos uma escola em que os pais participam, temos uma equipe de professores que sentam, avaliam, planejam coletivamente, então isso interliga prática e teoria, o que é muito importante pra gente. Porque a prática as vezes contradiz com a teoria e a teoria contradiz com a prática, então você tem que estar sempre reavaliando e os pais são importante nisso, porque eles conseguem ver onde você está acertando e errando, então essa ligação de pais, professores e equipe é muito bom, porque isso contribui no crescimento de cada professor e na aprendizagem dos alunos.

Eliesér: Quando você fez o curso pedagogia da terra quais foram os conhecimentos, as metodologias que foram utilizados a fim de relacionar teoria e prática. Quais foram os momentos marcantes do curso pedagogia da terra pra você e que foram fundamentais pra fazer essa relação entre teoria e prática?

R. A convivência do curso, depois as matérias. Por exemplo eu me lembro da matéria que falava como avaliar os alunos, o que é avaliar? Então nós estamos sempre refletindo isso lá na nossa equipe. A psicologia ajudou muito a entender nossos alunos. A história da educação possibilita a você voltar atrás. Por exemplo a gente vai discutir a avaliação na sala de aula, a avaliação do aluno, que nós discutimos que a avaliação é constante, então você tem que arranjar método de fazer isso na sala de aula e isso foi uma coisa que aprendemos na pedagogia da terra. A convivência foi muito interessante pra você estar colocando dinâmicas dentro da sala de aula. Integração aluno-merendeira, aluno-professor, aluno-equipe, então isso possibilitou muito o crescimento dentro da sala de aula.

Eliesér: Na sua opinião quais seriam as características fundamentais de uma educação do campo?

R. Uma coisa fundamental da educação do campo é a relação comunidade e professor. Uma outra questão é os temas geradores dentro da realidade dos alunos, trabalhar temas voltados para a realidade, não deixando de trabalhar a vida ai fora, mas estar mostrando as duas coisas. Como nós trabalhamos com prática na sala de aula o aluno tem possibilidade de estar colocando na prática lá. Então essa relação teoria e prática é muito interessante. A comunidade participar do planejamento, da sua opinião é muito interessante.

Eliesér: Quais são as características fundamentais de um educador do campo?

R. O educador voltado pra realidade, que se organize, um militante, que faça a relação prática e teoria. Eu diria assim que o professor no assentamento ele é tudo, desde professor no seu profissional até psicólogo que ouve o aluno. Então a tarefa do professor é ser clo do aluno com a comunidade e da comunidade na participação da vida da escola. Ser um professor na nossa concepção de professor requer sempre que você seja flexível, que sempre ouça e aprenda e analise sempre, pesquisador, use as coisas e a história do assentamento como base na sala de aula, que incentive os alunos a pesquisar e a buscar coisas novas. P. Você se considera uma educadora do Movimento? É sempre complicado, a gente procura sempre ser dentro da filosofia e da pedagogia da terra, tentando sempre inovar...(choro da criança) e fazer uma ligação de teoria e prática dentro da realidade dos alunos. E considerar um educador da reforma agrária é sempre estar inovando, buscando e eu na medida do possível estou fazendo.

Eliesér: Você participou da primeira turma do curso pedagogia da terra. Você teria algo a dizer sobre as dificuldades vividas e sugestões a dar para as próximas turmas?

R. Eu acho que na primeira turma tivemos uma experiência de convivência muito grande, ficamos acampados lá na Ceunes debaixo da lona, o que essa turma agora não teve. Então isso (choro de crianças) essa convivência que tivemos.

P. Em termos de estrutura do curso, do pólo universitário você teria alguma sugestão a dar?

R. Eu acho que o pólo universitário contribui pouco. Como ter acesso a biblioteca, a computador nós tivemos muita dificuldade e tivemos que batalhar muito. Então eles contribuíram pouco com a gente. P. E em relação aos professores, qual a sua avaliação? R. Teve alguns professores que passaram pela gente simplesmente passaram. Mas tiveram alguns que passaram e marcaram, porque, o seu planejamento estava mais ligado com a nossa realidade e contribuíram para a nossa formação. Teve alguns muito acadêmico, chegaram muito acadêmico. Mas outros vieram justamente ver a nossa realidade, que sabiam que a educação do campo não é a mesma educação tradicional. Teve professor que descobriu o Movimento a partir da nossa turma que não tinha nenhum conhecimento, descobriu o que é educação básica do campo a partir de nossa turma. E alguns fizeram o seu planejamento a partir de nossa turma, de nossa realidade.

Eliesér: Como vocês professores percebem a relação de vocês com a comunidade?

R. Em parte. Tem pais que se envolvem e participam mais; tem pais que não. Então nós tivemos que fazer o seguinte: nós professores vamos até a casa desses alunos. Vamos lá conversamos com os pais pra saber da aprendizagem dos seus filhos, o que eles estão achando. Será que os seus filhos tiveram um

desenvolvimento melhor e maior depois de nosso curso. Será que nossa prática mudou. A nossa equipe sente sempre pra avaliar. Então pra gente acho que sim teve crescimento e os pais estão mais interessados, estão vindo procurar. (choro de criança). Então pra nós foi um crescimento muito grande. Os alunos ficam um tempo na escola. Quando eles vão pra casa eles trazem o plano de estudo pra trabalhar. Esse plano de estudo é sempre um tema relacionado ao assentamento ou a comunidade em geral.

Eliesér: Você percebe diferença na prática de sala de aula entre uma professora formada pelo curso pedagogia da terra e uma professora que não é formada pelo curso pedagogia da terra?

R. Eu acho que não é só o curso. É o fato da professora estar engajada no Movimento. Uma professora que está dentro do Movimento ela por si só tem uma outra prática. Nós tínhamos uma professora que era filha de assentado, mas que foi criada em outra realidade que trabalhava com nossos alunos de pré então ela não tinha a mesma formação e o mesmo planejamento, a mesma facilidade de estar envolvendo os alunos nos temas. Ela tinha dificuldade em planejar porque não tinha esse referencial da proposta pedagógica. Não trabalhava dentro da proposta da escola. A base essencial nem é tanto o curso pedagogia da terra mas é o referencial de ser da terra, uma pessoa que se envolveu na luta do Movimento pela terra.

Eliesér: Então podemos afirmar que o curso pedagogia da terra é um dos momentos formativos do Movimento, mas que é o próprio Movimento quem educa. O MST seria um sujeito coletivo educativo?

R. Quando você vai discutir com os pais eles tem a formação política apesar de não ter a formação acadêmica consegue discutir, então o Movimento é um educador. Ele está sempre dando cursos, encontros, que possibilita a formação de seus membros. A pedagogia da terra ela contribuiu com a metodologia, no planejamento, mas a formação política é o Movimento quem dá. P. E você considera fundamental essa formação? R. Ela não é só fundamental, ela é essencial, porque, se você tem uma formação acadêmica e não estar voltado para o movimento social como um movimento de transformação e de mudança; você não vai conseguir fazer essa transformação na escola. Então o Movimento dos sem terra é formador sim. O MST tem um papel de mediador da educação.

Eliesér: Que mensagem você deixaria para o curso e os órgãos que estão em parceria no curso?

R. Eu vou me reportar à fala de um professor do curso. Ele fala que o professor tem de estar sendo profissional que busque sempre a pesquisa. Porque ao buscar a pesquisa você inova aprende coisas novas. Quando você se propõe a pesquisar você se propõe a mudar.

Os professores que fazem isso em sua prática tem um aproveitamento muito grande.

A pesquisa da realidade dos assentamentos. Usar sempre a realidade como fonte inspiradora pra desenvolver a prática. E em relação aos órgãos que estão em parceria diria que participem mais e se engajem nesta luta. E para os colegas que estão fazendo o curso diria que devem aproveitar o máximo, porque esses momentos passam e se você não aproveitar o máximo depois vai fazer falta. Busquem tirar o máximo de aproveitamento do curso e dos professores. É um momento único estarmos naquela sala de aula.

Entrevista com a Professora Marisa

Erineu- Como você chegou ao curso e como sai dele?

M- Eu ia começar a falar exatamente a partir desta situação, para você se situar em relação à caminhada e compreender a situação. Eu sempre olhei com imensa simpatia para o curso Pedagogia da Terra, pôr uma história de vida. Eu sempre trabalhei coma educação rural, fora da UFES. Fui para a escola de unidocentes pôr uma questão pessoal, não apenas pôr uma questão de carreira. Eu queria ver como se dava a educação no meio rural e queria contribuir com isso. Compreendi que num dado momento de minha vida aquilo era possível. Isto daí me abriu os olhos para a quantidade de coisas tristes e coisas alegres que são construídas nos mais longínquos rincões do Brasil, pôr professores que muitas vezes não participam de uma teia de vida na Educação (___). Esta experiência de trabalhar no campo rolou de 86 a

90 e era Rede pública estadual, mas a escola unidocente... aquela professora muito sozinha lá no meio rural, com uma educação profundamente urbana, né?

Quando eu vim para a UFES em 92 o primeiro projeto de extensão de que pude participar foi um projeto chamado "Pés na Terra". Este projeto agregou estudantes de vários cursos e tinha pôr objetivo trabalhar com as comunidades de assentamentos rurais. Foi aí que começou a minha relação com o MST, com os movimentos sociais no campo, mais proximamente e de uma maneira institucionalizada. Não mais sozinha como havia feito anteriormente. Nesta época eu era do departamento de geografia e trabalhava com "Pés na Terra", estive em São Mateus com uma pausa de uma noite a caminho do assentamento de Pedro Canário () Neste projeto pôr algum tempo eu participei como professora colaboradora. Depois fui convidada a coordená-lo, mas não pude fazê-lo. Depois ele se extinguiu aqui na UFES ().

Quando eu vim para a Pedagogia foi estabelecida a primeira turma de pedagogia de Terra e eu olhei para aquilo com uma vontade imensa de participar. Mas havia um grupo já estabelecido e envolvido com a situação e não surgiu nenhum convite pôr mais que eu acenasse de que queria participar. Eu entendi até que fosse uma questão de qualificação pessoal. Eu só tinha especialização e os envolvidos, parece-me, já estavam mais adiantados na caminhada acadêmica. Fiquei a ver navios e a sonhar com aquilo sem poder de fato Ter nenhuma ligação com aquilo até o momento em que eu, na chefia do departamento, comecei a perceber que muitas disciplinas do departamento eram ministradas pôr pessoas que não pertenciam ao departamento. O que eu achei errado. (Tosse)

Bom! Então eu comecei a lutar para que as disciplinas que pertenciam ao DDPE fossem ministradas pôr pessoas que pertenciam ao DDPE. Não pôr uma questão corporativa, mas pôr que entendi que as pessoas deveriam se envolver com o projeto de extrema importância, se assim o desejassem. Se não estivessem estimulados para tanto, pelo menos deveriam receber estímulo e incentivo para que pudessem dar a importância que considero Ter este projeto.

Então aconteceu que passou uma professora de alfabetização, no último momento. O curso deveria acontecer na Terça-feira e na Quarta a Laurita, que era coordenadora, se deu conta de que não havia ninguém para ministrar esta disciplina uma fez que a professora desistiu ela ficou muito preocupada e recorreu a chefia do departamento, que eu ocupava, como uma maneira de solucionar o problema. Como era período de férias ou próximo às férias, não consegui que algum professor quisesse de fato dar a disciplina, aí eu vi que era aquela a oportunidade de eu estar perto do curso e me ofereci para fazê-lo alegando a experiência em alfabetização tanto em escolas da zona rural, como urbana e o fato de já Ter ministrado esta disciplina em outras instituições. Com isso a Laurita viu resolvido o problema. Nós passamos este desejo e possibilidade em reunião de departamento. Os professores a provaram e eu fui ministrar a disciplina, encantada.

Conhecer a turma e vivenciar com ela a questão da alfabetização, que eu entendo que não seja apenas o estudo da mecânica do processo de alfabetização, mas na maneira como essas pessoas leriam o mundo e entendendo a importância disso para o momento dos Sem Terra. Eu achei fascinante porque os alunos tem uma tenacidade e um desejo de ler melhor o mundo fascinante. Mas tem () Em especial naquela turma, a dificuldade do conhecimento acadêmico sistemático, da mecânica do processo, da base teórica, né? Que eles se distanciam, que não tem aproximação pôr conta de suas vidas. Além disso tinha uma... vamos dizer assim... como se fosse uns óculos que focavam o olhar sobre uma lente muito especial, que era, que me parece Ter sido, propiciada para eles pela própria filosofia do movimento. Eu fiz questão de dizer isso para eles, causando no primeiro momento um choque muito grande pôr que eles estavam muito seguros do faziam e queriam e eu consegui, pelo menos, abalar esta segurança, mostrando que teriam outros horizontes, que o foco seria muito mais interessante se pudesse reafirmar suas certezas para além da maneira em que estava praticada até então.

Este conflito cognitivo estabelecido causou uma certa inquietude e causou também um desejo de afastar. Eu fiquei muito feliz e esta relação me abriu caminhos e alguns espaços para que eu continuasse encontrando o povo. Aí sim, como chefe de um departamento que oferecia disciplinas para o curso não deixando mais que esta disciplinas resvassem para outras instituições e para outros professores, que muitas vezes eram ligados ao próprio movimento, mas que estavam em outra instituições. Aí eu procurei manter no nosso departamento. Eu quero reafirmar que não é uma questão de corporativismo, era uma questão de imprimir ao nosso departamento a responsabilidade pôr um projeto que é da nossa instituição. Na certeza de que os elementos do nosso departamento teriam, como eu, , muitas vezes o desejo de participar sem poder fazê-lo. Pelo conhecimento que têm armazenado, que têm demonstrado pôr meio de suas pesquisas, poderiam oferecer uma contribuição muito grande ao projeto. Com esta intenção foi que, pôr exemplo, estimulei você para ir e outras pessoas, como a professora Herminia, a professora Magda e uma série de professores do departamento, que conseguiram então fazer este tipo de trabalho.

Depois eu retornei, ministrando a disciplina de geografia, que foi embate, também, bem sério, porque o professor Bernardo Cansado, que é um dos líderes do movimento e está sempre ligado academicamente

ao movimento, havia sido pensado para a disciplina. Eu não abri mão e disse que eu era do departamento e que queria oferecer a disciplina. Fiquei muito feliz quando os alunos me receberam de volta nessa outra disciplina com entusiasmo, com alegria e muito mais bem preparados. Porque uma das coisas que eu pude perceber resultante da minha intervenção na disciplina de alfabetização, foi o fato de eles terem se organizado em grupos de estudo para vencer as suas próprias limitações e dificuldades, no trato com a leitura. Então esta foi uma conquista que eu considerei muito importante e me entusiasmei demasiadamente. Na geografia a gente continuou estreitando estes laços em relação a leitura e a escrita, né?

Eu dizia pra eles: se na alfabetização a gente tem que ler o mundo por meio de todos os textos possíveis, na geografia a gente tem um texto que é a sociedade na relação com a natureza e este texto precisa ser lido, e não apenas lido, mas suscitar um registro, que eu vou chamar de “escrito da vida”. Na geografia você precisa aprender a ler o mundo e escrever a vida. A geografia vai ajudar vocês nisso.

Foi um trabalho muito gostoso, com várias intervenções em campo. Depois eu recebi alguns alunos para orientação e estes alunos são até hoje meus amigos, mantém correspondência comigo, me escrevem sobre o seu trabalho nas escolas do MST

Então este é o meu caos com o MST.

É um caso de paixão, de amor e eu gostaria de poder continuar vivenciando o projeto mesmo vindo que a minha saída do departamento e com as mudanças que aconteceram, talvez eu não possa nem esta participando desta nova turma. Mas tenho certeza de que é de extrema importância o projeto e como eu participei depois do congresso sobre educação básica no campo e do congresso da Pedagogia da Alternância onde volta e meia a gente entra em contato com este pessoal. A gente percebe que o curso de pedagogia da Terra na UFES, guardou características que outras experiências não conseguiram manter: esta vinculação com o aluno sem descaracterizá-lo de sua comunidade, de sua concepção de vida, do próprio MST, o nosso próprio curso guarda com muito cuidado inserindo isto no contexto da vida acadêmica da UFES. É uma coisa que eu pude perceber diferente de outros locais, onde parece-me que o curso acabou acontecendo como um apêndice da universidade onde ele ocorre em extensão ou...de qualquer maneira como um apêndice onde as pessoas acabam não sendo consideradas em sua singularidade, da mesma maneira como aconteceu no campus onde até um acampamento foi montado. Ali a gente podia perceber todo o cotidiano do movimento era mantido, desde a divisão das tarefas à maneira como eles viviam, muito simples, na vida dura, quer dizer: estas camas eram verdadeiros caixotes com colchonetes pôr cima; o alojamento ficava em baixo de mangueiras as frutas caíam sobre o telhado de etenite que quebrava, caíam sobre as pessoas, a chuva entrava; o banheiro era comum; as refeições... quer dizer toda a vida sendo frugal, do ponto de vista deles dentro do campus e os outros alunos tinham uma relação de reconhecimento de que eles pertenciam a uma outra dimensão, vamos dizer, estranha à vida deles, mas com um olhar de carinho e de respeito. Os nossos professores da mesma maneira, buscando conviver na intimidade com aquele estilo, aquele momento de vida ali.

Erineu- O aluno do curso Pedagogia da Terra é um aluno diferente. Caracterizar melhor este jeito de ser professor e como isso pode ajudar a repensar o projeto de formação de professores na universidade como um todo.

M- Eu acho que sempre é tempo de repensar, pôr melhor que se possa pensar que algo esteja sendo feito, cabe sempre um olhar de aprimoramento. Então claro que agente pode estar constantemente repensando todas os nossos projetos de educação. Este professor do MST, ele me chama a atenção inicialmente pelo desejo mais profundo e evidente de crescer de aprender e de se envolver com um sistema de formação sistemática que o permita transitar da condição de sua concepção de vida, vamos dizer assim, “mstuiana” se posso estar me referindo a vida deles com esta palavra. Há uma concepção que vale entre grupos dominantes da sociedade. Me causou um carinho enorme uma vontade de mergulhar de tentar entender como isto se dava de fato. Eu acho que esta seria a grande mola que poderia fazer detonar este mesmo desejo, esta disciplina, esta força em alunos de cursos regulares. Mostra que é uma coisa fantástica quando você vê uma mulher como algumas que (não vou citar nomes) que é capaz de acolher em seu colo um companheiro ferido de bala e faca, foice no confronto armado por conta de suas convicções de conquista e democratização da terra. Essa mesma mulher valente que arrasta este companheiro no meio da mata, da fazenda até um ponto em que possa salvá-lo resguardá-lo, ela tem a doçura de acolher uma criança e a encanta como projeto de futuro. A gente percebe () entre estes educadores. Eu fico me perguntando: como o MST com toda a força da sua linha de trabalho...se pôr traz disso não vem na concepção verdadeira do que seja a educação. E me parece que estes professores nascem exatamente do encontro destas duas coisas: do desejo de modificar o mundo e do desejo de sua participação dentro do movimento.

Aí falta muita coisa: você perceber que a escrita é muito falha, a leitura tem dificuldades. Às vezes me assombrava muito que eles conheciam textos literalmente de autores da educação e os citavam com muita facilidade. Como () reforço e refúgio para garantir as suas concepções de mundo e

paradoxalmente sentiam uma dificuldade enorme de estar compreendendo outro texto, mais simples que deveria orientá-los em seu fazer pedagógico, no planejamento, na sequência didática, numa orientação de avaliação. E a gente fica se perguntando como é isso, o que falta na universidade, na academia, nos cursos de formação ditos regulares, conseguíssemos imprimir neste alunos esta mesma gana, esta mesma força, esta mesma vontade, esta mesma disciplina de acordar às 5 horas da manhã, varrer o quintal, lavar o banheiro, arrumar a cama, fazer café. 15 para as 7 estar em é cantando o hino, já tendo tomado um café frugal, que era pão, leite e café e após entoadado o hino fazer a mística do dia.

A cerimônia da mística sempre encanta porque ali eles põe a sua maneira de ver o mundo de uma forma simbólica, como uma marca para começar do dia e depois se dedicou ao estudo de baixo de um calor insuportável em uma sala que as vezes tinha um ventilador para uma turma de 63, 64 alunos até o meio dia. Uma hora para o almoço. Volta. Parávamos às 5 e voltávamos à 6 e as 10, eu já estava enlouquecida de sono e a turma toda acesa. Muitas mulheres com filhos nos braços.

Uma dificuldade de compreensão, uma lentidão na percepção das propostas, mas todos ali sem afastar um milímetro do desejo. E um professor que merece o respeito da gente, um aluno que desafia a gente a cada dia.

Erineu- esta questão se situa naquilo que chamei de Etos profissional docente. Que ética é essa que queremos construir coletivamente e como o MST, pelo setor da Educação pode ajudar enquanto profissionais da educação, a resgatar nossa identidade, enquanto profissionais da educação. Você trata isto bem: este enraizamento no contexto social com todas as contradições que a gente vive e o compromisso que a gente tem enquanto educador para o novo investido não só na criança que vem chegando, mas apostando na socialização como um processo coletivo que implica no encontro de diferentes experiências e culturas...

(...)

M- Tenho procurado em várias outras circunstâncias promover no grupo de professores e alunos com os quais eu trabalho esta identidade de ser professor. Às vezes se fragmenta pôr circunstâncias sociais de diferenças de objetivos na vida que para mim não é suficiente para não propor um grupo que pretende estudar a forma de ser professor, uma fragmentação que não supere esta característica de que as semelhanças nos aproximam, mas as diferenças nos enriquecem e ao mesmo tempo eu penso que tal como se fosse como polos opostos que se atraem, elas fazem da gente um complexo muito mais amalgamado do que outros onde estas diferenças não se evidenciam com respeito e como forma de aconchego.

Aqui na Universidade, o que causa esta ruptura e que causa uma dificuldade enorme- porque a gente trabalha a questão da identidade do professor, numa idéia coletiva de construção de conhecimento- é o regime de créditos, porque você tem turmas que não chegam a formar um grupo.

Transcrição da entrevista realizada com a professora Marlene Cararo Pires que lecionou a disciplina História da Educação Brasileira na primeira turma do curso pedagogia da terra.

Eliesér: Nós vamos conversar com a professora Marlene que lecionou na primeira turma do curso pedagogia da terra. Professora Marlene fala pra nós como foi sua experiência como professora da primeira turma do curso pedagogia da terra.

R. Estive lá em 1999/2000. Eu trabalhei com a disciplina História da Educação Brasileira. Primeiro é importante dizer o seguinte: a gente que participou bastante ativamente do processo desse curso; é um processo bastante complicado, o curso superior que estou falando. Porque na verdade não foi uma coisa simples dentro da UFES esse curso ser aprovado. E na minha opinião algumas ponderações que eram feitas, até pra você Zen faz sentido já que você está trabalhando a questão epistemológica. Por exemplo sempre me inquieta, eu sou da área de fundamentos da educação, de política educacional, procuro trabalhar com um enfoque crítico marxista sem ser limitado, ainda me mantendo um pouco nesta perspectiva da educação de classe, da educação popular. Eu fico pensando, um curso de pedagogia próprio para o MST, um curso de pedagogia próprio para educadores dos assentamentos, será que é por aí o caminho? Cursos peculiares para educadores indígenas, para educadores da terra, então que cursos teriam para os jovens e educadores das classes populares em geral? Isso me inquieta. Eu acho que o MST fez um processo extremamente importante e avassalador de luta e ele conseguiu esse curso com muita luta, não foi uma coisa do âmbito acadêmico, embora que academicamente tenha a participação da Laurita que é uma pessoa que historicamente tiveram um papel fundamental. Mas sem dúvida foi a pressão do MST mesmo; pressão e grana, os dois lados, porque, é um curso que tem financiamento, então eu acho que isso facilita as coisas. Se ele não tivesse financiamento objetivamente não teríamos professores para dar aula,

então o fato de ter financiamento facilita as coisas. E aí a competência do MST no sentido de pressão de mobilização popular de arrancar esse dinheiro.

Então eu na avaliação que fizemos da primeira turma, a Laurita fez uma avaliação da primeira turma e eu participei ativamente. É isso que a gente quer um curso de pedagogia para educadores/as da terra? Um curso para educadores indígenas? Ou nós queremos um curso de pedagogia que tenha condições de abranger a complexidade que seria as demandas dos setores digamos historicamente oprimidos e marginalizados da população? Porque aí eu quero saber o seguinte onde ficam os alunos advindos das escolas públicas? Agora por exemplo nós temos as cotas para os negros, que eu acho que é um outro viés da mesma discussão, que eu concordo, que acho interessante. Nós abrimos um curso para o MST, agora já está em andamento o processo para educadores indígenas que vai mais ou menos pelo mesmo caminho. Agora eu fico pensando e as classes populares brasileiras historicamente excluídas, vai ter um curso só pra elas? Como é isso? Na minha opinião isso é uma questão de caráter da educação, do objetivo da educação, do caráter de classe da educação e portanto uma questão muito relevante. E que você poderia dizer não, não tem um curso especial para o MST porque não tem um especial para os alunos das classes populares que também são historicamente oprimidos, pelo contrário eles tem que enfrentar vestibular, eles não tem como fazer cursinho, ou seja, na minha opinião isso permanece como uma questão que me inquieta. E eu sou professora de História da Educação Brasileira e eu tenho clareza que o ensino superior no Brasil, mesmo a área de pedagogia que é mais popular ainda é extremamente difícil e excludente. Eu aponto esse problema não a partir de um pressuposto neoliberal pelo contrário a partir de um pressuposto crítico, ou seja, a partir de um paradigma crítico de como analisar isso de um ponto de vista mais amplo, mais macro, enquanto política de ensino superior no Brasil. Então mesmo com essa contradição nós sempre defendemos o curso, não tivemos dúvidas de que era um curso importantíssimo, portanto, eu fiz logo questão de ir. Foi uma experiência maravilhosa, logo que acaba o curso eles tem aqueles rituais maravilhosos, o que eles chamam de mística. Quando eu voltei do curso fiquei mais de uma semana em estado de êxtase, eu falava pra meus filhos, é uma experiência tão rica. Então deixa eu destacar alguns aspectos: primeiro a questão de ser concentrado, alunos/as do Brasil todo e me impressionou muito as mulheres (mulher com criança pequena, mulher nova, mulher mais velha) aquele mulhêrio, aquilo me encantava tanto e a garra do pessoal, essa coisa de ser concentrado é muito interessante, que o pessoal se concentra e rende muito; Eu rigorosamente posso falar que trabalhei lá com a mesma qualidade dos cursos de pedagogia da UFES e eu diria que do ponto de vista dos alunos lá com mais qualidade, porque lá tem uma coisa que aqui não tem, pelo menos a-priori, que é o interesse, o desejo. E como eu trabalho com a história da educação numa leitura crítica, procurando trazer a questão das classes populares, então a afinidade era muito grande; Então você acorda as seis horas da manhã vai para a mística de lá pra sala e tá tudo ali, você não tem que pegar ônibus e estar na escola uma hora como nossos alunos aqui; E assim eu acho que o grupo é muito diferenciado, tem pessoas que já estão num nível de elaboração teórica, macro-política muito grande, outros menos, isso eu sentir, a questão do entusiasmo, da clareza total de todos quanto aos objetivos do curso, que ele foi objeto de luta, por isso nós temos que valorizar, ele é conquista nossa e nenhum momento eu escutei reclamações, como aqui na UFES, mas lá eles o tempo todo ligado, antenado, em estudo de textos de noite. E eu volto a dizer que usei a mesma metodologia que uso aqui na UFES. Agora o que eu vi de grilo que me chamou atenção na época? Eu achei que algumas pessoas em nível de aquisição e domínio da leitura e da escrita estavam deixando a desejar. Na minha opinião a minoria. Uma dificuldade muito séria na leitura e na escrita. Menos na fala porque já tem uma convivência no grupo. Porque é um curso de pedagogia da terra nós temos que dizer que é menos? Pelo contrário. Então isso eu trabalhei muito com eles da necessidade de ler mais. Passamos alguns livros para eles lerem. Edna e eu fizemos isso de forma interdisciplinar. Essa deficiência se deve pelo fato da seleção para o nível superior não ter sido bem feita, eles fizeram um vestibular bastante simples, o processo seletivo é bastante simples, muito menos que nossos alunos daqui. Na época todos que fizeram o processo de seleção entraram (60). Então isso poderia ser pesquisado do ponto de vista da avaliação. O que eu teria de ressaltar numa avaliação seria isso. Pelo fato de ser um curso do MST ele direciona toda a metodologia, toda a análise, todas as disciplinas metodológicas para a questão de classe. O curso pedagogia da terra tem um eixo de classe muito claro. Acho o curso muito bem organizado. Eu vivi aquela mística das Cebes, do compromisso coletivo, da responsabilidade social. É um curso que tem claramente um comprometimento político, da luta pela reforma agrária, a posse da terra, a produção no sentido bem mais amplo. Eles tem uma clareza do papel da educação como papel estratégico nesta luta por um projeto de transformação e desenvolvimento social. Os valores de solidariedade, o trabalho em grupo, a não dicotomia entre trabalho manual e intelectual.